

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
NÍVEL MESTRADO**

AUGUSTO RADDE

**ENTRE PRAZER E NECESSIDADE, O DISCURSO DO CORPO NA
PROSTITUIÇÃO MASCULINA**

**Porto Alegre
2014**

AUGUSTO RADDE

**ENTRE PRAZER E NECESSIDADE, O DISCURSO DO CORPO NA
PROSTITUIÇÃO MASCULINA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Especialidade: Teorias do Texto e do Discurso.

Linha de pesquisa: Análises Textuais e Discursivas.

Orientadora: Dr^a. Maria Cristina Leandro Ferreira

Porto Alegre

2014

RESUMO

Este trabalho de pesquisa filia-se à teoria da Análise de Discurso de linha francesa, desenvolvida pelo filósofo Michel Pêcheux, e tem como tema central o discurso do garoto de programa no que se refere a sua relação com o corpo e com a percepção de sua posição social. Viso analisar de que modo se constrói a subjetividade desse sujeito em relação ao próprio corpo e em relação ao lugar marginalizado que ele ocupa na sociedade, considerando o corpo como uma materialidade discursiva, situado entre a língua e o sujeito, também constitutivo de sentidos. Do mesmo modo, busco perceber de que modo o dizer da prostituição masculina traz a contradição, bem como de que maneira o imaginário social percebe essa prática na contemporaneidade. Para tanto, aspectos como a cultura, a ideologia e o inconsciente são bastante explorados, na tentativa de desvendar as tramas de sentidos possíveis que se realizam no funcionamento discursivo desses dizeres do garoto de programa. Os discursos para análise foram buscados em blogs e reportagens, disponíveis em mídias digitais que tratam do tema, espaços estes que mesclam dizeres e que permitem a escuta tanto do garoto de programa, objeto central deste trabalho, como de outros sujeitos que com ele dialogam. A Antropologia e a Psicanálise são as áreas visitadas neste trabalho, a fim de que, articulada aos saberes da AD, seja desenvolvida uma escuta mais apurada a respeito do discurso do corpo e desses sujeitos que protagonizam a prostituição masculina.

Palavras-chave: Sujeito. Corpo. Cultura. Prostituição masculina. Sentido.

ABSTRACT

This research subscribes the theory of Discourse Analysis of the French line, developed by the philosopher Michel Pêcheux, and it has as main theme the discourse of male prostitute regarding their relationship with the body and with the perception of their social position. My aim is to examine how the subjectivity of this subject is built in relation to their own body and in relation to the marginalized place he occupies in society, considering the body as a discursive materiality, situated between the language and the subject, also constitutive of meaning. Similarly, I seek to understand, how the saying of male prostitution brings the contradiction, as well as how the social imaginary identifies it in contemporary times. To do so, aspects such as culture, ideology and the unconscious are quite explored in an attempt to unravel the plots of possible meanings that take place in the discursive operation of the sayings of the male prostitute. The discourses for analysis were searched in blogs and news stories, available on digital media that raised the topic, spaces that mix sayings and allow the listening of the male prostitute, the central object of this work, as well as other subjects that dialogue with him. Anthropology and Psychoanalysis are the areas visited in this work, so that, in combination with the knowledge of AD, a more accurate listening about the discourse of the body and those guys who are the protagonists in male prostitution is developed.

Keywords: Subject. Body. Culture. Male prostitution. Meaning.

SUMÁRIO

1 ENTRANDO NO LABIRINTO	5
2 ENTRE TEORIA E OBJETO, O CORPO EM DISCURSO	8
2.1 O CORPO DA CULTURA SITUANDO O OBJETO.....	9
2.2. A CULTURA DO CORPO DIRECIONA(N)DO PEL(A) TEORIA	25
2.3 O CORPO DA PROSTITUIÇÃO MOBILIZANDO NOÇÕES ANALÍTICAS	33
3 O SUJEITO E SUAS REPRESENTAÇÕES	41
3.1 ENTRE IDEOLOGIA E INCONSCIENTE, A RESISTÊNCIA DO SUJEITO DO DISCURSO	47
3.2 “QUERO UM PAGAMENTO PARA ME DEITAR”: O SUJEITO CONSTITUINDO(-SE) (N)A PROSTITUIÇÃO (ANÁLISES).....	53
4 ENTRE CORPO E CULTURA, CONSTITUI(EM)-SE O(S) SUJEITO(S)	65
4.1 O CORPO E A CULTURA NA PSICANÁLISE	67
4.2 O CORPO E A CULTURA NA ANTROPOLOGIA.....	82
5 SAINDO DO LABIRINTO PARA NELE PERMANECER.....	91
REFERÊNCIAS.....	94

1 ENTRANDO NO LABIRINTO

As diferentes maneiras de tratar o corpo na nossa cultura levaram-me a considerá-lo como um lugar produtivo de análise, quando discursivizado, pela perspectiva teórica que fundamenta este trabalho, a Análise de Discurso pecheutiana (AD). Constituído socialmente, o corpo assume o estatuto de objeto de reflexão de diversas áreas do conhecimento, o que permite que a AD, enquanto disciplina de interpretação, seja revisitada, como é característica de seu funcionamento teórico, por uma área já bastante articulada aos seus “domínios”, a Psicanálise, e adentre as fronteiras de outra área nem tão requisitada em seus estudos, a Antropologia.

De um modo geral, o corpo é uma noção que perpassa o imaginário social de uma maneira a que sobre ele recaem várias questões as quais dizem respeito ao funcionamento dos sujeitos em uma sociedade. Aspectos como sexualidade, religiosidade, moralidade, consumo, estética, por exemplo, se organizam de modo a conduzir os corpos por entre a história, levando os indivíduos a comportamentos os quais demonstram a liberdade e o controle que, simultaneamente, os constituem na sociedade contemporânea. Nesse sentido, o corpo na prostituição surge como um interesse de pesquisa durante o desenvolvimento dos meus estudos de mestrado no programa de pós-graduação em Letras da UFRGS.

A prostituição, enquanto prática de sujeitos a serviço do consumo que rege o nosso imaginário, constituído sob a ideologia capitalista, coloca em cena o corpo como sexuado, em sua relação com o biológico, enquanto o constitui como um lugar afetado pela ideologia, em seu aspecto social, já que ele é utilizado para uma prática específica e por um grupo social específico. Tais considerações articulam o corpo às questões mencionadas no parágrafo anterior de forma bastante intensa, ou seja, se utilizado como um objeto de trabalho, a sexualidade a ele inerente passa a funcionar de modo singular, causando diversidade de opiniões e diferentes maneiras de controlá-lo. No espaço da prostituição, o corpo passa a significar ruptura com os padrões sociais pré-estabelecidos, enquanto lugar de um sujeito que resiste às

imposições culturais, ao passo que alguns aspectos desse controle, dissimulado sob o aspecto da liberdade sexual, o mantêm grudado a noções de ordem moralista e, portanto, conservadora. Em tempos de um ainda vigente machismo, a prostituição masculina figura como um atenuante dessa contradição, fato que me despertou ainda mais o interesse por esse assunto.

Durante o percurso desta pesquisa, tive a grata oportunidade de conversar com a psicóloga Cláudia de Quadro, a qual coordenou um grupo de assistência e prevenção às doenças sexualmente transmissíveis direcionado aos garotos de programa, também conhecidos por *michês*, no GAPA (Grupo de Apoio a Prevenção da AIDS), aqui da região de Porto Alegre, com foco de trabalho sobre os garotos que se prostituíam nas ruas da cidade, especialmente no Parque da Redenção. Essa conversa me fez perceber que o funcionamento discursivo dos dizeres da prostituição masculina, por seus praticantes, traziam, independente do lugar no qual circulavam, marcas as quais caracterizavam um grupo e práticas que conduziam esse grupo no caminho do trabalho com o corpo. De acordo com a psicóloga, durante a conversa e através da leitura de um artigo no qual ela relata esse trabalho (2005), pude perceber que algumas coisas se mantinham muito semelhantes ao que surgia durante o meu trajeto de pesquisa: a principal semelhança consiste no fato da grande dificuldade de contato com esses sujeitos.

Nas ruas, a dificuldade se impunha a ela e sua equipe, de modo que depois de muitas tentativas o grupo conseguiu a aproximação a qual permitiu a realização do seu trabalho. Na mídia digital, espaço específico onde realizei minha pesquisa, esse contato foi ainda mais difícil e nenhuma conversa direta foi possível, já que nenhum dos garotos procurados através de email deu retorno. Desse modo, os recortes que compuseram a base para a minha análise aconteceram a partir de material recolhido de *blogs* e de *sites* que apresentam entrevistas, sem que alguma conversa entre mim e eles fosse possível. Vejo aí uma busca constante pelo anonimato. Outra semelhança consiste no fato de que questões de preconceito social permeiam suas práticas e seus discursos, de modo que uma identidade com características singulares configure esse grupo, o qual vive à margem na nossa sociedade.

Para tratar esses e outros aspectos, neste texto, artigo, como já disse, o olhar ao corpo através de uma perspectiva social, sob os estudos antropológicos e de uma perspectiva psíquica, pelo viés psicanalítico, a fim de que a interpretação empreendida seja mais alimentada por noções tão caras à AD. Saberes que convergem no que diz respeito ao social e ao individual enquanto construções que passam pelo imaginário controlado socialmente e pela capacidade de ruptura com esses saberes, onde o inconsciente e a ideologia, e relacionados a eles o corpo e a cultura, articulam-se no sujeito para desestabilizar os sentidos e colocar em xeque a aparente homogeneidade dos universos logicamente estabilizados.

A partir dessas questões, estruturei este trabalho em três capítulos: o primeiro apresenta uma visão geral sobre as condições de produção do discurso do garoto de programa (da prostituição), mobilizando a teoria em função do corpo sexuado que é tratado nesse discurso; o segundo é dedicado ao sujeito, elemento central na AD, através do qual diversas noções que compõem o aparato teórico-analítico são trabalhadas na análise. Nesse capítulo já aparecem algumas análises que mobilizam as principais noções articuladas a partir da percepção dos processos discursivos que funcionam no objeto em análise; o terceiro traz uma articulação mais aprofundada entre as áreas mencionadas e a AD, de modo a dar um destaque merecido ao corpo neste trabalho, enquanto condutor das principais questões que nortearam a minha pesquisa. A cultura também aparece como destaque nesta parte do trabalho, bem como na constituição da pesquisa sobre o corpo na prostituição.

2 ENTRE TEORIA E OBJETO, O CORPO EM DISCURSO

O corpo humano é a carruagem. Eu, o homem que a conduz. O pensamento, as rédeas. Os sentimentos, os cavalos (Platão).

A prostituição é uma prática que se configura pelo trabalho com o corpo. O termo trabalho, por sua vez, remete às condições mercadológicas regidas pela formação social capitalista que nos constitui enquanto sujeitos na contemporaneidade. Nesse sentido, o corpo assume um estatuto de produto consumível no que diz respeito à sexualidade, ao passo que se torna o lugar de inscrição do sujeito do discurso, imerso em uma cultura que o determina e que por ele é determinada. Para além de biológico e físico, o corpo é investido de aspectos sócio-ideológicos os quais determinam a conduta dos sujeitos ao longo dos tempos. Um corpo que se mostra e que se esconde, enquanto abrigo de um sujeito duplamente constituído: assujeitado pela ideologia e cindido pelo inconsciente.

Nesse sentido, torna-se fundamental olhar para o discurso da prostituição, sobre a sexualidade do corpo num contexto mais amplo, a partir de um percurso histórico, de uma trajetória dos sentidos sobre o corpo sexuado na história, tendo em vista que considero aqui o discurso como um lugar que une língua e ideologia, no qual dizeres e não dizeres participam de seu funcionamento e mobilizam sentidos, produzindo efeitos. Estamos diante de um corpo que está, simultaneamente, a serviço do lucro, regido pela “necessidade”, e do “prazer”, condicionado pela busca de satisfação, primordialmente no tocante à satisfação sexual.

Do mesmo modo, é preciso olhar um pouco para a história da prostituição masculina, a fim de perceber como os sentidos foram historicizados ao longo do tempo, a partir de condições específicas de produção dos discursos. Sabemos que em cada momento da história, a sociedade foi regida por determinações ideológicas específicas, mais ou menos estáveis, fato que fundamenta o discurso sob a perspectiva da AD. Na pós-modernidade, que efeitos de sentido circulam quando o garoto de programa traz a prostituição para o seu discurso? E quando as questões

acerca do corpo sexuado, da sexualidade e do prazer emergem em seus dizeres? É dessas questões que me ocuparei a seguir.

2.1 O CORPO DA CULTURA SITUANDO O OBJETO

É quase impossível conciliar as exigências do instinto sexual com as da civilização (Freud).

A construção linguística que dá título a este subcapítulo apresenta, em sua ordem sintática, a palavra corpo na posição de núcleo do sujeito, enquanto a palavra cultura, que participa da composição desse sujeito, aparece imediatamente como seu adjunto, indicando algo que o possui. Ou seja: a contração “da” indica linguisticamente que esse corpo é da cultura, no sentido de posse. Na perspectiva deste trabalho, a partir de um olhar discursivo, esse corpo passa a ser considerado determinado, construído pela cultura, enquanto corpo discursivo que serve de lugar de inscrição do sujeito e, logo, de efeitos de sentidos. No entanto, ele não é constituído apenas pela cultura, já que possui alguma autonomia que lhe permite resistir e romper com padrões, até mesmo porque a cultura é entendida, aqui, também como um lugar de falta.

A questão do corpo sexuado percorre a história não sem mutabilidade, mesmo que concepções e costumes permaneçam no imaginário social a respeito dele. Falar do corpo da cultura é levar em consideração aspectos que dizem respeito a diversos domínios do saber, principalmente quando se trata desse corpo relacionado ao prazer, às sexualidades. Religião, casamento, adultério, amor, saúde, doença, dor e satisfação são alguns assuntos, como mencionado anteriormente, que estão diretamente relacionados ao corpo, ao corpo que faz sexo, que deseja e que é utilizado como instrumento de trabalho.

Ao longo do tempo, principalmente a partir das revoluções que visaram à liberdade e à igualdade dos povos, a partir de uma democratização social, o corpo passou a ser objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento. Da medicina à sociologia, passando por questões de ordem antropológica, filosófica e psicanalítica,

ele assume um papel de importância na vida dos sujeitos e passa a significar um aliado para a luta das classes marginalizadas contra os discursos ligados ao poder. O corpo investido de possibilidades de direitos iguais, em oposição a imposições de controle: “um lugar importante de repressão, um instrumento crucial de libertação, a promessa de uma revolução”. (COURTINE, 2009, p. 09).

E isso não se deu por acaso, já que práticas sociais, relacionadas ao uso do corpo para diversos fins, alcançaram seu apogeu no avançar de uma ideologia burguesa que trouxe consigo os ideais de mercado, marcados pela busca da autonomia, dos direitos e de uma liberação de costumes oriundos de um tempo já enfraquecido, aquele marcado pela religiosidade a qual impunha padrões e moralidades que já não cabiam, e não cabem, mais na cultura dos “direitos iguais”.

A historiadora Anne-Marie Sohn (2009), em um artigo que compõe o livro organizado por Courtine, Corbin e Vigarello, *História do corpo 3: as mutações do olhar*, nos apresenta um percurso histórico sobre as práticas e mudanças pelas quais passaram as sociedades a partir do final do século XIX, focando na configuração do século XX. Localizado na parte dedicada aos desejos e às normas, o texto da professora traz um panorama que perpassa as “evoluções” referentes à sexualidade, no que tange à busca pelo prazer e pela *libertação dos corpos*, as quais representam a cultura contemporânea.

Através de um início marcado pela prática de mostrar os corpos, com foco na questão da mulher, a autora percorre algumas das mudanças nas relações dos costumes que passam pela divulgação da imagem do corpo, iniciada com o cinema, pela diminuição dos pudores, o que leva, por exemplo, a uma dissociação entre o sexo e a reprodução, por questões médicas, as quais, enquanto possibilitam avanços no que se refere à prevenção de doenças e à preservação da saúde, podem representar práticas de controle e gestão dos corpos, e por questões morais e religiosas, as quais sofreram mudanças radicais ao longo do tempo, já que o casamento, por exemplo, conforme a autora, atingiu um estado de enfraquecimento que mantém relação íntima com a liberação pela busca do prazer, aquele destituído de qualquer convenção social mais rigorosa, ou seja, do prazer fora da instituição religiosa a qual configura o união do homem e da mulher: o casamento.

Organizado em torno de questões mercadológicas, o discurso sobre o sexo alcança seu auge com a divulgação da pornografia, a qual contribui para uma mudança na relação dos sujeitos com seus corpos que aparece, por exemplo, com a prática da masturbação. Nesse sentido, discussões sobre a igualdade de gênero se ampliam, levando as feministas a questionarem práticas e discursos que remetem ora à democratização do prazer, ora à manutenção de uma desigualdade de ordem machista. Tudo caminha para o acontecimento de uma reforma sexual, a qual, de acordo com a autora,

[...] tem como propósito, ao mesmo tempo, fomentar a educação sexual e a procriação consciente, prevenir a prostituição e as doenças venéreas, lutar contra a estigmatização das sexualidades marginais e promover a igualdade dos sexos. (SOHN, 2009, p.120).

Ela apresenta, ainda, uma leitura da história que comenta rapidamente a influência da psicanálise, com Freud, no que se refere às questões da sexualidade na constituição psíquica e anatômica do homem e da mulher, deixando entrever a posição até certo ponto machista que coloca o homem em vantagem em relação à mulher, já que é ele o portador da virilidade que é representada anatomicamente pelo pênis e psiquicamente pela libido, a qual é considerada como, enquanto motor do desejo, masculina. Ao apresentar outros autores que ao longo do tempo se dedicaram a essas questões, ela salienta o fato de a grande maioria ter-se baseado em relações de binaridade dos sexos, masculino/feminino, as quais podem ser vistas, enquanto aspectos de ordem política e ideológica, na língua: “passiva/ativo, iniciada/iniciador, conquistada/conquistador. A sexualidade feminina é a principal vítima dessa leitura distorcida”. (p. 121).

Essas questões semânticas trazem na base lingüística aspectos que dizem respeito a um pensamento marcado pela divisão dos sexos não apenas no que se refere à anatomia, mas, e muito mais importante, a questões culturais, de poder, que colocam a mulher em posição de inferioridade em relação ao homem no tocante à sexualidade, ao corpo. As expressões trazidas pela autora atestam que a oposição dominador/dominado é articulada em discursos e práticas que dizem respeito ao corpo sexuado, apresentando uma desigualdade que é vista em vários outros setores das relações sexuais, o que sempre foi alvo de lutas feministas ao longo do tempo.

Mas a final o que isso tem a ver com a prostituição masculina?

Localizada entre as fronteiras que dividem a tradição da novidade, pela busca do prazer, a prostituição masculina apresenta na contemporaneidade, como já acontecia em tempos antigos, uma maneira nova de lidar com a sexualidade, sem que se mantenha cúmplice de uma ordem que tenta controlar os corpos cultural e ideologicamente. Apesar de inovar, enquanto prática histórica que conduz o sexo de modo não convencional, dissociado da reprodução ou do casamento, a ordem que divide os sexos em relação de dominação (dominador/dominado) permanece nas práticas e no discurso daqueles que a praticam.

Em relação à prostituição masculina, o garoto de programa apresenta a binaridade mencionada quando fala de si, do corpo e de sua sexualidade. A defesa da virilidade é mantida para que, mesmo contrariando os padrões, algo deles permaneça e torne possível um passo além da margem social em que essa prática se configura. Dualidades como ativo/passivo, norma/desvio, amor/desejo, medo/aventura por ora marcam implicitamente, e às vezes de modo explícito, o discurso dos garotos de programa. Tudo parece funcionar a partir de uma disciplinarização que impõe a heterossexualidade em detrimento da homossexualidade, de modo que, agora mais claramente, algo na prostituição seja conduzida em prol de uma cultura a qual, ao passo que transforma e rompe com padrões preestabelecidos, reproduz a estrutura de ordem machista, baseada na relação desigual entre dominador e dominado. Algo parece lembrar a relação de classes que conduz a história.

Foucault, em um percurso histórico através do qual retoma questões referentes à sexualidade, busca nos séculos I e II reflexões sobre o regime da relação social dos sujeitos com seus corpos, o qual se constituiu a partir de uma moral dos prazeres, condicionada por um imaginário pautado no “cuidado de si”. Através de um retorno ao pensamento de alguns filósofos e médicos da antiguidade, o autor traça a linha sobre a qual andava a sociedade, bem como trata de possíveis mudanças ocorridas, no que tange ao comportamento sexual dos sujeitos, ao longo da história.

Segundo ele, o cuidado de si recai sobre o domínio a que deve se submeter o sujeito em relação ao corpo, principalmente em relação aos prazeres buscados nos atos sexuais, ou seja, é preciso que o sujeito haja em prol de uma razão capaz de dominar os desejos vazios em relação ao sexo, responsáveis, de acordo com pensadores da época, por alguns males causados ao corpo. Foucault nos diz, no entanto, que essa cultura de si desenvolveu-se, ao longo do tempo, sem que as proibições aumentassem em sua autoridade, que barrassem descaradamente o desejo, mas sim que causassem modificações na subjetividade moral. Nas suas palavras:

E, finalmente, o ponto de chegada dessa elaboração é ainda e sempre definido pela soberania do indivíduo sobre si mesmo; mas essa soberania amplia-se numa experiência onde a relação consigo assume a forma, não somente de uma dominação mas de um gozo sem desejo e sem perturbação. (FOUCAULT, 1985, p. 72).

Nesse sentido, é possível perceber que o controle dos corpos visa, desde os tempos mais remotos, atingir os sujeitos em sua maneira de estar no mundo, de viver em sociedade. Ao nos dizer que o controle existe, para além da dominação, possibilitando ao sujeito *um gozo sem desejo*, Foucault nos leva a perceber que o que está em jogo é uma forma de domínio mais velada, que, no entanto, se configura como extremamente violenta enquanto prática que atinge a subjetividade e impõe, dissimuladamente, a partir de uma cultura organizada de tal forma que os sujeitos não se deem conta, uma relação imaginária entre eles e sua sexualidade.

Estamos diante de um universo que se quer, conforme Pêcheux (2008), estabilizado, onde as práticas e discursos procedam de tal forma a não infringir as “leis naturais” que regem a sociedade, onde as relações aconteçam sem que a ordem seja submetida a mudanças relativas às “vontades” dos sujeitos, isto é, um universo através do qual não haveria intervenção concreta do sujeito do inconsciente, como é concebido na psicanálise, já que nesse universo o sujeito da razão, empírico, seria chamado exatamente no momento em que sua exclusão se faria presente.

Contudo, um aspecto chama a atenção nesse estudo de Foucault: as relações sexuais, como a atividade mais concreta da busca pelos prazeres, sempre foram reconhecidas a partir de sua ambivalência, ou seja, é entre a indução e a cura

de doenças que elas se constituem, de modo que seus efeitos possam funcionar, respectivamente, como patológicos ou terapêuticos. E essa ambivalência recai sobre a função dos prazeres do corpo, pois o que é eliminado numa relação sexual tanto pode trazer alívio como significar perda: “Tal é o paradoxo dos prazeres sexuais: a alta função que a natureza lhes confiou, o valor da substância que eles têm de transmitir e, portanto, perder – é isso mesmo que os aparenta ao mal” (p. 117).

Aproximando esse paradoxo à Psicanálise, podemos ler em Lacan, quando retoma os ensinamentos de Freud, todo um trabalho em torno da sexualidade, a partir do qual o autor apresenta um estudo sobre a importância do corpo. Este assume uma divisão que o integra aos registros simbólico, real e imaginário, configurando-se como um elemento fundamental na constituição das subjetividades, já que é parte essencial da engrenagem da linguagem e da sexualidade, elementos responsáveis pela fundação e formação do sujeito.

Jorge e Ferreira (2005) retomam esses registros através de uma leitura comparativa entre Freud e Lacan que se mostra bastante esclarecedora: segundo eles, é no registro do *imaginário* que se formam os ideais do sujeito enquanto desejos do outro, ou seja, nessa fase a criança existe em função de sua relação com o outro, ela é o reflexo do desejo da mãe. A imagem do corpo assume, então, extrema relevância, já que ela é vista, em Freud, como a fonte de investimentos libidinais, enquanto em Lacan, denominado como *estádio do espelho*, o imaginário representa o momento em que a criança enxerga seu corpo como um todo, possibilitando a ela a ilusão de um domínio, numa fase em que ela é totalmente dependente do outro, e de “uma saída para a experiência dolorosa do corpo despedaçado” (p. 40).

Essa fase, então, do corpo imaginário, revela-se como fundamental na constituição do sujeito. É a partir dela que o sujeito assume uma relação com o corpo na qual a ordem do imaginário sempre prevalecerá, causando a eterna ilusão de completude no sujeito e tornando-se a “sede de todas as relações imaginárias” (p. 41). Daí o fato de ele acreditar na capacidade de controlar o seu corpo e através dele se singularizar, esquecendo-se, para forçar uma aproximação com a AD, de que é assujeitado e determinado ideológica e culturalmente.

O registro do *simbólico* é o momento responsável pela fundação, de fato, do sujeito, já que é com sua entrada no simbólico, na linguagem, que o sujeito passa a existir enquanto sujeito do inconsciente. O corpo, nesse registro, assume um lugar importante, pois passa a ser o responsável por mediatizar a relação entre o imaginário e o real, ou seja, é na linguagem, assim como no corpo simbólico, que aparece o sintoma e que os sentidos podem aparecer como incompletos, dado o caráter de lugar de falha e de furos que o caracteriza, onde o imprevisível pode surgir e desestabilizar a ordem.

É nesse momento de encontro com o significante que o sujeito aparecerá como resposta ao primeiro contato do sujeito ainda inconstituído na relação que apreende, com os aspectos sociais, através da figura do Outro, encarnada pela mãe, conforme Freud. O corpo físico do bebê deixa então de ser apenas imaginário e reflexo do outro – a mãe –, agora a partir do desdobramento do Outro conceituado por Lacan, para tornar-se simbólico, emergindo, junto com o sujeito, como um elemento do inconsciente e, portanto, da linguagem. Nessa fase, o que chega ao bebê, então, é “[...] um conjunto de marcas materiais e simbólicas – significantes – introduzidas pelo Outro materno, que suscitarão, no corpo do bebê, um ato de resposta que se chama sujeito”. (ELIA, 2004, p. 41).

Essa reflexão fundamenta-se no aforismo lacaniano que diz que o *inconsciente é estruturado como uma linguagem*, revelando o registro simbólico como o campo do Outro. Segundo Jorge e Ferreira (2005), o Outro, o inconsciente, é o lugar onde se forma o sujeito e, desse modo, o simbólico antecede seu nascimento e sua morte, tendo em vista que “o bebê vem ao mundo humano marcado por um discurso, no qual se inscrevem a fantasia dos progenitores, a cultura, a classe social, a língua, a época etc” (p. 44). Vemos, desse modo, a importância do simbólico como uma estrutura que comporta os furos, espaços através dos quais o sentido desliza por uma interferência constante do real. E o corpo, nesse registro, no momento em que se mostra, numa relação direta com o imaginário, se esconde, já que marcado pela falta oriunda de sua relação com o real.

Por sua vez, o registro do *real* representa o que escapa, o que não chega a ser simbolizado, mas que existe fazendo balançar a estrutura. A partir de outro aforismo, através do qual Lacan diz que *não há relação sexual*, podemos perceber

que o corpo, nessa fase, aparece como um lugar que possibilita que não se dê conta completamente do sujeito e do sentido. O corpo do real surge como aquele que está diretamente relacionado ao gozo, que na psicanálise significa a tentativa de satisfação total do prazer, mas que é realizado parcialmente, visto que é limitado pelo significante, barrado pela *castração simbólica*¹. Jorge e Ferreira (2005), ao afirmarem que esse aforismo lacaniano resume a obra de Freud no que diz respeito à diferença sexual, nos esclarecem o seguinte:

Ele não significa que as pessoas não tenham relações sexuais, muito pelo contrário! Ele quer dizer que não há complementariedade entre os sexos e que não é possível decifrar o enigma da diferença sexual. (...) O aforismo lacaniano retoma o cerne dos desenvolvimentos freudianos da sexualidade, segundo os quais há uma falha de inscrição da diferença sexual no inconsciente: Lacan dirá 'Não existe o Outro-sexo' e, desse modo, o sexo do outro é sempre Outro (p.55-56).

Como vemos, o corpo no registro do real é o corpo do desejo, o corpo que goza, sem que, contudo, atinja sua plenitude, já que, de acordo com os autores, Lacan postulou que a entrada na linguagem pelos sujeitos traz como resultado perdas do gozo, fazendo com que o acesso a ele seja sempre limitado, incompleto, porque barrado pelo significante. E, ainda, essa entrada no campo do Outro, da linguagem, faz com que “[...] o corpo como substância gozante se transforme em um corpo mapeado por zonas erógenas”. (p. 57).

Sem querer aprofundar essas questões da psicanálise, considero que, por hora, o que fica de extremamente útil à AD é o fato de que o corpo assume um lugar de *contradição* e de *resistência*, configurando-se, desse modo, como um lugar de falhas e de opacidade, o que permite, aos moldes do que ocorre com a língua, o sujeito e a ideologia, que acionemos elementos que se refiram “[...] ao *corpo que se expõe* em confronto com o *corpo que se esconde*, numa dualidade que remete a *excesso versus falta*”. (LEANDRO FERREIRA, 2011a, p. 99, grifos da autora).

¹ De acordo com o *dicionário de psicanálise*, de autoria de Roudinesco e Plon, a castração está relacionada, em Freud, com a diferença sexual na infância, quando a menina se depara com a perda do pênis, referência corporal (física) de sua relação com o falo. Em Lacan, relacionada à linguagem, ela aparece no momento de entrada no simbólico, a partir do qual a criança relaciona-se como o real, sob a imagem do falo, sem distinção dos sexos em relação ao desejo, tendo em vista que ambos, menino e menina, portam o desejo incestuoso de ser o falo da mãe, e são barrados pelo “*Pai simbólico*”, *marca incontornável do significante, antes de se chocarem com o “Pai real”, portador do falo e reconhecido como tal pela mãe.*

Como foi dito mais a cima, o corpo constitui-se culturalmente, ele está articulado a ideais sócio-ideológicos que o conduzem e a ele ditam as regras, através de um controle, retomando Foucault, principalmente de sua sexualidade. Como corpo da cultura, ele é construído através de um imaginário social, fortemente influenciado pela ideologia de consumo que nos rege atualmente. É como objeto mercadológico que esse corpo figura nos domínios sociais da contemporaneidade, basta ver os padrões de beleza e de conduta do corpo tão aclamados na nossa cultura, por intermédio, principalmente, da mídia, a qual também está submetida às regras do capitalismo.

O corpo objeto deste trabalho aparece evidentemente como esse corpo do consumo, articulando trabalho e sexualidade a serviço dessa cultura de mercado. O que se lê, em geral, no discurso dos garotos de programa é a tentativa de manter amarradas essas duas instâncias, trabalho (como necessidade) e sexualidade (como fonte de prazer), que funcionam bem como palavras de ordem do capitalismo e que podem, na atividade da prostituição, representar metas confluentes que conduzem a civilização (FUKE, 2011). Esse prazer está mais relacionado com o corpo do gozo fálico, já que diretamente relacionado com a atividade sexual, na prostituição.

Mas que concepção de cultura pode ser útil neste trabalho?

De acordo com o senso comum, a cultura está ainda muito relacionada com o conhecimento, com o acesso a referências sociais que condigam com padrões estabelecidos pelas classes dominantes. No entanto, torna-se necessário aprofundar um pouco a noção de cultura, para que possamos utilizá-la aqui de modo que ela seja entendida como um lugar de ruptura, tal como ocorre com o corpo. Neste momento do texto, trago uma breve reflexão, que será trabalhada mais detalhadamente no capítulo 3.

De acordo com Santos (2006), vivemos em tempos de expansão política e econômica, através da qual a formação de uma civilização mundial cada vez mais toma corpo. Estamos em tempos de dominação pelo consumo, mercadológica, que faz com que particularidades culturais de grupos minorizados socialmente sejam cada vez mais apagadas, sendo lembradas apenas quando necessitadas pelas

culturas dominantes. Regida pelo domínio ocidental, a cultura atinge uma dimensão política de poder na contemporaneidade, a qual propicia, entretanto, movimentos de resistência e de forças sociais contra esse domínio.

Nesse sentido, de acordo com o autor, é preciso que não nos esqueçamos de que olhar para a cultura significa olhar para a diversidade e para a transformação, visto que ela (a cultura) é produto, e produz simultaneamente, de uma construção histórica e que é capaz de mudanças. Considero pertinentes as seguintes palavras, através das quais Santos (2006) tenta conceituar a cultura:

Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Ou seja, a cultura não é 'algo natural', não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana. Isso se aplica não apenas à percepção da cultura, mas também à sua relevância, à importância que passa a ter. (p.45, grifo do autor).

Essa citação trazida mostra-se pertinente para que pensemos a cultura por um viés discursivo, ou seja, ela figura como produto da história e, como tal, ela é passível de falha, de contradição, o que permite que as práticas que se realizam a partir dela sejam desestabilizadas, bem como que novas práticas e discursos surjam a partir de rupturas realizadas por sujeitos nela imersos, como acontece com a ideologia. Pode haver, portanto, falhas no ritual. Além disso, por estar associada, conforme o autor, às relações de poder, associação através da qual se torna visível a desigualdade entre as classes sociais, e às possibilidades de transformação para que as classes dominadas se façam "vistas" culturalmente, essa concepção de cultura abre espaço para se pensar no corpo construído culturalmente. No corpo que constitui o imaginário social a respeito da sexualidade.

É preciso que pensemos a partir desse viés antropológico, sob o ponto de vista discursivo, que a cultura está a serviço das sociedades dominantes, num sentido mais amplo, e das classes dominantes, de modo mais específico, e que seus ganhos não estão ao alcance de todos, para que compreendamos que isso está relacionado de uma maneira bastante perceptível, retomando Santos (2006), "(...) ao fato de que as relações entre os membros dessas sociedades são marcadas por desigualdades profundas, de tal modo que a apropriação dessa produção comum se faz em benefício dos interesses que dominam o processo social" (p. 86). No entanto,

é preciso, também, que não nos esqueçamos de que a cultura é passível de transformação, pois através da resistência a essas relações de dominação e das lutas sociais sempre poderá haver a desestabilização e a instauração de uma nova ordem. É preciso que nos lembremos de que ela pode ser um lugar de confronto social, de equívoco, capaz de configurar-se como um espaço de oposição ao controle e de busca pela liberdade, “[...] em favor da luta contra a exploração de uma parte da sociedade por outra, em favor da superação da opressão e da desigualdade”. (p. 45).

Kehl (2001), ao tematizar a questão da cultura pelo viés psicanalítico, apresenta uma leitura que colabora para que enxerguemos o corpo na nossa cultura como uma instância comandada por padrões imaginários que a ele relegam um lugar de fuga do sujeito contemporâneo. É, de acordo com ela, através da mídia que somos convocados a uma imagem do corpo, a qual representa no nosso imaginário uma realidade capaz de diminuir a nossa capacidade de simbolizar, de modo que “deixemos de pensar” e aceitemos as coisas como são, funcionamento ímpar da imagem. Nessa cultura de consumo, originária da ideologia capitalista, onde o sintoma social é manifestado na depressão, o corpo aparece investido de um *brilho fálico*, o qual tenta dar visibilidade e poder aos sujeitos. De acordo com a autora:

[...] há uma convocação para um comparecimento imediato no ato do consumo, e um investimento fálico no corpo. O lugar da produção do ser se desloca de um percurso de fazer para os recursos de aparecer, e o aparecer é sempre imediato, é sempre dado no tempo presente. Produz-se, assim, a exaltação da imagem do corpo como um lugar do apogeu da soberania do indivíduo. (p. 19).

Como vemos, vivemos sob a ordem da aparência, na qual o simbólico perde espaço para o imaginário e dá vida a uma nova *forma sujeito*, fundamentada, como foi dito, pela ideologia de mercado e causadora de uma alienação social, sob a qual o corpo que “aparece” visa dar conta das perdas simbólicas do sujeito desejante, no aspecto individual, e da cultura contemporânea, no aspecto coletivo. Nesse sentido, é o sujeito levado a consumir, a gozar de tudo que lhe convier e a perder sua capacidade crítica – bem como a culpa característica da neurose obsessiva –, que figura atualmente: “[...] é um sujeito precário, acrítico, psicotizante que é doravante requerido – entendo por ‘psicotizante’ um sujeito aberto a todas as flutuações

identitárias e, conseqüentemente, pronto para todas as conexões mercadológicas”. (DUFOUR, 2005, p. 21-22).

Dufour, ao trazer essa questão da precariedade do sujeito pós-moderno, apresenta uma leitura que dirige à percepção de que o grande Outro, enquanto lugar do inconsciente, aos moldes de Lacan, constitui-se como o grande produtor de sujeitos e que, ao longo do tempo, esteve encarnado em figuras centralizadoras de poder de diversos tipos. Atualmente, sob a égide da aparente liberdade, o Outro fragmenta-se, fazendo com que os sujeitos percam qualquer referência centralizadora de controle. Em tempos de consumo e de primazia da imagem, os sistemas político-simbólicos mudaram, sem que a sujeição ao Outro deixasse de existir, já que é condição de existência do sujeito quando este entra no mundo da linguagem. De acordo com o autor, “[...] as coerções, as relações sociais e o estar-junto mudam, mas o que permanece constante é a relação comum com a submissão”. (p.39).

O que aparece de semelhante na leitura dos dois psicanalistas é o fato de que a exterioridade do sujeito é chamada para compor os sentidos. A cultura, enquanto dimensão do social aparece como fundamental no trabalho de formação dos sujeitos, sempre relacionada com relações de poder que de perto fazem lembrar o funcionamento da ideologia. O que temos na contemporaneidade, de acordo com essas duas leituras, é um sujeito perdido, que vaga por entre fronteiras cada vez mais frágeis e menos visíveis. A nova ordem social, qual seja a do mercado, produziu um forma sujeito que se constitui como um referente não “visível”, não palpável, mas que funciona alienando as massas e fazendo com que a barreira que divide as classes, lembrando Pêcheux e Althusser, se torne cada vez menos visível.

Contudo, isso não quer dizer que não haja a resistência, isto é, ainda há sujeitos que resistem, desestabilizando as estruturas e fazendo com que a ideologia se torne falha, passível de contradição. No que diz respeito ao grande Outro, é justamente o seu caráter de incompletude que permite ao sujeito resistir, que a submissão ao inconsciente, pelo ponto de vista da psicanálise, ou o assujeitamento à ideologia, pelo viés análise de discurso, não sejam plenos, isentos de furos. Apesar de vivermos nesse espaço sem grandes referências e sem limites rigorosamente visíveis, onde a capacidade crítica perde a força, ainda há aqueles

que resistem para que a autonomia não seja tão ilusória. Desse modo, voltando a Dufour (2005), as contradições tornam-se menos ainda perceptíveis e as violências se dão de modo cada vez mais velado nesse lugar de alienação, “(...) isto é, um espaço no qual nem todos os indivíduos se tornam necessariamente psicóticos, mas no qual as solicitações para se o tornar são abundantes”. (p. 60).

O discurso do garoto de programa apresenta traços que levam a sentidos relativos a esse corpo imaginário, detentor do poder, que vigora na nossa cultura da imagem. Como objeto de trabalho e fonte de prazer, esse corpo abriga um sujeito que busca, através da prostituição, dar conta de sua função social, que é a do sujeito responsável por suas escolhas, livre para usar e falar de sua sexualidade da forma como lhe convier. E, ainda, a do sujeito pronto a consumir, a gozar do que for necessário e “aberto” à fragmentação que o constitui.

É nesse contexto sócio-histórico atual, em que a mídia, em geral, dita regras a partir de seu senhor soberano, o capitalismo, que o discurso em análise aparece. Para realizar esse trabalho busquei, desse modo, ouvir os processos discursivos que ocorrem nos discursos dos garotos de programa que surgem na mídia digital, como condição de produção mais específica. Os blogs, os *sites* de prostituição e os *sites* de notícia serviram como condição de produção para que circulassem esses discursos, em tempos nos quais a imagem, retomando, cria uma realidade que tende a se constituir como uma verdade única, a fim de manter os sentidos estabilizados, com base na aparente transparência que rege a sociedade contemporânea e, por conseguinte, os sujeitos nela inseridos.

Organizada sob essa ótica do capitalismo, que gera a obsessão pelo consumo e o poder da imagem, a internet aparece como grande propagadora dessa ideologia, tal qual ocorre com a televisão. A diferença consiste no fato de que lá os sujeitos conseguem esconder-se um pouco mais, não pela questão do acesso, já que sua popularidade aumenta a cada instante, mas sim pela questão de uma aparente privacidade que, em alguns casos, é requerida, como no caso de esconder a identidade, constituída socialmente (de modo mais “visível”) pelo nome e pelo rosto.

Lá, há a possibilidade de poder dizer, primeira ordem da cultura pós-moderna, ao passo que o se esconder também se faz possível, permitindo ao sujeito transitar por entre o público e o privado, por entre o anonimato e a divulgação da imagem, já que a face representa uma forma de o sujeito se dizer, de se constituir enquanto eu. A face, que aparece como uma das formas mais identitárias, torna visível uma imagem do eu “delineada segundo certos atributos sociais aprovados e [...] partilháveis, uma vez que podemos, por exemplo, *causar uma boa imagem de nossa profissão* ou de nossa fé *quando causamos uma boa imagem de nós mesmos*”. (GOFFMAN, 1973, p.9 apud ERNST, 2007, p. 136, os grifos são meus).

O antropólogo Néstor Perlonguer (2008), numa obra publicada como resultado de seu trabalho de pesquisa de mestrado, apresenta uma valiosa descrição etnográfica acerca dos aspectos sociais que envolvem a prostituição masculina. O autor passa por aspectos extremamente relevantes que compõem essa atmosfera marginalizada culturalmente que configura o trabalho sexual do corpo. De acordo com sua leitura, o discurso dos garotos de programa, os quais são chamados por ele de *michê*, e do corpo sexuado que eles conduzem como instrumento de trabalho na profissão, apresenta sentidos que remetem a um imaginário social que os coloca em condição de objeto sexual caracterizado pela virilidade, expressão que aparece já no título do trabalho. Ou seja: como um modo de não se manterem tão distantes da ordem social, ao passo que rompem com padrões morais no que tange à sexualidade, algo em seu discurso, e ao que parece em sua prática, visa manter a relação de dominação e dominado, aos moldes da estrutura hierárquica que configura o modo de relações por classes, as quais direcionam as práticas sociais ao longo da história.

Ao trazer questões sócio-econômicas e de gênero, através de uma comparação com a prostituição feminina, o autor apresenta uma reflexão acerca da busca pela manutenção da masculinidade no negócio das práticas realizadas na masculina, mesmo quando, o que aparece como a parte mais rentável do negócio, o serviço é oferecido a outro homem. Ele diz o seguinte:

Consequentemente, se no caso da prostituição feminina a ‘exploração’ da mulher é explícita no discurso dominante, no negócio do michê a superioridade socioeconômica do cliente comprador pode aparecer, *até certo* ponto, ‘compensada’ pela valorização do michê

másculo em detrimento da inferiorização do cliente 'bicha'. (p.46-47, grifos do autor).

É possível perceber nessa citação, bem como na leitura de enunciados dos michês, recolhidos por Perlonguer e apresentados em seu trabalho, a tentativa da manutenção de uma hierarquia nas práticas da prostituição que constitui a estrutura social contemporânea, onde a relação de dominação organiza-se em torno de fatores econômicos e de gênero, os quais mantêm o imaginário social mergulhado no machismo. Sob a ordem da ideologia capitalista, a prostituição masculina emerge como o funcionamento de uma prática social que visa interligar intimamente o trabalho e o desejo.

Nesse sentido, prostituir o corpo aparece como uma condição de resistência à desigualdade social, assim como um modo de manter uma aparência que condiga em alguns aspectos com o que é previsto pela cultura dominante. Essa contradição, assim considerada na AD, a qual é constitutiva do discurso (reforçada pela "discrepância" entre as questões da ordem da necessidade *versus* as da sexualidade), é trabalhada pelo viés antropológico do texto, em alguns pontos, como uma negação da homossexualidade em prol de uma heterossexualidade considerada mais rentável e dentro dos padrões desejáveis pelo imaginário social. A questão da homossexualidade é o grande norte do trabalho apresentado pelo autor.

Apesar de não ser essa (a orientação sexual) a questão mais relevante no meu trabalho, até mesmo porque os sentidos foram constituindo-se como efeitos ao longo da análise, a partir de um olhar ao discurso dos GP's como um todo, ela também aparece nos dizeres recortados do meu *corpus* empírico, justamente nesse ponto de encontro entre o prazer e a necessidade. Além disso, o corpo sexuado, do desejo, lugar do inconsciente e do sujeito, em sua relação direta com a linguagem, atravessa o imaginário social, determinado cultural e ideologicamente, e constitui-se por discursos que perpassam necessariamente as questões de gênero, de classes e de controle e gestão dos corpos.

As condições de produção "locais", que representam o contexto imediato de circulação dos discursos, são representadas pelas ruas no trabalho do antropólogo. É lá que ele foi recolher informações que conduziram sua pesquisa, responsáveis

pela possibilidade de leitura do autor. Apesar de os processos discursivos deste trabalho terem sido reunidos da mídia digital, muita coisa se mantém na organização da prática da prostituição masculina. Além da virilidade, mencionada anteriormente, o aspecto econômico conduz o trabalho sexual do corpo em qualquer lugar. Nesse sentido, extremamente ligada à desigualdade social, resultado, por exemplo, do crescente desemprego pelo qual passam as sociedades de terceiro mundo (e o Brasil está entre elas), a prostituição aparece como uma tentativa de fuga dessa realidade, como um lugar em que, ao passo que proporciona a resistência dos sujeitos contra padrões sociais, configura a tentativa de atenuação das diferenças de ordem econômica, numa cultura carimbada pela lógica do consumo. Assim como essas diferenças levam os GP's a perambularem pelas ruas, "ficarem à deriva", o espaço da internet também traz essa possibilidade, articulando todos esses aspectos sócio-culturais que circulam nas ruas. A margem, que articula necessidade e desejo, é a mesma, levando à máxima de que *os fins justificam os meios*:

O desemprego propicia a perambulação; o quase inevitável encontro com os homossexuais à deriva, à procura de um garoto jovem e rude, dá lugar a um peculiar contrato, no qual uma 'ajuda' outorgada ao rapaz pelo cliente serve também de exutório para veicular a consumação sexual, atenuando os reparos 'morais' em nome da compensação monetária. (p.119, grifos do autor).

As condições de produção históricas, no sentido amplo do termo, representadas pelo lugar marginal das práticas que ocorrem em prol dessa necessidade de diminuir a desigualdade, em tempos de desemprego e misérias, articula esses dois espaços, a rua e a internet, no objetivo comum de sobrevivência pelo consumo. Sobrevivência de um desejo e de uma necessidade que transformam e reproduzem simultaneamente a ordem da cultura na sociedade contemporânea, onde prazer e trabalho habitam o mesmo espaço, que é o da prostituição do corpo sexuado, do corpo objeto a serviço da cultura de mercado. O que vemos é uma ampliação da margem, ou seja, das ruas, praças, mictórios e todos os ambientes reais que servem de cenário no território urbano de Perlonguer, a prostituição passa agora, em dias de avanço tecnológico, para os *blogs*, *chats* e demais ambientes virtuais que servem de cenário no território da mídia digital.

2.2. A CULTURA DO CORPO DIRECIONA(N)DO PEL(A) TEORIA

O dinheiro, acabei por descobrir, era exactamente como o sexo: quando não se tem não se pensa noutra coisa, e quando se tem pensa-se noutras coisas (James Baldwin).

Trazer o corpo para a análise de discurso requer a visita a outras teorias, o que caracteriza a disciplina, e uma maneira de tratá-lo que esteja de acordo com os pressupostos básicos da AD. Começo comentando a construção linguística deste subtítulo para, em seguida, lançar um olhar mais atento à teoria, a fim de utilizá-la em relação estreita com o meu objeto, focando no corpo enquanto objeto discursivo: Essa construção linguística coloca o corpo, agora, em posição de um adjunto compondo o sujeito sintático do enunciado. Ele não é mais o núcleo, mas aparece como aquele que possui, como se a ele fosse dado o estatuto de condutor da cultura, ou seja, ele a possui e, portanto, determina e dita as ordens. Nesse sentido, vislumbramos o discursivo, o qual está além da estrutura sintática do enunciado, ou seja, olhamos não mais para a organização, mas para a ordem da língua (ORLANDI, 1996), em sua relação com a forma material do sentido, onde o olhar à história torna-se constitutivo do funcionamento do discurso.

Sabemos que a relação de determinação é recíproca, que corpo e cultura constituem-se e determinam um ao outro meio que simultaneamente. No entanto, essa construção me ajuda a colocá-lo em posição de destaque, sendo capaz de compor a relação pendular entre teoria e objeto que constitui a AD. Parece-me que esse modo de escrever, coloca o corpo como um objeto um pouco mais capaz de resistência e de ruptura, estando mais relacionado, retomando a psicanálise, com o corpo do real, que deseja e que emerge à revelia do sujeito, da ideologia e da cultura. Como aquele que possui, e isso está marcado linguisticamente, uma cultura própria, construída a partir de seu estatuto de autonomia, o corpo passa a construir também, além de ser construído culturalmente.

Como lugar de inscrição do sujeito, da ideologia e do inconsciente, ele reproduz E transforma. Agora, o corpo é DA cultura E a cultura é DO corpo. Ou, pelo fato de esses elementos caracterizarem-se, assim como o discurso, como processos

inacabados, a construção linguística pode ser ainda reformulada, na tentativa ilusória de dar conta do sentido, através das seguintes formas: corpo NA cultura E cultura NO corpo.

Quando Pêcheux define objeto discursivo, em 1975, ele o faz relacionando a língua à ideologia. A fim de desfazer alguns mal entendidos a respeito do que ele havia dito sobre as condições de produção do discurso, causados em relação ao fato de seu pensamento sobre a linguística ter deixado algumas lacunas, o autor opera uma mudança de terreno, ou seja: a língua passa a ser de base material, caracterizada por uma estrutura instável da sintaxe que, relacionada ao *esquecimento número 2* é capaz de comportar os equívocos que surgem quando o sujeito do discurso, através de suas reformulações de ordem enunciativa, tenta dar conta do sentido de modo pré-consciente.

E, ainda, a língua serve de base, através de seu funcionamento linguístico, para que o discurso se materialize e os efeitos de sentido levem à desestabilização do que é dito, para que se possa ir além do *esquecimento número 1*, o qual constitui o dizer do sujeito do discurso, de modo inconsciente, e o coloca em relação com um já dito que é exterior à base linguística, sem que, fato necessário e por isso constitutivo, o sujeito se dê conta.

Ao diferenciar os mecanismos que compõem a análise discursiva, Pêcheux mostra o caráter independente, apesar da relação necessária, da língua e da ideologia. Separando conceitualmente a noção de *objeto discursivo* das de *superfície lingüística* e de *processo discursivo*, o autor vai dizer o seguinte sobre o primeiro: “Entendido como o resultado da transformação da superfície linguística de um discurso concreto, em um objeto teórico, isto é, em um objeto linguisticamente dessuperficializado, produzido por uma análise linguística que visa anular a ilusão nº 2” (Pêcheux, 2010, p.181). Como vemos, o objeto discursivo aparece como o elemento da ordem teórica, construído a partir do que foi percebido no *corpus* empírico a ser analisado, numa relação direta com os outros dois elementos mencionados, compondo, com eles, a relação necessária para que analisemos um discurso, sob condições de produção específicas.

O corpo, desse modo, passa a ser considerado um objeto teórico, na sua relação intrínseca com a língua, enquanto base material para discurso (superfície linguística), e com a ideologia, enquanto reguladora dos objetos que se materializam, na condição de discurso, na materialidade da língua, a partir de condições de produção estáveis e homogêneas (processo discursivo). Configurado como objeto discursivo, o corpo constitui-se como um lugar de efeito, o qual comporta, também, o efeito do sujeito do discurso, ao assumir a característica de estar transitando simultaneamente entre língua e ideologia. Retomo Leandro Ferreira (2011a) quando ela define o funcionamento do corpo na AD:

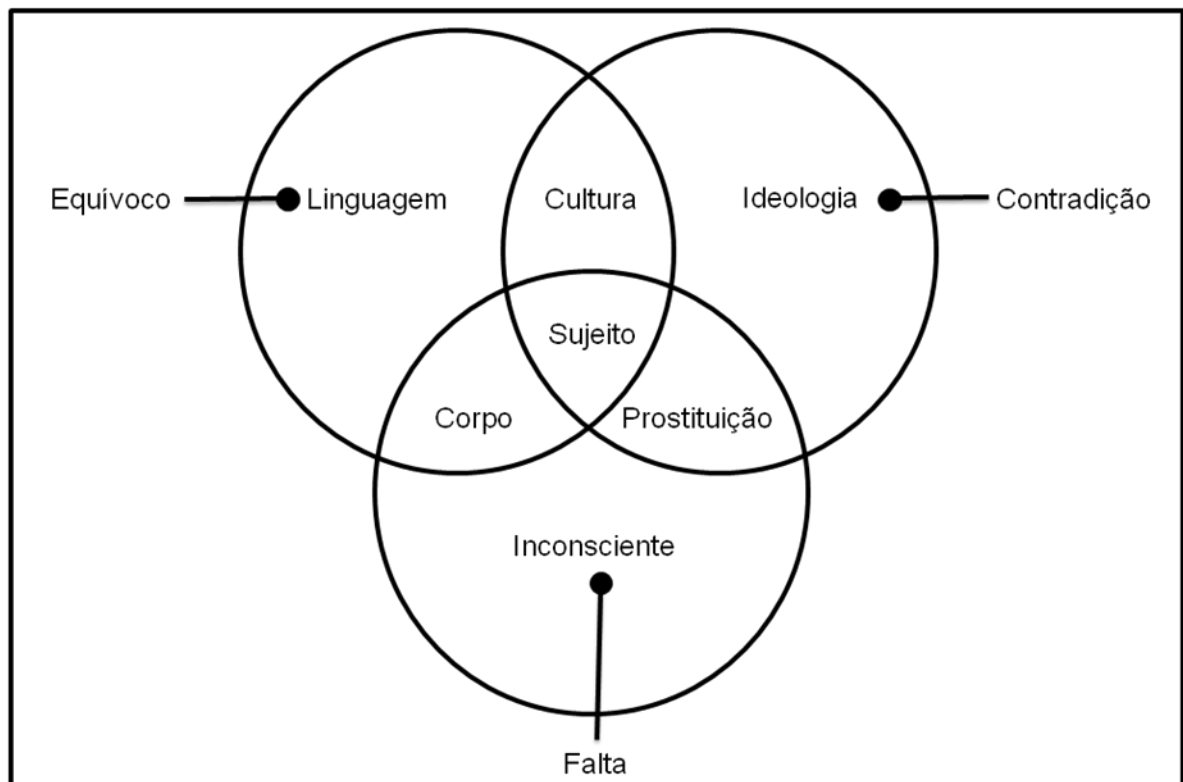
O objeto a ser analisado é, então, o corpo tomado como materialidade discursiva que se constrói pelo discurso, se configura em torno de limites e se submete à irrupção da falha que lhe é constitutiva. Para trabalhar com esse objeto será trazido ao campo discursivo uma categoria que procede da psicanálise, que é o real do corpo. A exemplo do que singulariza o registro do real, o real do corpo vem a ser é o que sempre falta, o que retorna, o que resiste a ser simbolizado, o impossível que sem cessar subsiste. (p.95, destaque da autora).

No trecho citado acima, percebemos a evidente relação entre a análise de discurso e a psicanálise, aos moldes do que fez Pêcheux ao criar essa teoria que se constitui de modo tão particular e, para os analistas de discurso, tão surpreendentemente “eficaz”, enquanto disciplina de interpretação. Percebemos, como havia sido dito mais acima, a necessidade de trazer o real e os elementos que com ele compõem a estrutura que dirige os estudos de Lacan sobre a linguagem, interligados na figura do *nó borromeano*.

O corpo aparece aqui, enquanto objeto discursivo, como o corpo sexuado da prostituição, servindo, assim como a linguagem, de lugar onde se materializa o discurso do garoto de programa, configurando-se, junto com o sujeito, como o espaço da relação entre língua e história, a qual afeta a materialidade que interessa à AD. Uma das maneiras de compreensão, é colocar esse corpo como marcado pelo significante, “nascendo” em relação a/com o registro do simbólico, junto com o sujeito e, portanto, sendo dividido pelo inconsciente e assujeitado pela ideologia, simultaneamente. Desse modo busco organizar visualmente, pela figura do nó, abaixo, uma possível leitura sobre o lugar de importância do corpo no entremeio das noções-chaves, linguagem, ideologia e inconsciente, da análise do discurso. Na

figura aparecem também as noções mobilizadas neste estudo, quais sejam cultura e prostituição.

Figura 1: Nó Borromeano, Articulando as Principais Noções deste Trabalho



Fonte: adaptado de Leandro Ferreira (2007)

Trabalhar sob os postulados da AD exige, ainda, considerar, em primeiro lugar, que a linguagem, bem como o sujeito, é falha, ou seja, que é impossível de o sujeito controlar tudo que é dito pela materialidade da língua, já que esta não comporta sentidos unos e transparentes. Desse modo, o analista precisa desconstruir a aparente estabilidade da linguagem e buscar o equívoco, isto é, tocar o real da língua. Nas palavras de Pêcheux, “[...] um real constitutivamente estranho à univocidade lógica, e um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina e que, no entanto, existe produzindo efeitos”. (PÊCHEUX, 2008, p.43).

É preciso, ainda, considerar que a concepção de linguagem, segundo a AD, prevê uma estreita relação com a ideologia e o inconsciente, por onde o sujeito estaria sempre se movimentando. Desse modo, o analista deve levar em

consideração o fato de que, no discurso, o indivíduo está sempre em relação com a ideologia, a qual o interpela pelo viés do inconsciente, o torna sujeito e o faz acreditar que está em si a origem do seu dizer. Característica que foi explicada por Pêcheux (2009) através do conceito de *interdiscurso*, que é o já-dito incidindo no dizer do sujeito, um complexo de formações discursivas, e que pode ser recuperado se levada em consideração a historicidade dos sentidos, na sua relação, então, com a ideologia, isto é, interdiscurso é a exterioridade que torna possível todo dizer.

Em análise de discurso a língua não é concebida como um sistema homogêneo, constituído apenas de elementos internos que mantêm sua organização estável e fechada, como nas concepções de base estruturalista. Ao contrário, ela é vista como um espaço heterogêneo, que reconhece também elementos de sua ordem externa, ou seja, na concepção discursiva de língua, ela perde seu caráter independente e ganha o estatuto de lugar aberto à exterioridade e não transparente, passando a ser reconhecida como opaca e passível de deslize, objeto de base material, “que combinado à materialidade do processo sócio-histórico constitui o lugar da produção dos efeitos de sentido. A autonomia da língua, absoluta na concepção anterior, passa agora a ser relativa”. (LEANDRO FERREIRA, 1996, p. 40).

Nesse sentido, a língua está em relação íntima com a ideologia, sendo elas consideradas instâncias que comportam, pois, a contradição. Ao considerar o discurso como objeto que materializa a ideologia pela língua e que põe a ver essa relação entre o que é interno e externo, é preciso perceber que no próprio funcionamento da linguagem, onde residem os processos discursivos, instaura-se a resistência, ou seja, na aparente estabilidade de sentido da língua, produzida pelo efeito de evidência da ideologia, materializa-se a contradição ideológica, representada, agora, pelo *equivoco*. Nas palavras de Leandro Ferreira (1996), ao se considerar o equivoco,

[...] é preciso ter bem presente que a incompletude é a própria condição de existência da linguagem e que, portanto, não se pode pretender dizer *tudo*, isto é, há que se considerar a linguagem como lugar da opacidade do sentido, onde resta “sempre um espaço para o não-dito, para a *falta*, onde se dão os deslizamentos, as rupturas que fazem e desfazem sentidos. (p. 43).

É possível, desse modo, falar de resistência da língua, e relacionar essa resistência à resistência ideológica, evidenciado a relação constitutiva entre língua e ideologia, isto é, a resistência ideológica, que é contraditória, materializa-se na resistência da língua, pelo viés do equívoco, numa correspondência recíproca de determinação. Num de seus textos, de 1982 (1990), Pêcheux fala da resistência inerente ao discurso revolucionário, tratando da questão do deslocamento de sentidos realizados na língua como característicos desse tipo de discurso. Ele diz:

As resistências: não entender ou entender errado; não “escutar” as ordens; não repetir as litâneas ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras... (PÊCHEUX, 1990, p. 17).

Desse modo, o autor esclarece a relação entre língua e ideologia, tão cara à análise de discurso, e suas palavras me levam a retornar à questão da cultura e sua relevância teórica na análise do meu objeto. Se pensarmos a cultura como lugar da falha, compondo furos deixados pelo sujeito, num movimento entre reprodução e transformação de sentidos, podemos considerá-la como um lugar de resistência desse sujeito em análise, que resiste através da condição de seu lugar sócio-cultural determinado, transitando por subjetividades que ora o mantêm identificado com saberes pré-concebidos, ora lhe permitem rupturas com esses saberes, deles se desidentificando e colocando em xeque a aparente transparência da língua e a estabilidade de sentidos.

Retomo Leandro Ferreira, em outro texto (2011b), para com ela pensar na *cultura como forma de resistência*. Visto que, se considerada como lugar de falha, de inscrição desse sujeito em falta, determinado duplamente pelo inconsciente e pela ideologia, podemos pensar, segundo a autora, que do mesmo modo “[...] como a língua resiste, a cultura também o faz e não se deixa capturar numa grade sem furos”. (2011 b, p. 60). Esse pensamento leva a autora a pensar, ainda, no conceito de *Formação Cultural*, a qual estaria, de acordo com ela, numa relação estrita com a Formação Social e com a Formação Ideológica, determinando as produções discursivas dos sujeitos. Como podemos perceber, língua e cultura, enquanto processos constituídos sócio-historicamente, são categorias passíveis de serem

pensadas, pelo viés discursivos, como lugares de resistência e de instabilidade. Voltarei à questão da cultura, relacionada ao corpo, no capítulo 3.

Num artigo publicado em 1984, Michel Pêcheux tematiza brevemente, mas pontualmente, a *especificidade de uma disciplina de interpretação*, trazendo a concepção de língua a qual deve se considerada por uma disciplina, como é o caso da Análise de Discurso, que se inscreva nos âmbitos da interpretação. Para tanto, o autor apresenta as perspectivas das quais a AD compartilha, quais sejam, as de tradição *lexicométrica, semiológica e semiótica e arqueológica*, se apoiando nos furos deixados por cada uma delas. Nesse sentido, aparece a relação entre língua e ideologia, fundamento da AD, quando as condições históricas passam a ser consideradas, em consonância à estrutura interna da língua e ao léxico², na constituição do sentido, a partir, por exemplo, da tarefa de apreensão e descrição das condições estruturais do sentido, herdadas da semiótica e da semiologia, “mas sem se autorizar supor estruturas lógico-semânticas subjacentes às sequências discursivas”. (PÊCHEUX, 2011, p. 228).

Desse modo, percebemos mais uma vez o deslocamento epistemológico operado sobre o objeto língua considerado pelo viés do discurso. O que se percebe, portanto, é uma relação entre interior e exterior, não mais submissa a um sistema linguístico homogêneo, manipulado por um sujeito consciente e dotado de toda capacidade racional, concepções que fundamentam o formalismo e o sociologismo, respectivamente. A língua passa a ser vista como um labirinto, composta pelos furos e equívocos que permitem efeitos de sentido, possibilitadores de interpretações relacionadas diretamente com a ideologia, representada no discurso por posições ideológicas de sujeitos por ela interpelados e imersos no simbólico, na língua. Nas palavras de Pêcheux:

A posição epistemológica da análise de discurso conduz, então, a pensar na existência da língua não como um sistema (o software de um órgão mental!), mas como um real específico formando o espaço contraditório do desdobramento das discursividades (op. cit. p. 228).

² Segundo Pêcheux e Gadet, no artigo *Há uma via para a Linguística fora do logicismo e do sociologismo?* (1977), a AD, enquanto disciplina de interpretação, deve distanciar-se do dualismo que rege os estudos linguísticos, através do qual, de um lado estaria o *logicismo*, ligado ao formalismo, com suas preocupações da ordem da lógica e da natureza, e de outro o *sociologismo*, ligado ao historicismo, baseado em um estudo empirista de dados e na descrição de dados linguísticos concretos. Ambos apagando, cada qual a seu modo, o político inerente aos estudos da linguagem e à constituição dos sentidos.

Em *Discurso: estrutura ou acontecimento* (2008), Pêcheux entra fundo na questão da interpretação e começa sua reflexão a partir de uma análise de um enunciado que marca um *acontecimento histórico*: O enunciado “On a gagné”. Esse dizer, referente à mudança no cenário político da França, quando a esquerda vence a direita, serve como base para o pensamento do autor a respeito desse par constitutivo dos sentidos, que é o par que dá título ao livro e que o guia durante toda sua reflexão. O fato histórico dá luz ao enunciado nos domínios discursivos da política, através de um deslizamento de sentido que reorganiza os saberes dessa FD política em que ele se insere, de modo que surja a opacidade do sentido como estruturante do sentido. Ou seja: diferentemente de como esse enunciado funciona nos campo do esporte, na política ele põe a ver o imbricamento de posições ideológicas, permitindo, pelo uso do indefinido *on*, a coexistência de mais de uma posição. *Quem ganhou? Ganhou o quê?* A esse deslizamento de sentido, que emerge com um fato histórico, e que é ressignificado a partir de uma nova posição ideológica, o autor chamou de *acontecimento discursivo*.

Estrutura ou acontecimento? Através dessa pergunta que serve de motor à reflexão, o que vemos é uma resposta a todo pensamento que requer uma univocidade de sentidos, uma lógica estabilizada que se opõe ao instável, ao não-um, à opacidade. Desse modo, marcando esse *dizer-pergunta* com o conector OU, Pêcheux nos traz uma desconstrução de tudo aquilo que é comum às nossas práticas cotidianas, ou seja: ao questionar a transparência de um acontecimento político, marcado pela transparência linguística de um enunciado logicamente estabilizado, somos levados pelo autor a refletir sobre até que ponto aquilo que é dito quer dizer somente aquilo que é dito, até que ponto uma posição ideológica se faz ver de modo claro na língua. E a utilização do conector OU na análise desse enunciado nos mostra o caminho seguido pelo senso comum como aquele que não deve determinar um pensamento que requeira uma interpretação crítica acerca dos fatos, uma interpretação que leve em conta a existência de um Real, que, nas palavras do autor, representa “pontos de impossível, determinando aquilo que não pode não ser assim”. (PÊCHEUX, 2008, p. 29). A seguir, me dedico a pensar nas noções necessárias para se pensar o corpo na língua da AD.

2.3 O CORPO DA PROSTITUIÇÃO MOBILIZANDO NOÇÕES ANALÍTICAS

O movimento do analista deve ser pendular, ou seja, deve acontecer na relação que se estabelece entre a teoria e a leitura do *corpus* empírico. Ao aplicar os conceitos teóricos às sequências discursivas, que constituirão o *corpus* discursivo, o analista deve mover sua análise apoiado na aplicação de conhecimentos linguísticos e/ou enunciativos percebidos na estrutura textual. Nesse sentido, busco não apenas a descrição, mas uma interpretação de como se dá o funcionamento do discurso em análise, olhando para *o linguístico em relação com o ideológico e com o inconsciente*, a partir de um movimento entre esses dois elementos comum a todos os analistas de discurso pecheutianos: “Cientes de que somos afetados por ambos, mergulhamos na ilusão necessária, na denegação, como se estivesse fora de nós, analistas, e presentes apenas no outro, o analisado”. (MITTMANN, 2007, p.153)

Na mesma obra mencionada por último, na seção anterior, Pêcheux define claramente qual deve ser o procedimento do analista diante de um discurso em análise, ou seja, deve haver um movimento constante, um batimento, entre descrição e interpretação, o que configura uma relação recíproca de importância entre estrutura e acontecimento, já que língua e ideologia assumem o mesmo grau de relevância na produção de sentidos. Se a língua do discurso é aberta à exterioridade, é necessário que na análise de processos discursivos a estrutura seja percebida em sua relação com o que está além dela, a partir de condições específicas para que os sentidos se materializem.

Desse modo, Pêcheux vai apresentando uma reflexão sobre essa homogeneidade lógica que nos constitui socialmente e que esconde regiões *heterogêneas do real*, formando uma verdade (um real) aparente que nos rege e tenta nos impedir de qualquer deslize, de qualquer interpretação que rompa com essa disjunção e resista a esses espaços logicamente estabilizados. Nas palavras do autor,

[...] tudo se passa como se, face a essa falsa aparência de um real natural-social-histórico homogêneo coberto por uma rede de proposições lógicas, nenhuma pessoa tivesse o poder de escapar totalmente, mesmo, e talvez sobretudo, aqueles que se acreditam não-simplórios...”. (PÊCHEUX, 2008 p. 32).

E assim percebemos um E no pensamento do autor no que se refere à própria constituição do sujeito, ou seja, somos assujeitados E resistimos. Nesse sentido, ao considerar essa relação que não exclui, mas que permite a convivência de sentidos no interior de uma mesma materialidade discursiva é que pretendo trabalhar o discurso do e sobre o garoto de programa, produzindo, de acordo com Orlandi (1996), um *gesto de interpretação*. É desse modo, de acordo com a AD, que deve trabalhar o analista de discurso, sob o amparo de uma disciplina de interpretação.

Para trabalhar o discurso em questão, considero que as noções que compõem o dispositivo teórico-metodológico de grande relevância nesta pesquisa sejam, por exemplo, a de *pré-construído*, a fim de se perceber a incidência de saberes que irrompem no discurso à revelia do sujeito, na tentativa de compreender, retomando, como a cultura e a ideologia determinam os dizeres desse sujeito e marcam a sua contradição, a partir da organização na *formação discursiva* (FD) que se dá pela articulação, ou *discurso transverso*.

No mesmo caminho, mobilizarei a noção de *posição sujeito*, a fim de compreender como o sujeito relaciona-se com a *forma-sujeito* da FD a qual ele se vincula, determinado pela relação cultural-ideológica que constitui sua identidade e o permite mobilizar os sentidos, identificando-se, contra-identificando-se ou desidentificando-se dessa forma-sujeito, o que configura os *modos de subjetivação* ou de inscrição do sujeito em uma ordem simbólica histórico-social. Tais noções, por estarem diretamente ligadas à categoria de sujeito, serão melhor desenvolvidas no capítulo seguinte, o qual eu dedico a esse elemento teórico fundamental para a teoria da AD que é o sujeito.

Essas categorias brevemente mencionadas, enquanto ferramentas de análise, “puxaram”, necessariamente, outras no desenvolvimento da análise, o que só foi possível saber no próprio desenvolvimento do trabalho, já que a interpretação se dá, como foi mencionado anteriormente, num movimento de vai-e-vem entre objeto e teoria, o que torna sempre difícil prever com exatidão todas as ferramentas que serão utilizadas nas análises, ou seja, estamos constantemente, enquanto analistas, diante da “tensão constante entre análise e teoria, significando, do lado da

teoria, retorno e ruptura e, do lado da análise, o batimento entre descrição e interpretação”. (ORLANDI, 2001, p.43 apud MITTMANN, 2007, p.155).

Outra noção chave na teoria que se tornou fundamental para a análise de um discurso que se constitui em sua relação direta com o corpo e com a cultura, que é o da prostituição masculina, é o de *formações imaginárias* e com ele outros elementos que são indispensáveis, tais como os de *antecipação* e de *relações de força* e de *sentido*. Essa noção surge neste trabalho como necessária, já que estamos lidando com um sujeito e com um corpo extremamente, como já foi dito, constituídos culturalmente sob a ótica de consumo, a qual constrói uma imagem do corpo capaz de tornar-se uma “verdade” no imaginário social, ao passo que sobre ele coloca a responsabilidade de “lugar de fuga” do sujeito contemporâneo. Essa noção, de acordo com Pêcheux, é constitutiva de qualquer discurso, contudo, examiná-la mais de perto parece necessário quando se trata de um discurso contemporâneo em torno do corpo sexuado.

No texto de 1975 (2010), Pêcheux, ao lado de Fuchs, inicia um processo de atualização da teoria que culminará, ao longo de seu desenvolvimento, em mudanças revolucionárias no seu pensamento, principalmente com a entrada de noções trazidas da psicanálise na teoria. Trago esse comentário na tentativa de justificar a pertinência da noção de formações imaginárias neste trabalho: na nota de rodapé número 6, na página 162 dessa edição, o autor chama atenção para o fato de que a ideologia burguesa, que representa nossa formação social atualmente, imersa na qual, também, a teoria se desenvolveu, possibilita o entendimento não só do funcionamento da instância ideológica em geral, como também permite que se visualize o funcionamento nas formas históricas que a precederam.

Desse modo, se o discurso em análise neste texto funciona sob essas condições ideológicas, determinadas pela forma sujeito do capitalismo, a qual traz o corpo como objeto de consumo subordinado à ordem mercadológica e apresenta a configuração fragmentada do sujeito e da sociedade contemporânea, a relação imaginária do sujeito do discurso parece se intensificar, já que ele está determinado pela aparente liberdade dos ideais burgueses, diferentemente do que acontecia, por exemplo, quando a forma histórica que ditava as regras era a cristã. “A autonomia do sujeito como ‘representação da relação imaginária’ é, de fato, estritamente ligada

à aparição e à extensão da ideologia jurídico-política burguesa”. (p.162, grifos do autor).

No início de seu pensamento teórico (AAD69), Pêcheux já nos aponta elementos fundamentais a uma interpretação não subjetiva dos fatos, quando fala que para que percebamos os funcionamentos discursivos, devemos levar em consideração as *condições de produção* do discurso. A partir do modelo comunicacional de Jakobson, o autor nos apresenta o discurso como *efeito de sentidos* entre pontos A e B, reconfigurando a trajetória de Jakobson, que previu a comunicação como simples transmissão de informação entre interlocutores envolvidos nesse esquema de comunicação. A e B representam, desse modo, posições ideológicas, a partir de lugares sociais produzidos em uma *formação social* específica, como lugares que permitem vislumbrar a *luta de classes* que subjaz o discurso, e que se materializa, enquanto ideologia(s), nos discursos.

Como consequência dessa consideração, todo processo discursivo coloca em jogo esses lugares, condicionados a partir de um imaginário subordinado a uma ideologia dominante, que configura uma formação social específica, e de uma *relação de forças* antagônicas que permite a *antecipação* dos sentidos em determinada posição no embate com outra posição. Fato através do qual a relação entre A e B materializa-se nos processos discursivos a partir de *formações imaginárias*, as quais seriam, reforçando, inerentes a todo funcionamento discursivo. Segundo Pêcheux, essa relação da ordem do imaginário configura, a meu ver, o traço da incompletude do sentido, afastando a objetividade (racional) do sentido e permitindo ver o lugar representado na materialidade linguística como um efeito, intrinsecamente relacionado à materialidade histórica desse lugar, que, nas palavras do autor,

[...] se encontra aí representado, isto é, presente, *mas transformado*; em outros termos, o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. (PÊCHEUX, 2010, p. 81, grifos do autor).

Desse modo, percebemos a relação entre essas formações. E isso leva a trazer as *formações ideológicas* para essa discussão: no artigo de 1975, já mencionado anteriormente, Pêcheux traz essa noção para tratar principalmente da

questão dialética do discurso, ou seja, ele nos diz que “a *ideologia* nunca se realiza em geral”, mas que ela se coloca a partir de *formações ideológicas*, as quais, de acordo com seus modos de funcionamento “regionais”, representadas diretamente pelos/nos *aparelhos ideológicos de estado*³, “[...] desempenham, no interior desse conjunto, em cada fase histórica da luta de classes, um papel necessariamente desigual na reprodução e na transformação das relações de produção [...]”. (PÊCHEUX, 2010, p. 164).

E essas formações ideológicas determinam rituais e práticas que se materializam, no discurso, através das *formações discursivas*, que determinam o que pode e deve ser dito, ou não dito de outra forma, em determinada conjuntura histórica, a partir de um funcionamento, o que o autor faz questão de explicitar, heterogêneo, tornando as fronteiras entre elas instáveis e difíceis de serem identificadas. Fato que possibilita que se visualize o deslizamento dos sentidos, a incompletude da linguagem e do sujeito, bem como a contradição ideológica, todos inerentes, em grau mais – ou menos – elevado, aos processos discursivos.

As FD's não são rígidas, porque nelas há sujeitos materializando, no discurso, a ideologia. São posições ideológicas que se enfrentam ao interpelarem os indivíduos, e a discursividade, desse modo, “revela” os efeitos de sentido na materialidade linguística, configurando a instabilidade e a opacidade do sentido, logo, do sujeito, que acredita estar em si a origem do dizer. Essa ilusão necessária e constitutiva representa a condição para que o funcionamento ideológico se efetive no discurso, resultando no assujeitamento.

E, ainda, é através do funcionamento do inconsciente, traço psíquico do sujeito do discurso, responsável por sua divisão, que a ilusão de origem não o deixa desconfiar de seu assujeitamento, caracterizando o que Pêcheux chamou de *esquecimento número 1*. O que acontece, nesse sentido, é o encontro dessas duas instâncias: a ideologia, funcionando como o aspecto social, e o inconsciente, como o traço psíquico no discurso. O conceito de FD, para retomar, é formulado por Pêcheux (2009) como:

³ Para melhor compreender a noção de aparelhos ideológicos de estado, pode-se ler Althusser, autor desse conceito fundamental à AD, em *Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado*, 1985.

[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc). (p. 147, grifos do autor).

Voltando ao corpo, é preciso, para reforçar, que o identifiquemos ligado diretamente a esse funcionamento heterogêneo das formações, como um lugar também submetido à falta, que faz como que os sentidos venham a ser, onde possamos perceber que uma prática, ou um dizer, de um sujeito e de um corpo acontecem nesse eterno movimento dialético, de reprodução e de transformação, enquanto em funcionamento discursivo. É preciso que esse corpo discursivo esteja também submetido ao caráter dialético que fundamenta os elementos discursivos. O corpo traz a marca do consumismo, enquanto objeto mercadológico, e existe a partir de uma imagem construída culturalmente no nosso imaginário, sem que, com isso, ele deixe de resistir e de movimentar os sentidos.

O corpo do garoto de programa está a serviço desse imaginário impregnado pelas leis mercadológicas, já que ele aparece sempre relacionado com o retorno financeiro, assim como a um objeto de consumo destinado à realização de satisfação sexual dos clientes. Desse modo, quando em discurso, ele abriga um sujeito que está à margem da sociedade e que tenta, imaginariamente, dar conta do sentido naquilo que é discursivizado. Ou seja: antecipando a imagem que seu interlocutor faz de si, o garoto de programa traz seu corpo para o discurso a fim de manter uma imagem que esteja de acordo com os padrões estabelecidos na nossa cultura.

Tudo parece funcionar como se a relação entre A e B, de que nos falava Pêcheux, fosse estabelecida entre ele, o que prostitui o corpo, e a sociedade como um todo, vítima de resquícios ideológicos que remontam a épocas em que o Outro estava encarnado em figuras centralizadoras do poder. A fim de exemplificar, apresento um pequeno recorte desse discurso, o qual será analisado de modo mais profundo em seguida (cap. 3). Nele o garoto de programa tenta dar conta do sentido, antecipando o efeito de seu dizer pelo outro e, logo, a resposta deste, ao explicar sua atividade de escrita no blog como uma característica passível de conviver com a venda do corpo. Nela já podemos vislumbrar a divisão do sujeito, oriunda de uma

contradição ideológica que convive na FD em que ele se inscreve, enquanto sujeito do discurso.

A riqueza de talento na minha capacidade em escrever fez um nó na cabeça de muitos. Mas ora bolas, eu sou um ser humano normal, tive estudo, tive leitura, não sou um pedaço de carne sem cérebro.

O lugar social do GP é o lugar do marginalizado socialmente. Em seu discurso, é possível perceber um funcionamento que representa esse lugar á margem na sociedade, ou seja, o que ele não diz nesse recorte, mesmo com um dizer marcado linguisticamente, o qual antecede a conjunção **mas**, representa esse lugar de quem se prostitui e que antecipa a imagem social que a ele é relegada. A sociedade representaria, desse modo, a posição antagônica, a qual responderia com uma imagem e um dizer preconceituosos em relação a seu trabalho com o corpo, conforme as formações imaginárias. Esse fragmento voltará como sequência analisada no capítulo 3.

Nas condições de produção em que ocorrem os processos discursivos dos GP's, os lugares A e B são ocupados, respectivamente, por eles e pela sociedade conservadora, como foi dito, a qual traz traços ideológicos e culturais de outros tempos, tempos em que a formação social que impunha a forma sujeito histórica era a religiosa, propagadora da ideologia cristã. A culpa aparece como não dito no seu discurso, antecipando a imagem moralista dirigida a ele pela sociedade preconceituosa.

Sendo assim, na conjuntura social fragmentada em que o sujeito se encontra, onde aparece a perda de referência a um Outro específico, característica da cultura pós moderna, o que se vê é a tentativa de simbolizar a partir de um imaginário que remete a todo momento a outras condições sócio-históricas de produção do discurso, que não a atual. Isso mostra o quão frágeis são as fronteiras ideológicas, fato que contribui para que a cultura assuma o caráter da *ambivalência* (Bauman, 2012), ao passo que evidencia a heterogeneidade constitutiva das FD's em seu interior e em sua relação com o exterior, o que torna o espaço para a subjetivação mais eficaz, para que haja a resistência do sujeito.

Se por um lado essa fragmentação⁴ constitutiva da contemporaneidade, reflexo da cultura de mercado, induz a uma pobreza simbólica e de desejo, já que o imaginário parece prevalecer sem uma referência clara que o conduza, por outro, a ruptura, enquanto fato constitutivo da dialética do discurso, pode ser mais fácil de acontecer, tendo em vista que o sujeito acredita na liberdade requerida pela nova ordem social, sem se dar conta de que ela está a serviço do seu próprio fim.

Desse modo, estamos diante de configurações fragmentadas, característica dos elementos que compõem o quadro teórico da AD. Língua, ideologia, inconsciente, corpo e cultura são noções que requerem a chamada de um elemento fundamental considerado, com sua particularidade, nos estudos da linguagem a partir de Pêcheux e seu grupo de estudo, qual seja: o sujeito. É a ele que dedicarei o próximo capítulo, como condição para a discussão sobre mais algumas ferramentas que servirão para a análise que acontecerá na sequência.

⁴ Essa fragmentação refere-se ao fato de que atualmente o sujeito, sob a ordem do consumo e da imagem (da aparência), tem sua capacidade de simbolizar e de desejar diminuídas, ou seja, surge em cena a prevalência do imaginário, de modo que o desejo seja na maioria das vezes um desejo condicionado socialmente, ao mesmo tempo em que o simbólico perde-se no emaranhado de imagens e de valores sociais já dados. Isso é característico da contemporaneidade, na qual as referências de outrora, tais como, por exemplo, a igreja ou o exército, perdem espaço para a aparente liberdade que conduz a cultura do “pode tudo”. E nesse “poder tudo” o que se vê é mais ou menos o “não se ser nada”. Para maiores esclarecimentos desse pensamento que vem da Psicanálise, pode-se ler Dufour (2005) e Birman (2007), conforme dados que constam na bibliografia deste trabalho.

3 O SUJEITO E SUAS REPRESENTAÇÕES

[...] é preciso discernir o que falha não por pretender com isso se amparar definitivamente no verdadeiro (!), mas para tentar avançar tanto quanto se possa em direção à justiça (Michel Pêcheux).

A categoria de sujeito aparece, a meu ver, como a mais importante na análise do discurso. É por intermédio do sujeito que podemos falar em ideologia e em inconsciente. Althusser o colocou em um lugar de condição de existência da ideologia num processo simultâneo de constituição, ou seja, um só existe em função do outro. Do mesmo modo, Lacan o apresentou como o elemento que surge com a linguagem, na estreita relação com o inconsciente, e a ela possibilita o surgimento. Por sua vez, Pêcheux articulou as duas noções de modo a fundamentar a noção de sujeito do discurso, aquele que, conforme o autor, é duplamente afetado, pois é assujeitado pela ideologia e dividido pelo inconsciente.

É a partir dessa relação que podemos mobilizar quaisquer dos outros elementos que compõem “caixa de ferramentas” da AD, ou seja, quando nos utilizamos de qualquer noção para analisar um discurso, é pela ideologia e pelo inconsciente, como marcas que se encontram na constituição do sujeito, que precisamos passar para que possamos chegar próximo aos efeitos de sentido que constituem o objeto com o qual nos deparamos. Desse modo, acredito ser de extrema pertinência dedicar um capítulo a ele, na tentativa de articular algumas ferramentas encontradas na “caixa” para realizar uma das possibilidades de leitura dos processos discursivos que subjazem o discurso do garoto de programa.

A questão da relação entre ideologia e inconsciente é motivo de discussão no cenário atual da AD no Brasil, devido ao fato de o caminho ter sido aberto e não fechado por Pêcheux. O que podemos dizer com certeza, amparados pelo mestre, é que ambos constituem o sujeito, marcando sua relação consigo e com o social, por

onde se chega à conclusão de que a ideologia interpela o indivíduo em sujeito pelo viés do inconsciente. Contudo, ele nos chama atenção ao fato de que ambos não se reduzem um ao outro, mas são independentes e se afetam no discurso, como marca de um sujeito. É nesse ponto que a falha ideológica pode intervir no sujeito pelo viés do inconsciente. Nas palavras do autor, ao tratar da falha da ideologia, se referindo ao aforismo lacaniano que dá título ao texto de sua retificação teórica (1978), *só á causa daquilo que falha*, aparece o seguinte: “É nesse ponto preciso que ao platonismo falta radicalmente o inconsciente, isto é, a causa que determina o sujeito exatamente onde o efeito de interpelação o captura”. (Pêcheux, 2009, p. 277).

Essa é a condição primordial, já que é pelo viés do simbólico, da linguagem, que a ideologia pode se materializar, no discurso, por intermédio do sujeito que é, como foi dito, ideológico e do inconsciente. Desse modo, o inconsciente aparece como a causa que se manifesta no sujeito sob diversas formas, “(...) pois os traços inconscientes do significante não são jamais ‘apagados’ ou ‘esquecidos’, mas trabalham, sem se deslocar, na pulsação *sentido/non-sens* do sujeito dividido.” (p.277, grifos do autor). Essa reflexão, marcada pela expressão *sujeito dividido*, me leva a percebê-lo, o inconsciente, não só como fundamental na constituição do sujeito da AD, mas, como veremos em seguida, como a possibilidade também de, pelo viés do “consciente”, o indivíduo, identificado com a forma sujeito de uma FD, desdobrar-se ilusoriamente para manter-se, ao mesmo tempo, entre a reprodução e a transformação, entre a ordem estabelecida e a ruptura.

Nesse sentido, a divisão constitutiva do sujeito, origem da possibilidade da divisão “consciente” do indivíduo interpelado, em sua relação com o enunciado, já no nível do esquecimento 2, surge como uma noção que dá lugar a uma discussão perpassada pelo olhar à opacidade das duas instâncias, a da ideologia e a do inconsciente, e delimita uma especificidade singular na teoria, através da qual se assenta a interpretação requerida pela AD, enquanto disciplina de entremeio, e a possibilidade de o(s) sentido(s) vir(em) a ser. A complexidade desse encontro pelo viés do sujeito é, retomando, causa de angústia de quem se dedica ao pensamento de Pêcheux, o que me leva a pensar, com Barbai (2011), que essa

[...] articulação entre ideologia e inconsciente indica o desequilíbrio das certezas. Ela permite se olhar para a linguagem, para aquilo que se inscreve materialmente como falha, como equívoco, como lugar do evanescente do sujeito e do sentido no mundo. (p.379).

Desse modo, não pretendo resolver essa questão, mas tão somente tocá-la no ponto que me cabe por hora, que é o de trazê-la para reforçar a identidade do sujeito do discurso que habita a AD. Esse é o traço fundamental que permite vislumbrar a contradição que constitui os sujeitos discursivos na sociedade contemporânea e, ainda, essa contradição torna-se constitutiva do sujeito justamente pelo fato de que, conforme Pêcheux (2009), “[...] o caráter comum das estruturas-funcionamento designadas, respectivamente, ideologia e inconsciente, é o de dissimular sua própria existência no interior mesmo de seu funcionamento [...]” (p.139), o que causa a “evidência” do sujeito como causa de si.

Como foi mencionado no capítulo 1, menção, aliás, que permeia todo este trabalho, já que dominados pela ideologia burguesa, vivemos sob a forma sujeito histórica do capitalismo, a qual carrega em si as contradições que permeiam o imaginário social no que se refere à liberdade e ao controle. Essa configuração atual leva os sujeitos a uma liberdade que os controla, ou seja, somos sujeitos livres exatamente no ponto em que nossa submissão à disciplina se instaura. Pelo fato de eu estar amparado por uma teoria que considera a contradição e o equívoco como elementos fundamentais e constitutivos do discurso, mobilizarei algumas noções metodológicas nesta parte do trabalho que dedico ao sujeito, como já foi dito no capítulo anterior, do aparato da análise de discurso as quais considero pertinentes para se chegar à contradição, tais como *pré-construído*, *forma-sujeito* e *modos de subjetivação*. E retomarei aqui uma, e talvez a mais importante, das resistências, que é a *resistência do sujeito*. Como dito acima, o discurso, como materialidade da ideologia, materializa-se na língua, o que revela o olhar ao que é exterior a ela, considerando elementos que, apesar de não serem de sua ordem interna, fazem parte de sua constituição.

O sujeito é aqui considerado como um efeito. Longe do pensamento empirista, que o coloca em condição de consciente e racional, capaz de controlar os sentidos e de organizar as coisas ao seu modo, essa categoria constitui-se como um

resultado da interpelação ideológica do indivíduo, de modo que ele representa uma posição social assumida pelo indivíduo quando alocado em um discurso. Duplamente constituído, o sujeito é assujeitado pelo efeito da interpelação ideológica e dividido, clivado, devido a sua submissão ao inconsciente. Lugar da falha, ele representa a possibilidade da resistência, onde se pode ver a resistência da língua e também a resistência da ideologia.

Como vemos, essa categoria é percebida com um lugar de divisão, constituindo-se como um efeito e seja responsável pelo fato de que a AD organize-se como uma disciplina de interpretação, a qual considera o sujeito assim desse modo, materializando em seu discurso ideologia e inconsciente. A concepção de que a subjetividade é heterogênea e a leitura da AD não é subjetiva se refere ao fato de que esse sujeito dividido se apresenta ligado a uma FD, com a qual ele se relaciona de modos diferentes, devido ao seu desdobramento, já que é um efeito, em diferentes posições de sujeito. Indursky (1998) traz uma explicação que nos lembra a questão da unidade aparente que ocorre quando o sujeito identifica-se com os saberes de uma FD, unidade imaginária que traz o fato de que o sujeito é constituído, também, pelo outro. Segundo a autora:

Dito de outra forma: o sujeito, ao relacionar-se com a forma-sujeito, pode assumir diferentes posições de sujeito, as quais vão desde a plena identificação com a forma-sujeito, refletindo o saber de sua formação discursiva, até divergir desse domínio de saber, aí introduzindo o diferente e o divergente, que instauram a contradição. (p.116)

Nesse sentido, de acordo com Pêcheux, origem da leitura de Indursky, o sujeito relaciona-se com o sentido a partir da identificação que poderá ser plena com os saberes da FD à qual ele se vincula, ou através de uma contra-identificação, representada pela ruptura, contestação contra esses saberes, em diferentes intensidades. Movimentos que caracterizam o desdobramento do sujeito entre o *sujeito da enunciação* e o *sujeito universal*. Temos, então, o que o autor chamou de *o bom* ou *o mau* sujeito, os quais representam, no discurso, os *modos de subjetivação* do sujeito. Antes de tentar aprofundar essas noções, irei mais uma vez na psicanálise para buscar uma leitura que considero fundamental para o surgimento desse nosso sujeito do discurso.

Elia (2004) realiza um percurso bastante esclarecedor a respeito da constituição do sujeito tal como ele é concebido nos estudos psicanalíticos, de Freud a Lacan, o qual é trazido com sua nova roupagem na AD, quando articulado à questão da ideologia a partir dos postulados oriundos do materialismo histórico. Segundo o autor, o sujeito é uma construção social, ou seja, a possibilidade de sua existência se dá pelo fato de o indivíduo ao vir ao mundo, enquanto bebê, entrar em contato com Outro, que, na figura da mãe, representa as condições para que o sujeito venha a existir, já que essa relação entre o bebê (ser biológico) e a mãe se dá por intermédio da linguagem. O Outro, então, além de ser “encarnado” na figura da mãe, como visto em Freud, ele representa, com Lacan, a via de acesso à ordem “[...] que este adulto encarna para o ser recém-aparecido na cena de um mundo já humano, social e cultural [...]”. (p. 39).

Nesse sentido, é na relação com o significante que surge, então, o sujeito, para além da relação biológica mencionada entre os seres. Para que ele se constitua, é preciso que haja a articulação entre o biológico e o social apenas como um suporte, num nível pré-constituente, para que entre em cena esse sujeito, que é um efeito marcado na linguagem. Estabelecendo uma relação com os registros do corpo, mencionados no capítulo anterior, é a partir desse momento que a relação do sujeito com o corpo deixa de ser apenas imaginária para ser simbólica e marcar, desse modo, a condição de nascimento efetivo do sujeito que entra mergulha no simbólico, marcado pelo significante, instância a qual mediará, por conseguinte, a relação com o corpo do real.

O momento da vida biológica do sujeito causa certa confusão para que entendamos o que de fato é sujeito. Nesse sentido, Elia nos esclarece mais uma vez: no momento em que ainda se fala nos aspectos biológicos, não há o sujeito, já que eles surgirão para este apenas por intermédio da linguagem. O momento em que o bebê vem ao mundo representa o que antecede, então, o sujeito, ou seja, é o momento em que aquele se depara com a necessidade vital, que é biológica, de sobrevivência (representada pelo leite), marcando uma relação com o Outro, a qual dará, e só assim, vida ao sujeito, já que essas necessidades nunca serão experimentadas por ele sem a mediação da linguagem.

Como vemos, a primazia é dada ao simbólico, lugar do sujeito concebido pela psicanálise e que, retomando, configura o sujeito do discurso na AD. É essa mesma condição simbólica que possibilita que o enxerguemos em relação com a ideologia, já que ele surge quando o indivíduo é interpelado ideologicamente, trazendo a existência, no discurso, do sujeito. Ao ratificar o fato de essa constituição do sujeito se dar pela via do simbólico, Elia (2004) faz questão de deixar claro que a vida biológica não é desconsiderada pela psicanálise, apesar de ela não ser fundamental, enquanto etapa dessa constituição. O autor nos diz

[...] que a experiência que temos de nosso organismo, de suas exigências, proezas, debilidades ou doenças, nós só a temos através do campo da significação, do sentido, ou seja, pelo fato de que, por sermos falantes, somos marcados pela linguagem, pelo significante, mesmo no mais extremo nível de intimidade que possamos estabelecer com nossos órgãos e com nosso corpo. (p. 46).

Esse esclarecimento do autor permite que enxerguemos mais claramente o que é o sujeito do discurso. Além de ele não ser o indivíduo, materializado biológica e fisicamente pelo corpo, ele não representa a razão, a consciência, ao contrário, ele é um ser de linguagem, que se materializa simbolicamente no discurso, trazendo traços do inconsciente e da ideologia que interpela um indivíduo a dizer, a entrar na ordem do discurso através de uma tomada de posição que representa o que sempre-já existiu, para além do seu controle ou da sua plena consciência.

É assim que esse sujeito, marcado pelo significante, e constituindo-se entre significantes, interessa a Pêcheux (2009), já que traz a condição para o jogo de identidade do sujeito, relacionando-se com a ideologia, de acordo com o que o autor chamou de *processo do significante, na interpelação-identificação*. Essa questão do significante como marca do sujeito, elaborada por Lacan, serviu de base para que Pêcheux considerasse o sujeito do discurso como um processo, preso à *rede de significantes*, no sentido de Lacan, e, por conseguinte, considerando-se, ilusoriamente “causa de si”, colocando-se, pelo simbólico, no lugar do *não sujeito*, o que traz esse efeito de contradição. Segundo Pêcheux:

E é, de fato, a existência dessa contradição (produzir como resultado uma causa de si), e seu papel motor em relação ao processo do significante na interpelação-identificação, que nos autorizam a dizer que se trata realmente de um processo, na medida em que os

“objetos” que nele se manifestam se desdobram, se dividem, para atuar sobre si enquanto outro de si. (p. 143).

Volto ao desdobramento do sujeito no discurso, com Pêcheux, a fim de preparar a análise que se seguirá a respeito da prostituição masculina.

3.1 ENTRE IDEOLOGIA E INCONSCIENTE, A RESISTÊNCIA DO SUJEITO DO DISCURSO

*Se te contradisseste e acusam-te.... sorri.
Pois nada houve em realidade.
Teu pensamento é que chegou, por si,
Ao outro pólo da verdade... (Mario Quintana.)*

O *bom sujeito* representa a primeira modalidade evidente da relação do sujeito com o sentido. Nas palavras de Pêcheux (2009), ela “consiste numa superposição (um recobrimento) *entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal*, de modo que a ‘tomada de posição’ do sujeito realiza seu assujeitamento sob a forma do *‘livremente consentido’*”. (p. 199, destaques do autor). Nessa modalidade, há uma reprodução maior dos saberes da FD, em relação à transformação, já que o sujeito se organiza para manter a aparência do sentido tido com predominante pela forma sujeito que é dominante na FD. Articulando na materialidade linguística os processos discursivos que visam dar conta do sentido, o bom sujeito apresenta uma relação com o esquecimento nº 1 bem evidente, quando articula o dizer a fim de manter-se ligado a esses saberes, caracterizando o modo de subjetivação de *identificação* plena do sujeito com os saberes dominantes na forma sujeito dominante dessa FD.

O *mau sujeito*, por sua vez, representa a segunda modalidade, a qual torna possível a convivência do diferente dentro de uma FD, o que leva à percepção de que a FD é constituída pela sua relação com outras FD’s e afetada por diversas formações ideológicas, o que dá luz a seu caráter de lugar heterogêneo de sentidos. Essa modalidade, através da qual vislumbramos o segundo modo de subjetivação, representa, na materialidade discursiva, uma *contra-identificação* do sujeito com os saberes dominantes da forma sujeito na FD. Nas palavras de Pêcheux, essa modalidade caracteriza, então,

o discurso no qual o sujeito da enunciação “se volta” contra o sujeito universal por meio de uma “tomada de posição” que consiste, desta vez, em uma separação (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta...) *com respeito ao que o “sujeito universal” lhe dá “a pensar”*. (op. cit. p. 199, grifos do autor).

Nesse sentido, o sujeito aparece como um fundamental elemento da resistência, já que se inscreve na linguagem, que resiste através do equívoco, exatamente no ponto em que ela encontra-se com a ideologia, resistente e marcada pela contradição. Esse espaço simbólico representado pela linguagem, e responsável pela incompletude, é a própria condição de existência do sujeito. É relevante acrescentar aqui que todas essas noções mencionadas só são possíveis de se materializarem pelo viés do sujeito do discurso, o qual é afetado, simultaneamente, pela ideologia e pelo inconsciente.

Em outro texto (1982), no qual o autor trata das grandes revoluções que marcaram a história e os discursos, a resistência também aparece na relação de conflitos entre ideologias antagônicas, que mantêm uma estabilidade no modo como operam seus discursos e que apontam para o fato de que a contradição materializa-se no interior mesmo da luta de classes. Isso resulta no efeito de evidência capaz de não permitir ver a presença do outro, isto é, no próprio interior da ideologia dominada é que se exerce a ideologia dominante, numa relação de dependência que marca a contradição e as falhas, mascaradas, porém, sob o efeito de evidência da oposição/antagonismo. Há que se perceber a ilusão do uno ideológico, efeito de *interpretações populistas* que permeiam o imaginário social acerca da revolta e que se materializa no discurso revolucionário. De acordo com Pêcheux:

Desligar-se do efeito religioso que aí se veicula é antes de tudo reconhecer que, mesmo no espaço ideológico feudal-monárquico, e a fortiori nas condições contemporâneas, as ideologias dominadas se formam sob a dominação ideológica e contra elas, e não em um “outro mundo”, anterior, exterior ou independente. (Pêcheux, 1990, p.16).

A resistência, que aparece como reveladora da contradição da ideologia, materializa-se na constituição do sujeito. Ao levar em conta o fato de que em Análise de Discurso o sujeito é um efeito constituído pela interpelação ideológica no indivíduo, que sujeito e ideologia materializam-se no discurso e que se “a revolta é

contemporânea à linguagem, é porque sua própria possibilidade se sustenta na existência de uma divisão do sujeito inscrita no simbólico”, torna-se relevante falar da resistência articulada a esses três elementos, a língua, a ideologia e o sujeito, e sua implicação no corpo e na cultura sob a perspectiva discursiva aqui assumida. (PÊCHEUX, 2009, p.279). A entrada com força do inconsciente na AD configura o lugar especial para falar na resistência do sujeito e, com ela a resistência do corpo e da cultura, ou seja, é pela intervenção do real que não cessa de não se escrever que esses elementos constituem-se como lugar da falta, da possibilidade de o sentido vir a ser.

Essa resistência ideológica caracteriza o fato de que a *forma sujeito* do discurso organiza os saberes da FD a partir de um desdobramento, o qual configura a contradição da ideologia nesse interior e permite que o sujeito realize uma tomada de posição em relação aos saberes que habitam a FD em que ele se constitui, de modo que a identificação com esses saberes não seja determinadamente plena e que possa existir mais de uma posição sujeito convivendo sob esse domínio de saber. Tal relação entre língua e ideologia é materializada pelo sujeito do discurso a partir de uma relação simultânea de afetação entre interioridade e exterioridade, ou seja: no domínio do dizível, no interior da FD, na materialidade linguística representada pelo *intradiscurso*, o saber sempre-já-aí da interpelação ideológica (Pêcheux, 2009) que constitui a exterioridade, o *interdiscurso*, enquanto saber *pré-construído* é dissimulado pela *articulação*, também oriunda dessa exterioridade, na organização dos saberes pela FD, causando o efeito da evidência do sentido e do sujeito. Essa articulação, “*constitui o sujeito em sua relação com o sentido*, de modo que ela representa, no intradiscurso, aquilo que determina a *dominação da forma-sujeito*.” (p. 151)

Como vemos, essa relação se dá de modo que o interdiscurso, a partir da articulação, ou do que Pêcheux chamou de *discurso transverso*, organiza os saberes na FD com base nos saberes que nele são constituídos, como forma de *pré-construído*. E então sob a relação ilusória do sujeito, interpelado pela ideologia, com a língua se instaura o discurso, ligado ao domínio de uma forma-sujeito que exerce uma relação de dominância dos sentidos em determinada formação discursiva. A característica de “apagamento” da determinação pelo exterior que sofre a FD é

realizada pela forma-sujeito dominante dessa FD, a qual (des)organiza os mecanismos que representam a exterioridade no discurso. A partir de Pêcheux:

[...] diremos que a forma-sujeito (pela qual o 'sujeito do discurso' se identifica com a formação discursiva que o constitui) tende a absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso, isto é, ela simula o interdiscurso no intradiscurso, de modo que o interdiscurso aparece como o puro 'já-dito' do intra-discurso, no qual ele se articula por 'co-referência'" (p. 154, grifos do autor).

Se, conforme Althusser (1999), o sujeito só existe pelo fato de ser ideológico, ao passo que a ideologia só "existe pelo sujeito e para os sujeitos" (p. 210), é imprescindível que se fale de um a partir do outro, através de um olhar a um objeto que os materialize e permita ver o movimento do(s) sentido(s) que estão em jogo. Ao estabelecer essa relação mútua de constituição, o autor nos esclarece, dizendo que:

[...] a categoria de sujeito é constitutiva de toda ideologia, mas, ao mesmo tempo e imediatamente, acrescentamos que a categoria de sujeito só é constitutiva de toda ideologia enquanto esta tem por função (que a define) "constituir" os sujeitos concretos (você e eu). É nesse jogo de dupla constituição que se efetua o funcionamento de toda ideologia, sendo que a ideologia nada é além de seu funcionamento através das formas materiais da existência desse funcionamento. (op. cit., p. 210).

Ao seguir o pensamento de Althusser, o que brevemente expus acima, Pêcheux traz essa questão, de modo mais particular, para o campo da linguagem, a partir de um olhar mais apurado à língua, esta como base material para que um discurso se efetue, mobilizando ideologia e sujeito. Como um lugar que não mantém uma homogeneidade, a língua assim considerada torna-se um espaço de efeitos, numa relação de interdependência com outras categorias constitutivas do discurso, ou seja, na concepção discursiva de língua, ela perde seu caráter autônomo e ganha o estatuto de lugar aberto à exterioridade, instável, passando a ser reconhecida como objeto de base material, que constitui os efeitos de sentido junto com os processos sócio-históricos.

Com base no que precede, podemos perceber que a resistência do sujeito está bastante relacionada com o fato de ele ser dividido, em sua constituição individual, pelo inconsciente, o que permite que ele mobilize os saberes da FD com a qual ele se identifica a partir de uma tomada de posição que o permita deslizar ou

até mesmo romper com os sentidos que o dominam. A contra-identificação é uma maneira de essa resistência acontecer, através de uma posição sujeito, ou de várias posições, já não tão submissa aos domínios da forma sujeito que organiza os dizeres do sujeito do discurso. Essas posições são possíveis devido à heterogeneidade que compõe a FD, estendida à forma sujeito, de modo a constituírem-se como o resultado do desdobramento e da fragmentação que ocorrem nessa forma sujeito. “Chamar-se-á domínio da forma-sujeito... o conjunto das diferentes posições de sujeito em uma formação discursiva como modalidades particulares de identificação do sujeito da enunciação ao sujeito do saber”... (COURTINE, 1981, p.51 *apud* INDURSKY, 2008, p. 17).

Num artigo que tenta trazer uma aproximação, bem como salientar as diferenças, entre o *discurso* de Pêcheux e o de Lacan, Michel Plon traça um breve percurso desses autores a partir de pontos importantes em cada uma de suas teorias. É a concepção de *discurso* que os aproxima, segundo o autor, e isso acontece a partir do olhar atento de ambos às questões da língua e do sujeito, na medida em que o sujeito em Pêcheux deixa de ser um efeito de subjetividade, para, aos moldes de Lacan, aparecer como um não lugar, submetido às contradições da língua, quando no discurso, mas com um olhar, diferentemente de Lacan, à história. O sujeito surge como um efeito da ordem do significante linguístico, porém longe de qualquer teor psicológico como aparece na maioria dos estudos da ciência da língua. Na tentativa de tematizar o discurso em Pêcheux, afastando-o da concepção althusseriana sobre o termo, em alguns pontos, Plon nos diz o seguinte:

[...] em outras palavras, o discurso para Pêcheux não é um texto, não é a palavra de um sujeito, aqui entendido no sentido de indivíduo singular, mas uma produção presa nas contradições da língua e remetendo a lugares ou posições, a relações de lugar e de posição em uma formação social dada e, portanto, ao conjunto de discursos possíveis. (PLON, 2012, p. 24).

Vemos aí uma singularidade no pensamento de Pêcheux, singularidade que se pauta no trabalho exaustivo em (des)articular regiões teóricas e romper com as fronteiras que aparentemente as distinguem. É nos limites do materialismo histórico, da lingüística e da teoria do discurso, atravessados pela psicanálise, que se finca a bandeira teórica da análise de discurso pecheutiana. É através da percepção de que o sentido se constitui para além da vontade de um indivíduo, anterior até mesmo de

uma posição identificada com saberes “específicos” de uma formação discursiva, no mesmo instante em que a interpelação ideológica faz surgir o sujeito e o discurso, que o pensamento de Pêcheux inova. E, então, ligados a uma FD, o sentido e o sujeito constituem-se como um efeito, pela ilusão da evidência, conforme foi dito.

É desse modo que o discurso adquire uma nova roupagem no pensamento de Pêcheux, aproximando-o ainda mais do discurso de Lacan, quando o olhar ao sujeito toma novos rumos, quando se percebe que “a não representatividade do sujeito no texto inconsciente é consoante com a proposição segundo a qual um efeito de sentido não preexiste à formação discursiva na qual ele se constitui”. (FEU DE CARVALHO, 2010, p. 66). O sentido enquanto efeito surge, como vemos, quando a língua é posta em discurso, quando a ideologia materializa-se na interpelação do sujeito em sua relação com os saberes que são trabalhados na *memória discursiva*⁵ de uma formação discursiva.

Feu de Carvalho nos lembra a reformulação teórica realizada por Pêcheux no anexo de Semântica e Discurso já citado, intitulado por “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês”, através da qual o autor retifica questões referentes à interpelação ideológica quando lança um olhar mais apurado à questão do inconsciente. Aparece a questão do *non sens*, que, ligado ao modelo do *Witz*, põe a ver as falhas que constituem o discurso, tais como a falha do sujeito, a da ideologia e a da língua, ou seja, que sujeito e sentido constituem-se como efeitos, também, exatamente no ponto em que algo falha. De acordo com o pensamento de Pêcheux, “o *Witz* representa um dos pontos visíveis em que o pensamento teórico encontra o inconsciente: o *Witz* apreende algo desse encontro, dando a aparência de domesticar seus efeitos”. (PÊCHEUX, 2009, p. 280).

É através do *Witz*, então, a partir da reconsideração teórica do autor, que aparece a possibilidade de revolta, de resistência do sujeito, que representa, na língua, pontos em que o inconsciente não cansa de intervir, colocando em xeque a interpelação ideológica e o assujeitamento pleno do sujeito no discurso, de modo

⁵ A memória discursiva está relacionada com os saberes que sustentam uma FD. Ela é a possibilidade de que os sentidos possam se constituir no discurso, já que se caracteriza como um recorte dos saberes do interdiscurso e visa organizá-los no interior da FD para que o sujeito possa dizer acreditando estar em si a origem do sentido e esquecendo-se de que o que ele diz é um já-dito em outras condições sócio históricas.

que a ideologia dominante já não se reproduz sem que algo falhe. É possível estabelecer uma relação entre essa noção e a dos modos de subjetivação, considerando que o witz abre espaço para que o sujeito da enunciação se contra-identifique ou se desidentifique dos saberes manipulados ilusoriamente pelo sujeito universal da FD. Passo agora a algumas análises...

3.2 “QUERO UM PAGAMENTO PARA ME DEITAR”⁶: O SUJEITO CONSTITUINDO(-SE) (N)A PROSTITUIÇÃO (ANÁLISES)

É também com o corpo todo que pinto os meus quadros e na tela fixo o incorpóreo, eu corpo a corpo comigo mesma. [...] Ouve-me então com teu corpo inteiro (Clarice Lispector).

Em análise de discurso esse movimento dos sujeitos e dos sentidos na língua só é possível quando consideramos a materialidade. A materialidade discursiva representa a condição para que a análise de processos sócio-históricos imbricados na língua se realize, ou seja, ela representa a junção de um olhar que liga a história à língua, fato fundamental para que se gestos de interpretação se realizem a partir da perspectiva discursiva mencionada. Orlandi (2012 b), retomando os postulados de Pêcheux, tendo como base o materialismo histórico e dialético, vai nos dizer que “(...) a materialidade é o que permite observar a relação do real com o imaginário, ou seja, a ideologia, que funciona pelo inconsciente [...]” (p.72). Nesse sentido, a autora relembra que “a materialidade específica da ideologia é o discurso e que a materialidade específica do discurso é a língua.” (op. cit.).

Desse modo é que realizo um gesto de análise sobre o discurso dos garotos de programa, na tentativa de perceber movimentos de sentidos que se realizam na materialidade discursiva, representativa de um recorte no discurso desses sujeitos. Contudo, para além de um olhar à materialidade linguística, a qual, como foi dito, engendra os processos históricos que representam a exterioridade constitutiva do

⁶ Trecho da música *Garoto de Aluguel*, composta e interpretada por Zé Ramalho.

discurso, busco perceber como o corpo funciona na constituição do sujeito e do sentido, de que modo o corpo funciona como discurso na sociedade contemporânea, onde a resistência torna-se um elemento fundamental para que se perceba a quebra do ritual ideológico e para que se visualizem as falhas inerentes ao sujeito, à língua e à ideologia.

A configuração da forma-sujeito histórica (Orlandi, 2012a) contemporânea, revestida dos ideais capitalistas, põe em funcionamento uma contradição “violenta” nas práticas e discursos dos sujeitos nela inseridos. Desse modo, sujeito e corpo entram numa relação paradoxal que os coloca ora em uma espécie de estado de inércia, ora, ao contrário, numa constante luta que se dá pelo viés da resistência⁷, constituindo o cenário de um campo de forças, o que afeta, por conseguinte, os modos de subjetivação atuais. De acordo com Rolnik (2004), essa contradição causada pelas *políticas de subjetivação*, funciona atualmente da seguinte maneira:

[...] por um lado, o conhecimento de mundo como campo de força tende a ser desacreditado, o que tem como efeito sua desativação: o corpo vibrátil entra em estado de coma; por outro, intensifica-se brutalmente o paradoxo entre os blocos virtuais de sensações e as formas de vida atuais, o que intensifica igualmente a vertigem e a mobilização das forças de criação e de resistência que ela provoca. (p. 233).

Essa leitura da autora é trazida para que percebamos a contradição que perpassa o imaginário social contemporâneo. Corpo e sujeito, ao passo que podem andar sob a alienação e a inércia, reproduzindo saberes ideológicos dominantes, podem, da mesma forma, resistir a essa alienação e inércia, transformando esses saberes pelo viés da luta, da ruptura com os padrões. A seguir, aprofundo um pouco mais a relação entre o corpo e a cultura, através da permanente articulação da AD com suas áreas vizinhas. A partir das noções teóricas e analíticas trabalhadas acima, traço uma leitura que tenta dar conta, de um modo geral, do funcionamento discursivo que configura o discurso da prostituição masculina, mais especificamente, do garoto de programa sobre sua prática, sobre o seu corpo, que tenta dar conta da articulação entre sexo e mercado:

⁷ A autora conceitua *corpo vibrátil* como o corpo que resiste e luta contra as inúmeras sensações causadas pela rapidez com que se move o mundo atual no que se refere às mudanças no mercado de consumo. Para melhor entender essa noção, ler a obra da autora aqui mencionada (2004).

A constituição de uma FD da prostituição na minha análise aparece, claro, heterogênea, já que suas fronteiras são porosas como quaisquer das formações que compõem o quadro teórico da AD. Contudo, traz uma regularidade entre os saberes dominantes que a permitem existir, ou seja, a divisão do sujeito em duas posições contraditórias, e não antagônicas, acontece sim. Uma afeta a outra diretamente, fazendo com que a contradição ideológica constitua, pelo viés linguístico da negação e da contrajunção, cada uma delas. O “conflito” entre a sexualidade e o mercadológico é constante e passa, nesse sentido, a organizar a forma sujeito que domina essa FD.

Essa forma sujeito já se constitui de modo contraditório, tentando dar conta de saberes que emergem de diferentes lugares, ou seja: a contradição é constante e marcada pela relação entre prazer e negócio, saberes que convivem a partir da articulação que organiza no intradiscurso a exterioridade contraditória que constitui essa FD. O sujeito resiste no plano individual, desdobrando-se em, aparentemente, duas posições sujeito, as quais também falham porque afetadas pela falha ideológica que afeta, de modo mais pontual, cada uma delas. A própria configuração de uma FD da prostituição já se constitui como um lugar de ruptura com os padrões sócio-culturais que dominam o imaginário social pelo viés da ideologia dominante, que é a capitalista, a qual ainda traz bastante resquícios da ideologia cristã.

Desse modo, a forma sujeito que domina essa FD já configura-se pela resistência, pois organiza os saberes de modo a articular essas influências ideológicas discordantes num ponto crucial sobre o corpo sexuado, marcando o caráter contraditório da ideologia, isto é: é entre o prazer e a necessidade que ela se constitui, de forma que o prazer está a serviço do mercado, aos moldes do capitalismo, aparecendo como uma justificativa pela necessidade do trabalho e do consumo. Isso não impede, contudo, a emergência da culpa a serviço da religião, a qual traz consigo as moralidades e o preconceito que visam controlar os corpos, pelo viés da fé e da pureza.

O sexo ainda predomina no imaginário social como intimamente ligado ao amor, de modo que o casamento ainda é a instância em que a liberdade sexual se estabelece de modo mais eficaz. Essas noções, portanto, não deixam de aparecer no discurso do GP, de modo que a divisão do sujeito do discurso ocorra pelo

desdobramento da forma sujeito nas posições sujeito PSI e PS2, onde a primeira aparece como dominante na FD, mantendo a articulação prazer/negócio que domina os saberes da forma sujeito e a segunda, de alguma forma, resista e mantenha um distanciamento causado pela discordância que mantém com os saberes dominantes, organizados pela PS1. Vejamos de que modo é possível visualizar esse funcionamento nas sequências abaixo:

SD1 - *Em 2011 eu criei **um ser**. **Uma coisa** com uma finalidade. **Um** propósito. **Um** gênio da lâmpada que realiza desejos. **Um** psicólogo. **Um** amigo. **Um** jornalista. **Um** escritor. **Um** ator. **Um** amante. **Tudo junto** numa caixinha de Pandora vermelha com um pequeno cavalo correndo em forma de fechadura.*

SD2 - *Uma coisa não tem nada a ver com a outra. **Minha sexualidade, não tem nada a ver com o meu trabalho**. Uma coisa **não** influencia a outra. Uma coisa **não** atrapalha a outra. **Mesmo assim** faço o **meu** trabalho muito bem, de forma sincera e bem gostosa, se é que me entendem. Quem já experimentou, sabe muito bem.*

Chama a atenção nessas sequências o fato de aparecer uma tentativa de isenção por parte desse sujeito “real” da prostituição, já que, como fica mais claro em SD1, o sujeito que diz busca se distanciar daquele que executa a prostituição, querendo marcar uma fronteira entre dois sujeitos imaginários, dois corpos imaginários, que mais se aproximam do que se separam, a partir de um mesmo propósito. Essa sequência é marcada pelo uso excessivo do artigo indefinido **um**, que funciona como uma marca linguística que coloca esse sujeito, agora enquanto materialidade, sujeito do discurso, numa posição sujeito identificada com os saberes dessa FD da prostituição. Como ele tenta dividir os sentidos, parece que seus efeitos convergem para confirmar a ideologia de consumo que o domina. São apresentadas características positivas de um produto que está aí para atender aos interesses do mercado consumidor.

Com inúmeras qualidades, esse corpo, enquanto materialidade, está a serviço de um consumo que prevê a satisfação de desejos de quem o contratar. O imaginário materializa-se no simbólico numa relação que liga sujeito, corpo e língua, todos representando uma interpelação ideológica que mais reproduz do que transforma os sentidos. Poderíamos dizer, contudo, que a tentativa de desligamento, através da divisão entre dois seres, seria representativa de um deslizamento do

sentido, onde o preconceito contra a prostituição emergiria como um efeito da ordem da falha, do witz, aparecendo como um saber de outro lugar, não tão identificado com a FD em questão, sem que, com isso, deixe de estar sob o domínio da forma sujeito que a representa.

Aproximando da psicanálise, a partir de Leandro Ferreira (2011a), o corpo estaria, no registro do simbólico, trazendo traços da relação imaginária que determina o corpo desse sujeito, ao mesmo tempo que mediatizando a relação do sujeito com o Real. Apesar de um pequeno deslizamento, que marca a divisão constitutiva do sujeito linguisticamente pela oposição **ser** e **coisa**, tudo converge de modo que o sujeito do discurso mantenha-se plenamente identificado com a forma sujeito dessa FD, já que o que emerge em forma de pré-construído acaba convergindo com o discurso transversal que é organizado para dar conta da ilusão do sentido em relação aos saberes dominantes dessa FD.

Nesse sentido, temos um funcionamento em que predomina a PS1, identificada com os sentidos dominantes, os quais dividem o sujeito entre essa posição, da ordem do privado, do sexo por dinheiro, a qualquer preço, a qual exerce uma função de dominante e aquela (PS2) que se contra-identifica em alguns aspectos, ou pelo viés do prazer descompromissado ou pelo viés da moralidade que constitui o interdiscurso a respeito do corpo sexuado, afetando-as de alguma forma. A distinção entre **ser** e **coisa**, coloca o garoto de programa na condição construída socialmente a seu respeito, que é a de um sujeito marginal, o qual ocupa um lugar de dominado na relação de classes contemporânea, como um traço ou fração de uma classe dominada (PÊCHEUX, 2010). Enquanto **coisa**, ele é apenas uma mercadoria, um corpo objeto para consumo; na condição de **ser**, ele remete a pessoa, dotada de qualidades, as quais foram atribuídas a ele através de características aceitas socialmente.

Essa convivência entre o estranho e o familiar é muito dissimulada, de modo que o sujeito não perceba que é afetado pelo outro, o que permite que a PS1 predomine nessa sequência. O uso do artigo indefinido **um** é utilizado em prol da articulação, concordando com o ser dotado de capacidades criado pelo sujeito do discurso, mesmo que seu sentido discursivo possa estar apontando para uma indeterminação que faz com que o garoto de programa seja visto socialmente como

qualquer um, como o tudo (imaginário pessoal) e o nada (imaginário social) reunidos na caixinha de pandora, de modo que sujeito e objeto (mercadoria) se confundam no plano material e que, no plano discursivo, essa confusão seja apagada pela ilusão que leva o sujeito a distanciar-se do objeto de seu discurso. Esse funcionamento pelo artigo indefinido remete ao discurso da lei, (dis)simulado pela indeterminação que coloca qualquer um sob a liberdade aparente que rege o imaginário dominado pela ideologia burguesa, de tal modo que “[...] esse fenômeno lingüístico da indeterminação (ou de não-saturação) se encontra tanto no discurso do aparelho jurídico (*‘Aquele que causar algum prejuízo a alguém deverá repará-lo’*) como no funcionamento ‘cotidiano’ das noções gerais [...]”. (PÊCHEUX, 2009, p. 97)

Começo a análise da SD2 a partir de Orlandi (2011) que, ao tratar do texto como elemento mais adequado para uma análise de linguagem, apresenta o fato de que essa análise parte do material linguístico sem, contudo, restringir-se a ele, já que ao se considerar as condições de produção em que esse texto é produzido, desloca-se a noção de texto para discurso, o qual constitui o objeto de análise na concepção discursiva de língua, onde as especificidades linguísticas – lexicais, morfológicas, sintáticas ou semânticas – serão conjugadas aos processos sócio-históricos envolvidos no discurso.

Desse modo, ao considerar o **mesmo assim**, de modo semelhante ao **mas**, em sua função morfológica de conector opositivo, o qual produz um sentido de contraste entre orações ou proposições, em seu domínio sintático e semântico, a partir de seu funcionamento discursivo o que interessa não é mais a busca por um sentido global, ou pelo posicionamento assumido por um locutor no enunciado. O que interessa é a tentativa de perceber que efeitos de sentido podem conviver em uma sequência, evidenciando o caráter fragmentado e heterogêneo da língua e do sujeito considerados sob o viés da AD. Nas palavras de Orlandi,

[...] o que importa é destacar o modo de funcionamento da linguagem, sem esquecer que esse funcionamento não é integralmente linguístico, uma vez que dele fazem parte as condições de produção, que representam o mecanismo de situar os protagonistas e o objeto do discurso. (ORLANDI, 2011, p. 117).

Nesse sentido, o conector **mesmo assim** aparece para marcar a contradição constitutiva do sujeito, afetado pela ideologia e constituído na/de língua, de modo

semelhante ao que ocorre com o *mas*. Sob a perspectiva da AD, Courtine (2009), ao analisar o funcionamento deste conector, nos diz que um enunciado que compõe uma sequência discursiva a partir de elementos linguísticos contrastivos, constitui-se em um *enunciado dividido*, o qual traz no interior de sua formulação saberes antagônicos que marcam diferentes posições sujeito no interior de uma FD, evidenciando a contradição constitutiva mencionada. Para o autor, uma posição sujeito é concebida

[...] como uma relação determinada que se estabelece em uma formulação entre um sujeito enunciador e o sujeito do saber de uma dada FD. Essa relação é uma relação de identificação cujas modalidades variam, produzindo diferentes efeitos-sujeito no discurso. A descrição das diferentes posições de sujeito no interior de uma FD e dos efeitos que estão ligados a ela é o domínio de descrição da forma-sujeito. (COURTINE, 2009, p. 88).

Na sequência em questão, o funcionamento de oposição não se dá pela marca linguística *mas*, contudo a relação entre as partes que compõem a divisão do enunciado são separadas pelo conector de concessão *mesmo assim*, o qual carrega, como foi dito, o sentido de contradição e aponta, desse modo, para duas posições ideológicas que convivem na mesma materialidade, apontando para efeitos de sentido que coexistem ali. Num primeiro momento, chama a atenção o uso bem marcado do sujeito da enunciação através do possessivo, de modo que essa posição ligada/afetada ao/pelo público, PS2, aos padrões morais, resista e contradistingue-se dos saberes de PS1, representada da mesma forma, marcada pelo possessivo, na segunda parte do enunciado dividido. Essa marca aponta para o fato de que o sujeito admite-se, “conscientemente” dividido entre o público e o privado, ou seja, ele nega a relação entre esses dois sujeitos pela aparente incompatibilidade entre os domínios da sexualidade e do trabalho.

No entanto, seu dizer é marcado pela contradição, de modo que, outra vez, o previsível conviva com o estranho, através da discrepância causada pelo efeito do pré-construído, o qual emerge a sua revelia, quando ele traz a “qualidade” do seu trabalho, e o aproxima dos saberes dominantes representados por PS1. E, então, sexo e trabalho comungam-se em prol do corpo mercadológico.

Voltando à marca linguística da contradição, a conjunção concessiva **mesmo assim** coloca no nível do intradiscurso essa relação contraditória da ideologia, que compõe a exterioridade, sob a forma do interdiscurso, de maneira que as posições conflitantes PS1 e PS2 mantenham-se interligadas pelo discurso transversal no interior da FD da prostituição. Tudo caminha para que a relação de sentido dominante, aquela que coloca o sexo como justificativa à necessidade do trabalho, permaneça ditando as regras estipuladas pelo jogo contraditório da forma sujeito que domina os saberes dessa FD.

Esses movimentos do sujeito na prostituição configuram seu lugar na estrutura sócio-cultural em que vivemos. A contradição, como marca indelével da formação social capitalista, constitui o discurso do GP de modo que a tensão seja recorrente, permitindo ver que as posições-sujeito desse jogo ideológico afetam-se constantemente, sem que, com base em uma leitura marxista mais dura, haja um antagonismo entre as classes ocorrendo ali. Talvez por se tratar de uma fração da classe dominada (PÊCHEUX, 2010), a divisão e contradição seja um indicativo de uma relação de forças (ORLANDI, 2012a), através da qual a reprodução e a transformação ocorram numa intensidade capaz de tornar difícil a percepção de que haja dois lugares sociais bem marcados. No entanto, esses lugares estão ali, como é característico de qualquer discurso que seja analisado pela perspectiva pecheutiana. Observemos mais duas sequências:

SD3 - *Olha, eu já fiz de quase tudo, não me choco com mais nada, o ser humano é bem criativo em relação ao sexo e já me pediram muitas coisas que todo mundo acharia absurdo e tal, mas eu considero apenas trabalho. Mas o que ainda me deixa deprimido é quando eu vou até a casa de algum cliente e vejo que ele é casado ou casada, tem filhos, uma vida que poderia ser feliz e acaba fazendo esta palhaçada toda em me contratar pra fazer tudo o que me pedem... sabe, fingem que são santos, tem uma vida toda certinha e mentem para as pessoas que são casados.*

SD4 - *Se um jovem, garoto de programa, hetero ou não, quiser trabalhar nesse meio somente atendendo a mulheres, por mais interessante que ele seja, ELE VAI PASSAR FOME (sic). Não tem jeito, não adianta ele insistir, se ele decidiu arriscar e ter coragem de trabalhar nisso, tem que entender e aceitar como as coisas funcionam.*

A sequência 3, como podemos ver, é marcada pela relação de oposição, apresentando um enunciado dividido onde convivem duas posições sujeito, as já

conhecidas PS1 e PS2. No entanto, chama a atenção o fato de esse enunciado desdobrar-se em três, de modo que a terceira parte seja uma espécie de retorno da PS2 para confrontar com o saber reforçado pela posição dominante, PS1. Nesse sentido, me apoio em Indursky (2008) para dizer que o que aparece aí é uma terceira posição, a qual eu chamarei de PS3. Explico-me: considerando que a forma-sujeito é fragmentada, para além do desdobramento que a divide em pelo menos duas modalidades de tomadas de posição, o *bom* e o *mau* sujeito, conforme vimos acima, é possível de dizer que “de fato, a forma-sujeito tem capacidade de dividir-se em um número maior de posições de sujeito [...]”. (p.18). Desse modo, a PS3 surge com uma divergência maior em relação aos saberes dominantes representados pela modalidade do bom sujeito, a PS1, ampliando a contra-identificação realizada por PS2, sem que, necessariamente, haja uma desidentificação.

Isso é possível pelo fato de, como foi dito, a FD ser heterogênea e a forma-sujeito que a domina já representar uma estrutura contraditória, como, de fato, é a ideologia organizada por ela no interior da FD. Indursky nomeou esse funcionamento de *fragmentação da forma-sujeito*. O afrontamento causado por PS3, ao ampliar a tensão já conhecida entre PS1 e PS2 não chega a romper com a forma-sujeito, fato que justifica a contradição, e não o antagonismo, entre essas posições verificadas na FD em análise. A marca de pessoa explícita no discurso, a primeira pessoa, aparece como uma maneira de evidenciar, como em SD1, a divisão do sujeito do discurso em dois, um público e um privado.

Enquanto na primeira parte do enunciado de SD3 o sujeito que emerge é aquele da contra-identificação, representado por PS2, já que ele aparentemente concorda com os saberes de PS1, mas que desconstrói essa possibilidade pelo conector *mas*, como o sujeito de domínio público, articulado aos saberes dominantes em relação ao sexo na nossa cultura, na segunda parte PS1 surge na tentativa de organizar os saberes e se manter plenamente identificado. Essa tensão é perceptível também pelos domínios do léxico, quando a expressão *todo mundo* contrasta com *trabalho*. Isto é: o público representado por *todo mundo* aparece como a construção que remete ao imaginário social de que os padrões sexuais estão aí, à serviço da “liberação da sexualidade” que se dá, como podemos constatar, pelo controle. E então ele contrasta com o privado, através do vocábulo *trabalho*, aquele que permite uma liberdade maior, através da prática da

prostituição, a qual relaciona o prazer com o dinheiro. É possível perceber uma afetação muito forte aí entre essas posições, de modo que os efeitos de contradição quase se tornem imperceptíveis, sem fronteiras, não fosse a marca linguística de oposição.

Por sua vez, a PS3 emerge com um distanciamento ainda maior, já que, além de estar dividida pela oposição, ela traz elementos que negam implicitamente a condição de garoto de programa, colocando-a ainda mais no lugar marginal a que lhe cabe na nossa sociedade. Os léxicos **santos**, **mentira**, **casamento**, surgem como representantes de uma FD dominada pelo imaginário religioso, causando um conflito maior no interior da FD da prostituição, sem que, contudo, essa posição sujeito rompa radicalmente com a forma sujeito que a domina. O confronto continua sendo entre as posições, de acordo com Indursky (2008), “(...) dando lugar ao surgimento de uma nova subjetividade contraditória no interior da mesma formação discursiva.” (p. 28)

A SD4 traz a divisão marcada pela negação **não**, assim como ocorre em SD2, o que me leva a começar a análise com Pêcheux (2009). De acordo com o autor, esse funcionamento também aponta para o fato de haver a convivência de duas posições ideológicas contraditórias na materialidade analisada, fato também fundamentado por Courtine (1981) para falar no *enunciado dividido*. Pelo viés da relação entre a língua e o inconsciente, Pêcheux nos lembra a relação entre semântica e sintaxe, com base em Lacan, dizendo que “[...] com respeito a esse ponto, recordar o que Freud expôs em seu texto sobre a *negação* (Verneinung), a saber, que, em particular pelo jogo da negação enquanto efeito sintático mínimo, duas representações são colocadas em uma relação pré-consciente.” (p. 164)

Nesse sentido, é possível perceber no funcionamento dessa sequência a divisão das posições pelo funcionamento da negação, de modo que, a fim de articular os sentidos dominantes, PS1 nega a condição de escolha para aquele que resolver entrar na prostituição. Desse modo, o garoto de programa precisa submeter-se à qualquer prática sexual em nome do retorno financeiro, o que faz perceber que a identificação seja plena com os saberes da forma-sujeito aqui delineada. PS2 surge quando a negação aparece, como um não dito que emerge significando, ou seja, ela traz o saber público marcado pelo preconceito, de modo

que a virilidade apareça novamente como forma de manter esse sujeito menos distanciado do centro. A abreviação da orientação sexual **hétero** emerge na materialidade como a forma que mantém o sujeito, em seu domínio público, dentro dos padrões sociais, de modo a manter um distanciamento do sujeito privado, que pode romper com esses padrões em nome da necessidade financeira, na forma de PS1. Há, mais uma vez, uma resistência que traz a contra-identificação, sem que, no entanto, haja um afastamento da FD.

De fato, isso não ocorre neste discurso, de acordo com a minha análise. Esse conflito social a respeito da sexualidade aparece na prostituição sob a força do preconceito social vastamente difundido, para além dessa prática, já que a homossexualidade é o lugar do “permitido”, de onde surgem os problemas relacionados à sexualidade de acordo com o que circula na nossa sociedade. De acordo com a visão de Perlonguer (2008), o que vai ao encontro da leitura aqui empreendida: “Em algum lugar do imaginário social, a homossexualidade é sempre uma festa: despesa de sêmen, esbanjamento de dinheiro, esbanjamento de fluxos libidinais econômicos”. (p.224). O funcionamento da negação aponta, desse modo, para um afrontamento entre posições que se dividem no enunciado, mantendo visível na materialidade a contradição constitutiva do sujeito.

Chama a atenção nessa sequência, ainda, o uso da condicional **se**, a qual aponta também para o lugar da religiosidade, da culpa, fortemente misturada com a questão da lei, ou seja: Essa marca reproduz, no discurso, a condição daquele que entrar para a prostituição, de forma a manter PS1 bastante identificada com os saberes dominantes que colocam, como já foi dito, o corpo sexuado a serviço do mercado, o que fica intensificado pela oração escrita em maiúsculo carregando o sentido da necessidade social e biológica que nos constitui. No entanto, o sentido da lei traz com ela um conflito maior, dissimulado na articulação realizada no nível do enunciado, ou seja: eu diria que aí retorna a PS3, trazendo da exterioridade aquilo que é comum a todos e que poderia ter sido “esquecido” no interior dessa FD. O fato é que essa PS3 aparece agora no não dito, sob a forma de um pré-construído que aparentemente permanece no interdiscurso, já que ele “[...] remete simultaneamente ‘àquilo que todo mundo sabe’, isto é, aos conteúdos de pensamento do ‘sujeito universal’ suporte da identificação [...]” (PÊCHEUX, op. cit, p.248) e ao que é de senso comum no imaginário social mas permanece de certa forma “apagado” pela

ilusão de PS1, quando articula, pelo viés da condicional, os saberes que se mantêm sob o efeito de sentido dominante na FD.

Esse jogo permanece, ainda, funcionando no e pelo entre-lugar que domina a forma-sujeito dessa FD, pois o sexo ainda é trazido, agora com suas leis, para justificar as leis mercadológicas, a partir de um embate entre as questões de masculinidade e da ruptura permitida pelas exigências monetárias, o que configura “(...) uma massa instável de referências ‘identificatórias’, um campo de forças atravessado por tensões, por vetores de circulação que buscam orientar o sujeito no emaranhado dos corpos”. (PERLONGUER, 2008, p. 248).

4 ENTRE CORPO E CULTURA, CONSTITUI(EM)-SE O(S) SUJEITO(S)

La Iglesia dice: El cuerpo es una culpa. La ciencia dice: El cuerpo es una máquina. La publicidad dice: El cuerpo es un negocio. El cuerpo dice: Yo soy una fiesta (Eduardo Galeano).

Trazer o corpo e a cultura para os âmbitos dos estudos discursivos requer uma (des)articulação entre domínios de saberes que, como a análise de discurso de linha francesa, configuram-se como áreas do humano e, logo, do social. A antropologia, no que tange aos aspectos do coletivo, e a Psicanálise, com seu olhar dirigido especificamente para o psíquico dos indivíduos, são segmentos do pensamento moderno que se tornam fundamentais para que se analise, pelo viés discursivo, aquilo que fundamenta a relação de base da AD, qual seja a relação entre língua e ideologia, materializada no discurso.

Tratar de um discurso sobre a prostituição masculina exige, desse modo, um olhar que circule por entre as fronteiras desses saberes, buscando em cada um, e na relação entre todos, fundamentos que permitam um gesto de leitura sobre os processos sócio-históricos que se materializam na língua e permitem perceber efeitos de sentidos que estão em jogo quando se fala sobre o garoto de programa, bem como quando ele fala de si.

Em que consiste, então, trazer o corpo e a cultura para este trabalho?

O corpo é o lugar em que o sujeito se inscreve e a partir do qual o trabalho do garoto de programa se constitui. É um corpo social, ideológico, portador do desejo, e relegado à margem na nossa cultura. Nesse sentido, disciplinas como as mencionadas acima tornam-se essenciais para que, articuladas à análise de discurso, se chegue a uma possível interpretação desse objeto de análise.

Contudo, antes de olhar para o corpo e para a cultura através dessas áreas, considero pertinente trazer um pequeno trecho em que Pêcheux (1990) menciona o corpo quando questiona a transparência de sentido, resultado de uma lógica ilusória

que prevê a estabilidade das coisas no mundo. Questionando o caráter disjuntivo que rege o nosso imaginário na contemporaneidade, o autor mostra essa relação estruturada linguisticamente pelo conector OU dizendo que:

[...] essa necessidade universal de um “mundo semanticamente normal”, isto é, normatizado, começa com a relação de cada um com seu próprio corpo e seus arredores imediatos (e antes de tudo com a distribuição de bons e maus objetos, arcaicamente figurados pela disjunção entre alimento e excremento). (p. 34).

A obra de Michel Pêcheux contém breves aparições da expressão corpo. No entanto, já é possível perceber nessas pequenas passagens o quanto o corpo está relacionado aos demais conceitos apresentados pelo autor no que se refere ao discurso. O trecho citado acima, o qual compõe parte de sua última obra, *Discurso: estrutura ou acontecimento*, nos permite ver e relacionar o pensamento do **E**, o qual fundamenta os universos não logicamente estabilizados (UNLE's) e se opõe àquele do **OU**, o qual marca linguisticamente a disjunção das ideias nos universos logicamente estabilizados (ULE's). Essa relação normatizada de que nos fala Pêcheux, na relação dos indivíduos com seus corpos, me leva a pensar na questão ideológica. Se o indivíduo mantém essa relação imaginária entre si e seu corpo, condicionado socialmente, é no discurso, enquanto condição de inscrição do sujeito interpelado e dividido, e inscrito (o discurso) ao mesmo tempo no sujeito, que o corpo pode significar, vir a ser e, então, interessar à análise de discurso.

É nesse sentido que podemos falar em corpo discursivo (FERREIRA, 2011a). Um corpo como um lugar de funcionamento do sujeito que pode (des)revelar os sentidos, balançar as estruturas e fazer ver a contradição inerente às categorias essenciais da teoria: ideologia, língua e sujeito. É também a partir dessa mesma relação disjuntiva-imaginária que podemos fazer intervir a cultura como elemento fundamental à desestabilização dos sentidos, tão cara à AD. Se o corpo configura-se, então, como um lugar de inscrição do sujeito, podemos dizer, com Orlandi (2012), que “[...] a forma sujeito histórica tem sua materialidade e que o indivíduo, interpelado em sujeito pela ideologia, traz seu corpo por ela também interpelado.” (p. 87).

É desse lugar de falta, de contradição, justamente porque submetido à ideologia, que o corpo pode ser pensado nos âmbitos da AD. O garoto de programa na contemporaneidade traz seu corpo fortemente marcado pelo assujeitamento ideológico da formação social capitalista que domina nosso imaginário social. É como objeto mercadológico que o corpo desse sujeito surge enquanto discurso, na tentativa de atender ao consumismo que nos rege enquanto motor da luta de classes. No entanto, é imprescindível que se fale em sexualidade, já que o corpo é a fonte do prazer e do desejo.

Desse modo, a relevância de trazer a Psicanálise surge com força, ao passo que a Antropologia, como seu olhar à cultura torna-se, do mesmo modo, fundamental. Para tanto, me dedico, a partir de agora, a forjar uma relação entre essas áreas, buscando sempre um lugar de entremeio para a AD no que diz respeito às noções de corpo e de cultura, atreladas ao sujeito e ao sentindo.

4.1 O CORPO E A CULTURA NA PSICANÁLISE

O escravo antigo foi substituído por homens reduzidos ao estado de produtos: produtos [...] consumíveis tanto como os outros (Lacan).

A relação do sujeito com seu corpo é algo que ao longo da história produziu ou foi produto de muitas determinações. Se num passado distante o corpo era separado da alma, o que compunha um imaginário “controlado” pela ideologia cristã, na contemporaneidade, sob dominação de uma ideologia capitalista, essa separação já não se faz presente, visto que o corpo atualmente assume outro estatuto: ele passa a ser objeto de estudo e de representações que atingem desde os discursos científicos, passando pela arte e pela religião, até os discursos de resistência em movimentos sociais. Associado à alma, o corpo assume papel fundamental na constituição da subjetividade contemporânea, produto de uma ideologia que mantém as divisões por detrás da imagem de unificação.

Se por um lado vivemos, conforme Dufour (2005), em tempos de *dessimbolização*⁸, em que o sujeito, e com ele o corpo, atinge um estado de mercadoria, submetido à ideologia de mercado a qual o molda e a ele torna difícil simbolizar, a ponto de tornar visível que “a língua e os modos de falar se vêem afetados” (p.13) por essa carência de simbolizar, por outro, e em contrapartida, vivemos em tempos de resistências, em que alguns indivíduos tentam combater essa hegemonia ideológica, a qual visa impor uma forma sujeito ideal, fortemente construída pelo corpo. É no entremeio desses efeitos ideológicos que se constitui o discurso que serve de objeto de análise deste trabalho, retomando: o discurso do garoto de programa e o sobre ele.

O corpo sexuado assume uma função mercadológica enquanto corpo que se prostitui. Desse modo, as questões de sexualidade, fortemente controladas por uma disciplinarização e normatização do corpo, ganham um espaço relevante para tratar do discurso mencionado. Ainda com Dufour, somos determinados por uma diferenciação sexual que é da ordem do real. Não podemos fugir do fato de que somos, desde o nascimento, meninos ou meninas. O corpo toma uma forma anatômica que direciona o comportamento dos sujeitos ao longo de suas vidas e lhes condiciona um modo de agir em sociedade, para além das questões biológicas. Somos corpos e devemos viver sob esses corpos.

No entanto, historicamente, as resistências e deslocamentos levam a mudanças que fogem ao controle social. Os corpos tornam-se híbridos, as sexualidades movem-se por entre o institucional e o biológico, em confronto com as questões referentes ao psíquico, ao real. As identidades desmantelam-se e, conforme o autor, “[...] essa diferença sexual constitui, também, o objeto de uma severa negação pós-moderna. Sabe-se que há os dois sexos, mas, mesmo assim... não se deixa de promover o *unissexo*”. (p. 152).

O discurso da prostituição masculina faz emergir essa unificação dos sexos, no que tange ao objeto sexual buscado, justificada pela urgência em atender ao consumismo do corpo, sob a lógica capitalista, sem, contudo, deixar de trazer à tona

⁸ *Dessimbolização*, de acordo com Dufour, representa um processo a partir do qual o sujeito pós-moderno, constituído pelo inconsciente e submerso à ideologia de mercado que o coloca em condição de produto, passa a desejar cada vez menos, deixando essa marca na precariedade do simbólico.

questões que envolvem o desejo do corpo, aquilo que escapa às normas e aos ditames organizadores da nossa cultura. Nesse sentido, Freud já nos apontava algumas questões referentes à organização psíquica dos indivíduos no que tange, essencialmente, à sexualidade. Ao discutir a formação psíquica dos indivíduos, no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, num momento em que trata da homossexualidade, chamada por ele de *inversão*, Freud considera que, para além da anatomia do corpo, a qual o divide entre o corpo masculino e o feminino, haveria na nossa formação psíquica uma tendência à bissexualidade, no que se refere ao objeto de desejo, intervindo diretamente na formação das *pulsões sexuais*⁹. Nas palavras do autor:

De algum modo, há uma disposição bissexual implicada na inversão, embora não saibamos em que consiste essa disposição além da formação anatômica; e lida-se também com perturbações que afetam a pulsão sexual em seu desenvolvimento. (FREUD, 1996, p.136).

Como vemos, as questões de sexualidade são o alvo da teoria psicanalítica e constituem-se como ferramentas fundamentais para se falar em corpo na contemporaneidade. É recorrente no discurso da prostituição masculina, como veremos mais adiante, enunciados que mobilizam sentidos de diversos lugares. Se a questão financeira aparece como uma justificativa para a venda do corpo, não em menor importância surgem as questões de orientação sexual, como forma de assinalar uma relação contraditória entre o real e o imaginário, entre o inconsciente e o ideológico. Ao dizer, por exemplo, que o sexo é vendido para homens e mulheres, a fim de que o sucesso financeiro efetive-se, justificado como uma forma de trabalho necessária para que se chegue ao lucro, não são poucas as vezes em que questões como as do prazer são enunciadas nos discursos desses sujeitos. E isso chega a ser um tanto óbvio, já que, para que o prazer do outro seja satisfeito, é preciso que alguma coisa da ordem do desejo, das pulsões sexuais, funcione no trabalho do corpo do garoto de programa.

No entanto, por estarem dominados culturalmente pelo machismo, a aparente evidência resiste, tenta ser velada, apagada, em seus discursos, aparecendo

⁹ Na psicanálise o termo *pulsão* refere-se a uma marca do inconsciente. Diferentemente do instinto, que busca uma satisfação de ordem biológica, a pulsão prioriza o prazer da satisfação e é independente de estímulos externos. Configura-se como um impulso do qual a libido constitui a energia.

sempre como uma justificativa ligada às questões mercadológicas, ou seja, o sexo com outro homem passa a ser necessário, para além de qualquer orientação sexual, tendo em vista que as mulheres, por questões ideológicas e culturais, são as que menos procuram esse tipo de trabalho para o prazer de sua satisfação.

A questão aqui não é categorizar os garotos de programa em heterossexuais ou homossexuais. Essa questão é trazida justamente pelo fato de que em seus discursos ela é bastante recorrente, ou seja, como foi dito, eles sentem a necessidade de justificar, evidenciar sua orientação sexual, baseados num imaginário sócio-cultural sobre a prostituição masculina. O próprio Freud nos esclarece, no texto mencionado, a questão da inversão do seguinte modo: ele diz que qualidades anímicas muitas vezes são mantidas nos homens invertidos, como, por exemplo, a virilidade, tanto defendida pelos garotos de programa, a qual pode ser perfeitamente compatível com a inversão.

A prostituição masculina é mencionada pelo autor justamente quando ele fala nessa questão de características psíquicas e anímicas que podem ou não ocorrer no corpo do homem. Ele menciona as relações homossexuais que ocorriam entre os gregos, nas quais os homens mais viris figuravam entre os invertidos e que, no entanto, buscavam nos efebos alguns atributos femininos para que pudessem satisfazer seus desejos, assim como lembra que a prostituição, tanto na antiguidade como na modernidade, oferece aos invertidos uma postura que visa imitar aspectos exteriores ao corpo da mulher, de modo que o objeto sexual buscado não seja o do mesmo sexo, mas sim uma conjugação de características de ambos os sexos.

O interessante é que em todo esse processo algo precisa ser mantido no objeto buscado pelo invertido: segundo Freud, a condição essencial da masculinidade do corpo precisa ser preservada, a genitália. Chama atenção também o fato de que a leitura do psicanalista traz a prostituição masculina como uma prática diferente da que ouvimos nos discursos analisados no que se refere ao ato sexual, ou seja, antes o homem mantinha uma postura semelhante à da mulher no trabalho com o corpo, enquanto o que se ouve hoje é que eles se prostituem assumindo uma postura sexual extremamente masculina, excluindo, de acordo com seus discursos, em sua prática “qualquer” traço psíquico do feminino.

Nesse sentido, atualmente, de modo geral, esse discurso do GP estaria mais condizente como o que antes, e em alguns casos hoje, era praticado pelos clientes, pois fica o sentido, no excesso de seu dizer sobre o corpo, que os clientes deverão buscar no corpo prostituído caracteres masculinos, viris. A fim de não generalizar a questão da inversão, por seu caráter de complexidade, Freud diz, e isso tem mais a ver com a minha leitura, a de não categorizar, que:

Não há dúvida alguma de que uma grande parcela dos invertidos masculinos preserva o caráter psíquico da virilidade, traz relativamente poucos caracteres secundários do sexo oposto e, com efeito, busca em seu objeto sexual traços psíquicos femininos. (1996, p. 136).

Melman (2002) relaciona o corpo, ainda pelo viés psicanalítico, com a pulsão, dizendo que ela é a sede, como que um depositário, de manifestações nas quais não é necessária a participação da subjetividade, justamente pelo fato de o corpo ser um lugar do inconsciente, ou seja: é também pelo corpo que podemos chegar próximo do real, o qual emerge à sua revelia, bem como à revelia do sujeito, no discurso. Nas palavras de Melman, se “[...] o corpo funciona como algo que tem de ser recalcado, na medida em que é o suporte do desejo, é bem claro que da mesma forma ele é – é preciso assim dizer – o lugar do inconsciente”. (p.35). Vemos, mais uma vez, o corpo relacionado à sexualidade.

Nesse ponto, considero pertinente trazer o pensamento filosófico de Michel Foucault, no tocante a seu vasto trabalho sobre disciplinarização dos corpos, em que ele trata das relações de poder que são exercidas sobre o sujeito, afetando sua relação com o corpo, e seu modo de se perceber enquanto sujeito, a partir de num imaginário afetado por normatizações e regularizações dos corpos.

Numa das aulas que compõem a obra *Os Anormais*, Foucault vai tratar a questão da sexualidade, relacionando-a diretamente à prática de confissão¹⁰, seguida da penitência. Não me deterei aqui a essa reflexão do autor, contudo considero pertinente o ponto de chegada, já que ao fazer um percurso histórico a respeito das permissões e proibições impostas pela igreja aos sujeitos no que se

¹⁰ Para melhor compreender essa relação entre a confissão e o corpo, constituída e caracterizada a partir dos modos de revelação da sexualidade, em seus percursos históricos, pode-se ler o referido texto de Foucault, da página 143 à 166, referente à aula de 19 de fevereiro de 1975.

refere à sexualidade, ele chega a uma mudança operada no interior desse poder que regula os corpos em relação ao sexto mandamento, a luxúria: segundo Foucault, a partir do século XVI, o aspecto relacional da sexualidade vai perdendo espaço – sem, contudo, deixar de existir, nos âmbitos de uma investigação do pecado, – para o corpo. Nesse contexto, então:

Não é mais o aspecto relacional, mas o próprio corpo do penitente, são seus gestos, seus sentidos, seus prazeres, seus pensamentos, seus desejos, a intensidade e a natureza do que ele próprio sente, é isso que vai estar agora no foco mesmo desse interrogatório sobre o sexto mandamento. (FOUCAULT, 2010, p. 160).

Nesse sentido, o corpo passa a ser objeto de regulação da sexualidade do sujeito, sob a aparência de uma liberdade aclamada pelo “poder dizer” sobre ela, a qual acompanha as práticas de regulação na sociedade capitalista a partir de então. Dessa forma, passa a existir, de acordo com o filósofo, toda uma organização que culminará na anomalia da sexualidade, numa época em que “(...) vemos crescer no exército, nos colégios, nas oficinas, nas escolas, todo um disciplinamento do corpo, que é o disciplinamento do corpo útil.” (p.166).

Com base nos ideais burgueses, a aparente liberdade é fundamentada no enfraquecimento do assujeitamento a um Outro encarnado em figuras que detinham o poder absoluto e centralizado, tais como o exército e a igreja. Hoje, imersos numa cultura democrática, os sujeitos são assujeitados onde a coerção torna-se menos perceptível, já que o poder se descentraliza, de modo que a interpelação figure ainda menos suspeita:

A passagem, apontada por Foucault, do poder soberano ao poder disciplinar, é o que me faz afirmar que o inconsciente como discurso do Outro é uma condição da modernidade, onde o outro se torna cada vez mais abstrato e cada vez mais inconsciente. (KEHL, 2001, p.10-11).

É de modo parecido que Freud, de acordo com Fuks (2011), traz a questão da cultura para relacionar com as pulsões, logo, com o corpo. Segundo a autora, o psicanalista trata da questão paradoxal que é imposta pela cultura à criança, ou seja, a cultura apresenta uma aparente liberdade de erotização para em seguida

controlar a criança, frustrá-la, a partir de “[...] uma série de necessárias interdições educativas cujo objetivo é diminuir a força das pulsões sexuais e, mais tarde, impor repressões à realização das pulsões eróticas e agressivas”. (p. 13). Como vemos, estamos diante de um corpo que é culturalmente constituído. Tanto pelo viés psicanalítico, com Freud, como pelo viés filosófico, com Foucault, as relações sociais, externas aos sujeitos, estão a serviço de um controle da sexualidade e de uma regulação do corpo, os quais modificam o que é interno aos sujeitos, afetam sua interioridade psíquica e determinam seu modo de funcionamento na cultura.

Na sequência, a autora relaciona as forças externas às internas, lembrando que estas, da ordem do inconsciente, são versões de proibição sempre maiores, mais eficazes no que se refere ao controle do prazer, do que aquelas, reguladas pelas relações sociais. Entretanto, o que chama a atenção na teoria Freudiana, e que podemos aproximar à AD, é o fato de que há sempre uma resistência, um conflito estabelecido “[...] entre as exigências da cultura e as pulsões – a força psíquica que pulsa nas bordas do corpo, tem um alvo imutável, a satisfação, e cujo objeto não tem nome nem nunca terá, como diria o poeta, porque perdido para sempre [...]”. (p.14).

Nesse sentido, é esse conflito, essa busca por algo perdido, por um vir a ser, que interessa à AD, já que é na interpretação, a partir da emergência de um novo sentido, da incompletude, que a teoria se funda. Como a Psicanálise, a Análise de Discurso, pode enxergar(se) (n)a cultura em movimento, numa constante relação entre dentro e fora, entre o que parece evidente e o que é opaco, que resiste e transforma, para além da simples reprodução. A fim de explicar a relação entre a Psicanálise e a cultura, Fuks a apresenta, a partir de sua área, com as seguintes palavras:

De um modo geral, desde sua fundação a psicanálise encontra-se na cultura sempre em movimento, na posição paradoxal de dentro/fora; ela busca seu objeto fora do visível para incluí-lo, rompe as ligações visíveis para fazer com que apareçam ligações reais e dissipa as significações articuladas e completas para que o sentido possa emergir. Assim, a descoberta freudiana operou um processo de mudança que terminou por minar muitos dos ideais de civilização, revelando que não apenas o homem, mas também suas organizações e instituições, é determinado por causas que escapam ao seu próprio controle. (2011, p.17).

Voltando a Melman (2011), percebemos o corpo, em nossa cultura, como um lugar bastante afetado pelo recalque. Sob as pressões reguladoras, o corpo precisa ser escondido, já que ele é o suporte do desejo, das pulsões sexuais, o que o configura como uma ameaça aos preceitos religiosos. Segundo o autor, porque afetado pelo recalque, o corpo só causa o bem-estar social quando não faz ruído, ou seja, quando ele não é visto e sentido e está de acordo com padrões impostos socialmente: “só nos sentimos bem quando o corpo não faz com que falemos dele, quando não o sentimos”. (p. 32)

Desse modo, volto ao meu objeto de análise para tentar estabelecer uma relação: estaria o discurso dos garotos de programa percebendo o corpo? Colocando o corpo a ver e a sentir? Parece que os sentidos que se movem por entre esses dizeres são de ordens diferentes, isto é, ao passo que os desejos são aparentemente verbalizados, sob a liberdade do dizer sobre a sexualidade, o que iria de encontro ao que foi trazido sobre o recalque, a cautela aparece como representante da ordem, do padronizado pelos recalques repressores do sexual. E isso aparece quando eles falam do corpo, dos desejos e do prazer, “justificando” sua prática pelo viés mercadológico. É possível visualizar esse funcionamento nos recortes abaixo:

SD5 - *No primeiro mês do Ferrari eu ganhei 16 mil reais. 16 vezes mais. Tinha dias que voltava pra casa com mil no bolso, ou mais. O que eu ganhava em um mês, passei a ganhar em um dia. Sabe o que isso faz na cabeça de uma pessoa? Exatamente isso que você está pensando.*

SD6 - *Transar com uma pessoa do mesmo sexo nunca estive nos meus planos, mas encarei com profissionalismo. A necessidade faz o homem.*

A prostituição por si só, como prática sexual, já coloca o corpo a ser visto socialmente. E isso é marcado no discurso dos garotos de programa, já que eles rompem com o institucionalizado ao falarem abertamente sobre sexo, ao assumirem um corpo sexuado, marcando seu discurso com uma linguagem crua e despida de pudores. No entanto, chamam a atenção algumas construções linguísticas que apontam para uma dualidade entre “a liberdade de” e a “repressão por” eles serem sujeitos marginalizados socialmente, o que coloca a mostra a relação intrínseca entre língua e ideologia nos processos discursivos e permite ver a fragmentação

identitária do sujeito. Vemos a movência do sujeito entre o dito e o não dito, já que a “[...] institucionalização do discurso sobre o sexo significa que pode ser falado, mas sob restritas condições e sob determinadas formas, ‘as permitidas’”. (ERNST, 2007, p. 138)

Em *SD5*, percebemos um aparente distanciamento do sujeito que enuncia em relação à forma sujeito da formação discursiva (FD) da prostituição. Através do uso da contração **do**, o que se vê é a tentativa de evidenciar uma divisão, que colocada aquele que diz em posição diferente daquele que pratica a prostituição, ou seja, é como se houvesse uma personagem da prostituição, **o Ferrari**, uma terceira pessoa, enquanto o que segue mantém-se, sob o efeito de evidência, ligado ao saber dessa FD que reproduz a ideologia de mercado. O que lemos é o tão esperado retorno financeiro, que mantém o sujeito e o corpo em consonância com o objetivo do consumismo.

O que aparece é uma posição-sujeito que apresenta uma identificação com os saberes da FD da prostituição, imediatamente dominada por formações ideológicas e culturais capitalistas, apesar de esse distanciamento marcar o início da sequência. Tal distanciamento refere-se a uma antecipação do locutor em relação ao que seu interlocutor pensa dele, a partir de sentidos cristalizados historicamente, no imaginário social, a respeito da prostituição.

Em *SD6*, há uma aparente liberdade em falar de sexualidade, motivada pelo que escapa do recalque e retorna no discurso, que logo é justificada como **necessidade**, relativa à profissão. Transar com outro homem torna-se a marca de um *profissionalismo*, mantendo o sujeito que enuncia em acordo com o que determina a aparente estabilidade dos sentidos da FD em questão, que coloca, como foi dito, a prostituição a serviço do consumo do corpo, da ideologia de mercado.

O uso do conector contrastivo **mas** introduz um novo sentido que se opõe ao que é dito na primeira oração, o qual aparece marcado linguisticamente pelo advérbio de negação **nunca**. O que se vê, então, é uma relação de contradição entre posições sujeito no interior da FD, possibilitando uma contra-identificação do sujeito com os saberes que o dominam. Ele nega o desejo, marcado através da

relação homossexual, para justificar, como foi dito, o trabalho árduo do corpo em prol da necessidade de sobrevivência pelo trabalho numa formação social capitalista. Essa negação, como foi percebido em outras sequências, constitui os saberes dominantes da forma sujeito dessa FD da prostituição, o que me leva a leitura de que não há um antagonismo entre essas posições, mas sim a contradição, a qual faz com que, pelo viés da contra-identificação, elas convivam afetando uma a outra numa constante tensão no interior dessa FD.

No enunciado dividido, marcado linguisticamente pelo *mas*, convivem (des)harmoniosamente a PS1 e a PS2, representadas na segunda e primeira oração, respectivamente. Uma divisão ocorre também no interior da PS2, já que, marcada pelo advérbio de negação, ela se vê bastante afetada pela PS1, ou seja, ela mantém-se no domínio do público se opondo ao sentido dominante do privado, que, permitido no espaço da prostituição, usa dos prazeres do corpo numa relação com outro homem. A oposição e a negação funcionam tanto no nível da relação entre as posições sujeito como no próprio interior de uma delas, caracterizando a resistência do sujeito, dividido por entre a fragmentação da forma sujeito, o qual, pelo discurso transversal, mantém-se, mesmo que se distanciando em PS2, ligado aos saberes dessa FD. O léxico *necessidade* confirma, com ênfase, nesse sentido, a identificação de PS1, mantendo a ilusão evidente do sujeito de que o trabalho com o corpo funciona tão somente pelo viés mercadológico.

É possível verificar, ainda, a questão da virilidade, como marca do discurso do sujeito da prostituição, aspecto que o leva a manter-se, apesar de numa posição social marginal, menos distante do centro. Apesar de aparecer também marcada pela PS2, a virilidade emerge como forma de manter o sujeito no âmbito do público, aceito pelos padrões que regem o corpo, funcionamento que vai ao encontro dos saberes dominantes na PS1, permitindo ver, mais uma vez, a tensão entre essas posições que convivem na FD. Ou seja: essa dualidade entre o prazer e mercado, característica predominante no discurso da prostituição masculina, aparece na tentativa de manter características da masculinidade desse sujeito social, de modo que, apenas na profissão, e pela profissão, o escape do desejo possa emergir, de modo que se constitua o “duplo aspecto da prostituição viril – fuga libidinal, por um lado; proliferação de dispositivos de controle, por outro (...)”. (PERLONGUER, 2008, p. 250).

Para manter a relação, no tocante ao corpo, entre a AD e a Psicanálise, Leandro Ferreira (2011a) apresenta uma aproximação necessária entre essas áreas ao se considerar o corpo como um objeto discursivo. Para tanto, a autora busca em Lacan a noção de Real, que na psicanálise representa “o impossível de simbolizar, o que resiste e subsiste a toda a simbolização, o que não cessa de não se escrever” (p.97). Esse real, que é da ordem do inconsciente, foi ressignificado por Pêcheux, nos âmbitos da AD, e considerado como o real que afeta todos os elementos constitutivos do discurso, responsável pelo caráter de incompletude e de falhas que os constituem e apresentado como a falta que caracteriza a estrutura¹¹, ao passo que “em torno dessa falta que o inconsciente se estrutura (real do sujeito), bem como o equívoco (real da língua)”. (op. cit., p 98). E eu diria, ainda, que é em torno dessa falta que a contradição ideológica se estrutura (real do discurso).

A noção de real foi conceituada originalmente, portanto, na psicanálise, como o furo que não cansa de não se escrever no simbólico, de modo que suas marcas fazem parte do sujeito desde que ele ganha vida, quando entra no simbólico. Daí a relação entre real, simbólico e imaginário (R.S.I), domínios articulados na figura do nó Borromeano, a qual representa essa união que funda o ser falante. Nas palavras de Jorge e Ferreira (2005),

O real está fora até o momento em que um corpo vivo é marcado pelo significante. A partir daí, o real se inscreve na estrutura como aquilo que faz buraco. É nesse sentido que podemos dizer que o real, apesar de resistir a qualquer simbolização e, justamente por isso, apagar todo o sentido, comparece no simbólico, sob a forma de falta de um significante — o significante do Outro sexo —, e no imaginário, como ausência de um saber sobre a espécie (furo real no imaginário). A única via de o real se inscrever na estrutura é através dos efeitos de sua própria impossibilidade. (p. 31-32).

Essa noção de real é trazida, então, para o corpo como estrutura discursiva, como um local de equívoco, em que nem tudo aparece e que, por isso, pode servir de materialidade discursiva que carrega a ausência na presença, onde efeitos de sentido emergem na aparente transparência, configurando-se, então, como um lugar

¹¹ Ao tratar de estrutura no quadro teórico do discurso, Leandro Ferreira (2011) evidencia a alteração dessa noção em relação ao estruturalismo, dizendo que: *Isso se deve ao fato, em parte, ao atravessamento da psicanálise, levando em conta “as faltas” e “as falhas” da estrutura; e ao trabalho da ideologia, com seu ritual de assujeitamento, também não isento de falhas.* (p. 98)

da falta e do não-um, como um efeito de estrutura, onde reside o mesmo sujeito do discurso e da linguagem. Ao tratar sobre a estrutura dos elementos que compõem o discurso, depois de passar pela aproximação entre o sujeito da psicanálise e o do discurso, e propor o corpo como um desses elementos, Leandro Ferreira diz:

Nosso propósito, portanto, de trabalhar o *corpo como estrutura discursiva* – entre sujeito e língua – vai considerar que o mesmo, como materialidade discursiva, encontra na *língua* a sua forma de simbolizar e, assim, falar do *sujeito*. Ainda que isso não seja sempre possível, já que as palavras sempre faltam e o sujeito não chega nunca a se mostrar por inteiro. Portanto, para falar do corpo desse lugar de entremeio, é preciso levar em conta que *tudo não se diz, todo não se é...* (2011a, p. 99).

É nesse ponto que a relação entre essas teorias aparece de modo bastante relevante, isto é, se consideramos que o corpo constitui-se entre a língua e o sujeito e que ele pode funcionar como uma estrutura, constituída de falhas e de equívocos, como quis Pêcheux, esse corpo passa a existir como um objeto da ordem do real, para além de um corpo que é simbolizado. O corpo que não diz tudo, que não é todo, e que não é todo visto, pode ser considerado como um lugar de incompletude e de opacidade, capaz de fazer emergirem sentidos onde a transparência é (dis)simulada.

Enquanto, conforme a autora, “no trabalho do analista não há como separar *corpo* e *palavra*, pois um não prescinde do outro e ambos são mutuamente afetados”. (p. 97), de modo que um deixe marcas no outro, lá na psicanálise, na AD é possível estabelecer que essa relação entre linguagem e corpo aparece como um traço atenuante da incompletude, da falta constitutiva que põe a ver os furos do sujeito, a contradição. Estamos, então, diante de um corpo afetado, assim como o sujeito, a língua e a ideologia, pelo real, o qual é condição de sua existência e o coloca na ordem dos universos não logicamente estabilizados, para além do OU que separa no nosso imaginário, para retomar o que foi dito acima, o alimento do excremento; separação que determina a relação social e biológica que temos com nossos corpos.

Esse corpo considerado como uma estrutura que falha, opaca, só é possível de o ser, de acordo com a autora, porque é afetado pelo real, *real do corpo*, pelo

qual “(..) pode-se entender, no campo discursivo, aquilo que, resistindo à simbolização, instaura uma falta (falha) que o sujeito tenta inutilmente sanar através de um deslizamento incessante de significações (imaginárias)”. (p.98). O real do corpo, que escapa ao simbólico e, portanto, não chega a ser simbolizado, caminha ao lado da dessimbolização, causando essa lacuna que o sujeito busca preencher, sem que, no entanto, ele deixe de permanecer na pobreza do simbólico. O que se tem é a primazia do imaginário sobre o simbólico, o que faz com que o sujeito reconheça-se mais como um reflexo do outro, mantenha-se alienado e “coloque-se” menos na linguagem.

A precariedade do simbolizar na contemporaneidade (para permanecer com Dufour, 2005) pode ser uma das causas da emergência de outros meios de o sujeito desejante, imerso no imaginário do consumo, resultado da expansão mercadológica que carimba o “novo tempo”, se subjetivar e deixar sua marca em lugares que o constituem. Nesse sentido, o *corpo* aparece como um desses lugares de inscrição desse sujeito, de fragmentação e (des)construção de identidades contemporâneas ou, como preferem alguns, pós-modernas. É um corpo também marcado pela precariedade do simbolizar e do desejar, já que submerso nas ordens sociais, e que, portanto, simboliza menos do que poderia.

Birman (2007), aos moldes da dessimbolização, tratou da questão da pobreza do desejar desse sujeito psicanalítico na contemporaneidade, o que o leva ao *vazio* simbólico, tornando-o vulnerável aos ditames que esse mundo pós-moderno lhe impõe, tais como compulsões por comida, distúrbios psíquicos que acompanham essa “nova era”, consumo excessivo e o exarcebado cuidado com o corpo, principalmente no que se refere à aparência: “O corpo é sem dúvida o registro no qual o sujeito se reconhece na sua maior *vulnerabilidade*. É nesse registro onde aquele se sente mais ameaçado na sua integridade”. (p.27).

Trago essa reflexão justamente para, a meu ver, confirmar o novo estatuto relegado ao corpo na contemporaneidade e para fortalecer essa relação, já conhecida por todos que conhecemos a AD de Pêcheux, entre esta e a psicanálise, agora no tocante ao *corpo*. E, ainda, para, ao considerar a ideologia também como constituinte do sujeito do discurso, lembrar sobre o funcionamento do corpo e da linguagem, no discurso em análise, como lugares de resistência, também, a essa

pobreza de desejo. Se o imaginário sobrepõe-se, o real enfraquece e o simbólico, que mediatiza essa relação, traz o traço da precariedade do desejar e do simbolizar. No entanto, isso não faz com que o sujeito e o corpo deixem de resistir, de mobilizarem os sentidos e porem em xeque a aparente transparência que os constitui.

Ainda com Leandro Ferreira, uma das noções, já mencionada, pertinente de ser trabalhada pelo viés do corpo é a de resistência, a partir da consideração de que há um paradoxo na relação do sujeito com o corpo, já que “[...] o corpo, por vezes, quanto mais se expõe, mais se esconde e vice-versa”. (p. 100). Essa dualidade remete, conforme a autora, a um funcionamento conhecido nos objetos da AD, que é o da relação *excesso versus falta*.

O garoto de programa parece resistir a sua condição, determinada social e culturalmente, ao tentar enfatizar sua orientação sexual, por exemplo, dizendo ser ativo¹² e justificando o uso do corpo como uma forma de dominação e como um objeto de trabalho, isto é: o corpo do trabalho é o mesmo que goza os prazeres da atividade sexual, com homem ou com mulher, marcando no discurso a contradição ideológica representada por sentidos oriundos de diferentes lugares, como já mencionei. O que vemos no discurso do garoto de programa é a tentativa de argumentar sobre sua sexualidade de forma a manter a virilidade masculina, categorizando-se como em contraponto com a homossexualidade, existente, de acordo com o não dito linguisticamente, em outro grupo de profissionais do sexo e, ao que parece, predominante no imaginário social. A prostituição masculina passa, desse modo, a ser dividida de acordo com a sexualidade, com o serviço oferecido na venda do corpo, e o preconceito emerge na materialidade através da dualidade mencionada entre o excesso e a falta. A sequência 6 ilustra bem esse funcionamento.

Como corpo e sujeito constituem-se como lugares de falta, de contradição, isso ocorre pelo fato de sempre haver, então, a resistência, a possibilidade de, para

¹² Ativo, sexualmente falando, quer dizer aquele que realiza a penetração no ato sexual, seja via anal ou oral, ao passo que passivo, seu par, significa aquele que é penetrado. Percebe-se também o sentido de dominação/submissão como efeito dessa dualidade sexual, onde o passivo é submisso ao dominador representado pelo ativo, o qual supostamente carrega um traço a mais de masculinidade, a virilidade.

além da reprodução, existir a transformação, o escape do sujeito, pela intervenção do inconsciente, do real que irrompe na materialidade discursiva. Dede modo, considero pertinente trazer o pensamento de Pêcheux a respeito da resistência.

No texto de 1978, já mencionado, Pêcheux vai claramente tocar na questão da resistência. Ao considerar que o inconsciente é “a causa que determina o sujeito exatamente onde o efeito de interpelação o captura”. (p. 277), o autor reformula a questão do assujeitamento ideológico. A partir de considerações sobre a ideologia e sobre o movimento de luta de classes, oriundos do materialismo histórico, Pêcheux postula sobre a contradição da ideologia , ao considerar que na luta de classes há algo da ideologia dominante que é desestabilizado/transformado pela ideologia dominada, que não há a simples reprodução ou “aceitação” dos fatos e suas condições. Ele diz:

Há, talvez, no estudo histórico das práticas repressivas ideológicas um fio interessante a seguir, para que se comece, enfim, a compreender o processo de resistência-revolta-revolução da luta ideológica e política de classes, evitando fazer da ideologia dominada, seja a repetição eternitária da ideologia dominante, seja a autopedagogia de uma experiência que descobre progressivamente o verdadeiro atrás-das-cortinas das ilusões mantidas pela classe dominante, seja a interrupção teoricista de um saber exterior, o único capaz de romper o círculo encantado da ideologia dominante. (PÊCHEUX, 2009, p. 280).

Percebemos o lugar de status dado à resistência, como fator inerente aos processos discursivos, afetando os principais elementos constituintes do discurso. É através dela que o sujeito ousa se revelar, lá no ponto onde o não sentido pode vir a fazer sentido e a ideologia dominante vir a falhar para, através do sujeito e do corpo, ser questionada no que se refere a sua falsa transparência. Apesar de vivermos cultural e ideologicamente condicionados em relação ao corpo, controlados e disciplinarizados pelos aparelhos ideológicos, algo em seu interior sempre pode falhar, proporcionando a transformação de sentidos nos processos discursivos sob eles determinados. É pelo discurso do corpo, que é o corpo discursivo, o corpo de um sujeito do discurso, que a resistência se instaura e abala as estruturas.

4.2 O CORPO E A CULTURA NA ANTROPOLOGIA

*O espírito é variável como o vento,
Mais coerente é o corpo, e mais discreto...
Mudaste muita vez de pensamento,
Mas nunca de teu vinho predileto... (Mario
Quintana).*

Na introdução de *História do Corpo 3: as mutações do olhar* (2009), obra já mencionada no primeiro capítulo, Courtine apresenta brevemente um panorama histórico acerca da constituição desse novo olhar que é dado ao corpo na contemporaneidade. De acordo com o autor, no final da década de 1960, “o corpo se pôs a desempenhar os primeiros papéis nos movimentos individualistas e igualitaristas de protesto contra o peso das hierarquias culturais, políticas e sociais, herdadas do passado.” (p. 8). Nesse sentido, olhar para os modos de subjetivação de um sujeito à deriva, o garoto de programa, determinado ideológica e culturalmente, pode ser bastante produtivo, na tentativa de perceber de que modo ele resiste e desestabiliza sentidos tidos como transparentes, no exercício de seu discurso, fortemente relacionado ao corpo e à cultura enquanto mecanismos de construção de identidades, mas também de resistência a essas construções pré-determinadas socialmente na contemporaneidade.

De acordo com De Nardi (2007), a cultura situa-se no movimento entre interioridade e exterioridade, comporta espaços de liberdade e controle ao mesmo tempo, já que o assujeitamento às formas sociais de relacionamento com o outro está marcado pela falha. Desse modo, é possível compreender a cultura como um mecanismo que assume também uma relação dialética, entre língua e história, e que, portanto, pode ser percebida como um lugar de furo do sujeito, onde sentidos se desestabilizam e podem sempre vir a ser outro.

A autora, ao tratar de identidades culturalmente construídas em e sobre determinados grupos sociais, considera a determinação que causa uma aparente unidade de identificação entre os sujeitos, o que não impede que eles movimentem essa homogeneidade transparente em suas práticas e seus discursos, a partir das posições as quais eles ocupam, fazendo com que os sentidos possam vir a ser. Isso nos permite ver que, nas palavras da autora, “todo movimento identitário envolve,

portanto, um posicionamento político do sujeito, um movimento de resignificação da posição por ele ocupada que passa, necessariamente, pela cultura [...]”. (p. 82), num movimento entre singularidade e diversidade como constituintes da identidade cultural de determinado grupo social.

Leandro Ferreira (2011b), ao considerar a possibilidade de o *social* e a *cultura* entrarem com força no campo teórico da AD, caminha na mesma direção de De Nardi, ao considerar a cultura como um lugar de produção de sentidos, já que, aos moldes da ideologia, ela estaria a serviço de uma naturalização de sentidos, apagando a historicidade de fatos sociais que podem, mesmo ausentes, significar na materialidade discursiva produzida pelos sujeitos em seus discursos e em suas práticas. Uma cultura que, ao passo que determina os modos de subjetivação dos sujeitos, configura-se como um lugar da falha, que possibilita a esses sujeitos, no interior de uma FD, determinada por essa cultura e pela ideologia, reciprocamente, confirmar ou transformar sua identidade, que é configurada a partir da estabilização aparente de um imaginário social. Na sequência do texto, ela aproxima a noção de cultura à de corpo, o qual funcionaria, para além de um corpo empírico, biológico, numa dimensão discursiva, como um *corpo cultural*, fazendo parte do aparato teórico da AD e constituindo-se como um lugar de inscrição do sujeito, trabalhando, desse modo, na produção de efeitos de sentido. Nas palavras da autora, “esse *corpo que fala* seria também *corpo que falta*, donde, a possibilidade de incluir a noção de *real do corpo*”. (p. 60, grifos da autora).

Desse modo, vamos percebendo as relações que podem ser estabelecidas, a partir das quais a noção de real, já mencionada aqui para falar do corpo. Essa noção, como foi dito, bastante aproveitada por Pêcheux no interior dos estudos da AD, quando o autor trata do mesmo como uma presença ausente que não se cansa de interferir nos processos de significação, pode, como sugere Leandro Ferreira (2011b), ser estendida ao corpo e também à cultura, o que a autora defende dizendo que:

A exemplo do que singulariza o registro do real nas concepções com que trabalha a Análise de Discurso, onde está presente o traço da incompletude e da não- sistematicidade, o real como um corte, a falta originária da estrutura, poderíamos estender esses traços distintivos à noção de *real da cultura*. (p.60, grifo da autora).

E assim vemos as noções de corpo e de cultura fazendo parte desse labirinto, sendo chamadas a compor o quadro epistemológico da AD. Se consideramos o sujeito do discurso duplamente afetado, pela ideologia e pelo inconsciente, o corpo enquanto materialidade discursiva, deve, do mesmo modo, ser pensado como duplamente constituído, como um efeito que, ao passo que se mostra, se esconde. Da mesma forma, a cultura deve ser pensada em sua diversidade, de modo que essa diversidade seja constitutiva do sujeito e permita ver a sua contradição, a sua resistência à dominação ideológica. Nesse sentido, o corpo e a cultura estarão compondo a teoria de acordo com os pressupostos que a fundam.

Bauman (2012) apresenta uma leitura sobre algumas concepções através das quais a cultura foi pensada ao longo do tempo. De acordo com ele, a cultura está intrinsecamente ligada à identidade, a partir da qual a sociedade se constitui em grupos que apresentam uma organização aparentemente homogênea, compartilhada por todos seus pertencentes. Aliás, é sempre essa necessidade de pertencer que leva os sujeitos a identificarem-se, ou não, com determinados grupos. Uma das noções mais importantes, e úteis, para este trabalho aparece quando o autor traz a questão de dominação e do poder, que subjazem essas divisões em grupos, na cultura, além do fato de a modernidade apresentar as condições para que as fronteiras entre culturas tornem-se fluidas, sem que, no entanto, os ortodoxos “enxerguem” fronteiras rígidas dividindo a sociedade, a serviço do interesse das elites e do Estado.

Nesse sentido, na ordem desse processo, a partir da modernidade, é possível perceber que o controle e a condução dessas diversidades culturais são de domínio de uma elite, a qual dita as regras e organiza, a seu modo, o funcionamento dos grupos culturais. O que há é uma tentativa de homogeneização de algo que opera sobre a diversidade, sob um ponto de vista que passa sempre pelo político, tentativa que visa, sem o sucesso absoluto, apagar a heterogeneidade, apoiando-se na necessidade imaginada de pertencimento a um grupo, de ser aceito socialmente. Nas palavras do autor:

Resumindo: no limiar da modernidade, encontra-se o processo de *autoformação* da elite letrada ou esclarecida (que agora se distingue por seus ‘modos civilizados’, com suas duas faces de refinamento espiritual e adestramento corporal) que foi, ao mesmo tempo, um processo de formação orientada das ‘massas’ como campo potencial

da função, ação e responsabilidade das elites. (BAUMAN, 2012, p. 34, grifos do autor; o destaque sublinhado é meu).

Como vemos, a questão da divisão acompanha a sociedade em seus diversos modos de operação, isto é, há sempre uma contradição causada pelo caráter naturalmente ambivalente da noção de cultura, o qual acompanha, conforme o autor, as contradições que dão corpo à ambivalência que é própria da modernidade. Esse fato leva à percepção de que, aos moldes de Foucault, somos controlados ao mesmo tempo em que a liberdade é palavra de ordem na modernidade e condição primordial de sua existência. Essa “ambiguidade” perpassa tanto as tentativas de conceituação de cultura, como seu próprio funcionamento, tendo em vista que ambas são organizações sociais, que tentam dar conta das dualidades presentes nos ideais da modernidade.

Desse modo, a cultura surge como um *lugar de contradição*, no qual a transformação caminha ao lado da reprodução, configurando-se como um lugar de falha, de ruptura, em que a estabilidade é posta em xeque, já que ela permite “[...] tanto inventar quanto preservar; descontinuidade e prosseguimento; novidade e tradição; rotina e quebra de padrões; seguir as normas e transcendê-las; o ímpar e o regular; a mudança e a monotonia da reprodução; o inesperado e o previsível”. (BAUMAN, 2012, p.13-14). Essa concepção de cultura condiz com o arsenal teórico da AD e passa a ser relevante, portanto, para se pensar o discurso do corpo que está presente produzindo efeitos nos dizeres da prostituição masculina, visto que, reforçando, ele se constitui entre limites, na quase invisível fronteira que separa a tradição da novidade, o controle conservador da ruptura inovadora.

Os modos de interpelação do corpo e do sujeito podem variar, então, de acordo com a cultura, basta que lembremos as diferentes relações, por exemplo, que as mulheres estabelecem com seus corpos. Na nossa cultura, as mulheres possuem uma “*liberdade*”¹³ em mostrar seus corpos, a ponto de eles figurarem, por vezes, como mercadorias. Em culturas vizinhas, essa relação já possui outro funcionamento, quando vemos as mulheres escondendo seus corpos debaixo de

¹³ Marquei a palavra liberdade através de aspas para lembrar a *marcha das vadias*, movimento que surge como protesto ao discurso machista direcionado exatamente sobre esse ponto da liberdade da mulher na nossa cultura. Nele o corpo funciona como um mecanismo de resistência do sujeito, como um corpo que resiste... essa lembrança serve para, novamente, relacionarmos as culturas, já que dificilmente veremos esse tipo de funcionamento do corpo nas culturas vizinhas mencionadas.

panos, deixando apenas parte do rosto descoberta. Na cultura contemporânea, a prostituição do corpo está em evidente relação, como foi dito, com os aspectos que visam assegurar a busca pelo gozo imediato e absoluto. Caminhando ao lado da libertação dos corpos e da revelação da sexualidade “sem pudores”, ela funciona sob esse imaginário que coloca a imagem como a verdade alienante que ocupa um lugar de realidade social. Desse modo, o corpo do GP precisa estar em alguns aspectos dentro dos padrões que preservam uma visão machista da sociedade.

Como vimos, para que possa manter a virilidade, é necessário que os “prostitutos” se utilizem do corpo de modo a manter uma relação de dominador, de macho, numa cultura que relega, ainda, à masculinidade, e a todas orientações que dela derivam, o papel de detentora do poder dominador, o qual dita as normas e coloca ordem na relações sociais entre os sujeitos. Essa ordem emerge, é claro, nesse corpo assujeitado e desejante que abriga os sujeitos consumidores, o que fica “bastante visível” quando ele assume a função de objeto mercadológico e sexual ao abrigar, especificamente, o sujeito que se prostitui. A fim de manter a imagem do sexo forte, “(...) mais másculos que o mais heterossexual dos homens, os michês são quase caricatos na sua masculinidade. Descobriram que sendo assim têm mais chance de se comercializarem”. (PERLONGUER, 2008, p.100).

Esse aspecto da virilidade, de tentativa de manutenção da ordem no caos, muito difundido no discurso dos garotos de programa, me leva a trazer a noção antropológica de *técnicas corporais*, de Mauss (2003), conceito que surgiu como resultado da observação que o antropólogo realizou de diferentes sociedades e culturas, acerca de aspectos relacionados à maneira como os sujeitos “conduziam” seus corpos de modo a marcar uma atitude corporal que os diferenciava de sujeitos imersos em outras culturas, como, por exemplo, o modo de andar, de nadar, de dançar etc. das sociedades. Peculiaridades que o autor percebeu até mesmo quando observou a marcha dos soldados ingleses comparada com a dos franceses, na guerra. Em suas palavras, as técnicas do corpo referem-se às “[...] maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo”. (p. 401).

São técnicas que organizam os corpos e configuram uma ordem específica desses corpos físicos na sociedade, que passam por características não somente

físicas, mas também psíquicas e biológicas. Nesse sentido, o corpo assume uma imagem que é social, passando a ser uma peça na engrenagem da cultura. O corpo determinando e sendo determinado ideologicamente, através do qual circulam técnicas que perpassam os planos das práticas e dos discursos em uma sociedade, o que traz como consequência uma gestão específica dos corpos e, por conseguinte, dos sujeitos. Ao levar essa noção de técnicas corporais em consideração, Perlonguer, trata das contradições postas em jogo quando se relaciona o nível do discurso com o das práticas sexuais. O autor, ao fazer referência à tensão existente entre o nível dos atos e o das designações sobre os corpos, cada qual com sua autonomia relativa – numa relação entre o verbal (as designações) e o não verbal (as ações e os atos) no que se refere ao sexo –, nos diz o seguinte:

Agenciamentos coletivos de enunciação, agenciamentos maquínicos dos corpos: a ordem das categorias, do jurídico, se inscreve diretamente na 'gramática dos corpos'. Talvez o erro dos taxonomistas 'entomólogos' seja a sua falta de radicalidade. A disciplina dos códigos se implanta numa disciplina, também, dos corpos. (p. 214).

Na prostituição, tudo caminha como se houvesse uma relação transparente entre a ordem estabelecida nas práticas e o que sobre essas práticas dizem aqueles que a praticam. É uma relação que visa manter a aparência apenas mercadológica em detrimento dos impulsos sexuais que podem emergir no ato da venda sexual. No entanto, o que pode circular na opacidade dos sentidos é a contradição, a qual permite que convivam saberes de diferentes lugares, representando uma diversidade de imaginários sociais, onde, de acordo com o autor, as pulsões perversas, responsáveis pela possibilidade de ruptura com o estabilizado, na prática da prostituição, passam a conviver com o círculo do negócio e do corpo institucional. Como resultado: “A conversão das intensidades libidinais em signos monetários instaura um ‘intercâmbio fraudulento’[...]” (p.216), já que o simbólico tenta, pela pressão do imaginário, apagar os desejos que (co)existem no registro do real.

Essa complexidade das tramas que envolvem a prostituição e o discurso sobre ela, advém como podemos ver desse caráter sempre dialético e contraditório do corpo sexuado. Se seu funcionamento é controlado e normatizado por regras sociais, isso não o impede de resistir e de transformar a ordem do senso comum,

sobre a sexualidade, a qual está presente também na prostituição, visto que, como já foi dito, esse corpo articula, retomando a psicanálise, os três registros que afetam o sujeito: o real, o simbólico e o imaginário.

A busca pela manutenção da relação de poder, a partir de um lugar de dominador, emerge no discurso do GP na binaridade ativo/passivo. Ela representa uma maneira de o sujeito investir em seu corpo a fim de se aproximar do centro, negando a possibilidade de, além de estar à margem da sociedade por causa da prostituição, nela permanecer por assumir uma posição de dominado. Posição que ampliaria sua condição de marginal, reforçada, ainda, pela passividade na relação sexual, a qual está muito mais próxima da homossexualidade de acordo com o imaginário social, que é constituído, como já vimos, pelo machismo que ainda fundamenta nossa cultura. Essa configuração binária representaria, desse modo, uma das *técnicas do corpo* na prostituição masculina.

Abaixo, apresento a análise de mais duas sequências discursivas:

SD7 - *Muita gente chegou a duvidar que um garoto de programa pudesse escrever aquelas coisas. A riqueza de talento na minha capacidade em escrever fez um nó na cabeça de muitos. Mas ora bolas, eu sou um ser humano normal, tive estudo, tive leitura, não sou um pedaço de carne sem cérebro.*

SD8 - *Consigo me dividir e dar atenção aos outros. Trato isso de forma muito simples e madura. Nada disso quer dizer que vá mudar minha sexualidade, que vá mexer com minha cabeça, que pra fazer isso eu tenho que gostar disso. Não. Eu sinto prazer em satisfazer os meus clientes e ponto. Além de eu conhecer muito bem o meu corpo e saber como fazer ele funcionar em diversas situações diferentes.*

Em SD7 a divisão também é muito clara, muito semelhante à SD1, só que não se relaciona diretamente com a criação de uma personagem. Todavia, coloca em xeque a possibilidade de co-existência entre o imaginário de garoto de programa e o imaginário de intelectual. O enunciado é dividido novamente pela opositiva **mas**, o que permite perceber PS2 trazendo um saber que é recorrente no imaginário social sobre a prostituição. No discurso, essa posição emerge para marcar a divisão do sujeito e negar, em seguida, um saber que é exterior à FD da prostituição, e que, no entanto, pode estar intimamente ligado à PS1, aquela que se mantém identificada

com os sentidos dominantes os quais justificam, acima de qualquer coisa, o uso do corpo sexuado pelo dinheiro, mesmo que para isso se tenha que ser apenas um *pedaço de carne*.

O que vemos é o confronto entre posições, como foi dito no capítulo 1, que representam os lugares A e B no discurso, ou seja, o lugar do garoto de programa e o da sociedade, respectivamente. O sujeito, ao dizer, antecipa sua imagem que é constituída pela sociedade, como que a confrontando, o que configura a pergunta *quem é ele para que me fale assim?*, sobre a qual nos falava Pêcheux (2010), a qual compunha os enunciados das posições sujeito no discurso. Essa pergunta faz parte, desse modo, do quadro das formações imaginárias e está relacionada à IB(A), ou seja: “A imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B”. (p.82).

Em seguida, a marca linguística de negação, representada pelo advérbio **não** instaura uma *negação polêmica* (INDURSKY, 1990), já que representa na materialidade posições ideológicas antagônicas, saberes de diferentes formações discursivas que divergem entre si, isto é: “A polêmica aí se instaura porque tais pontos de vista representam posições de sujeito determinadas por FD antagônicas”. (p.119). Essa negação coloca de maneira mais enfática o confronto da PS2 com PS1, a partir dos sentidos que derivam de uma FD que organiza saberes contra a prostituição, provavelmente dominadas pelo preconceito e pela moralidade, os quais dominam o imaginário social a respeito do garoto de programa, ou seja, consideram que ele, por fazer uso do corpo como instrumento de trabalho, não é capaz de desenvolver a capacidade de ordem intelectual. Eu diria que aí ainda teríamos uma contra-identificação de PS2, em relação a PS1, a qual apóia-se em saberes externos à FD da prostituição para negar-lhes e manter-se menos identificada com os sentidos dominantes que conduzem PS1.

Em SD8 emerge o prazer de uma forma mais liberta, para além da justificativa do negócio. Irrompe o desejo no discurso e o corpo goza “descompromissadamente”, permitindo que o sujeito dividido “esqueça” a necessidade que serve de base para o corpo sexuado se prostituir, se distanciando, de certa forma, dos saberes dominantes da forma-sujeito da FD sem, contudo, nela deixar de permanecer. Se na SD6 o prazer emerge com sua necessidade, marcando o enunciado dividido pelo **mas** e suas respectivas posições de sujeito, nessa sequência

ele surge para, mais uma vez trazer um distanciamento dos saberes da FD, o que me leva a considerar que aparece novamente a PS3, aquela que antes, em SD3, aparecia ligada aos saberes religiosos.

É uma contradição?

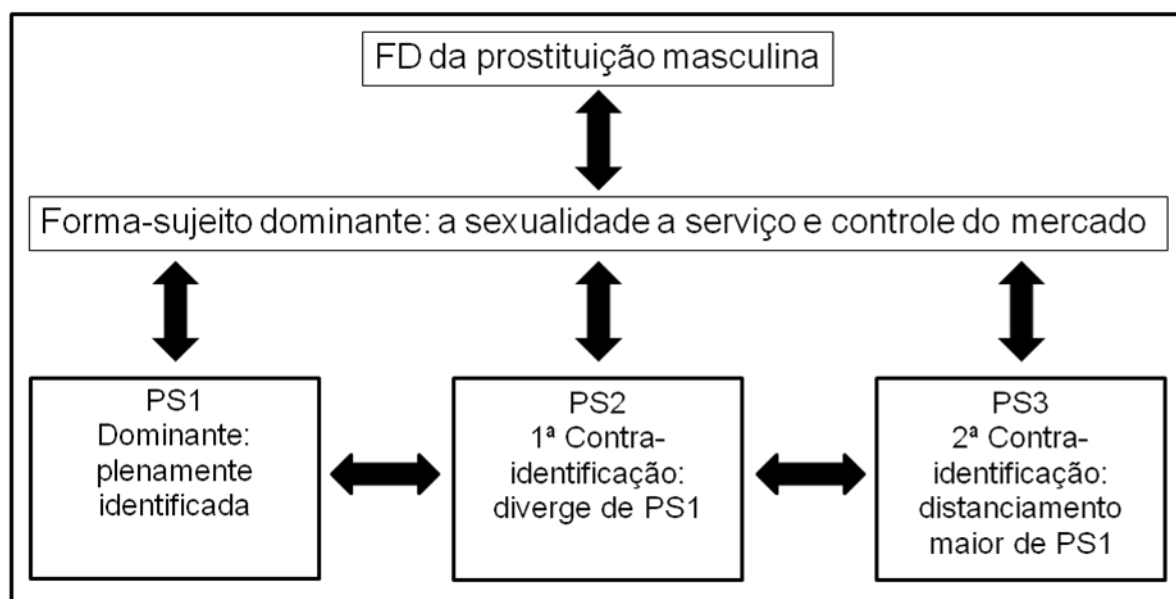
Embora os saberes que relaciono ao surgimento da PS3 sejam de ordens bastante diversas, já que em SD3 ela está a serviço da moral, do controle, e aqui em SD8 da liberdade e “descontrole” dos corpos, eles a mantêm mais distante de PS1 do que aparece com PS2. O excesso de uso da conjunção integrante **que**, utilizado para manter o sujeito ilusoriamente preso aos domínios da forma sujeito que domina a FD da prostituição (o prazer pelo sexo, sem que a virilidade seja abalada), não impede que irrompa PS3, agora negando esse saber de um modo mais velado, tendo em vista que, apesar do uso do **não**, essa negação não chega a causar polêmica, instaurando o que Indursky (1990) chamou de *denegação discursiva*, a qual “[...] relaciona-se com a interioridade da FD e com o modo como o sujeito com ela se relaciona [...]”. (p.120), diferente do que acontece com a negação polêmica formulada pela autora. Aqui não há antagonismo entre posições de sujeito de FD’s antagônicas e seu efeito incide “[...] sobre um elemento de saber que pode ser dito pelo sujeito do discurso mas que, mesmo assim, permanece recalcado na FD, manifestando-se em seu discurso apenas através da modalidade negativa”. (INDURSKY, 1990, p.120).

Essa posição heterogênea, representada por PS3 surge para que se vislumbre o caráter contraditório do corpo e sua transição por diferentes domínios de saber, conforme o referi no primeiro capítulo, e se perceba a fragmentação da forma sujeito delineada nesta FD da prostituição, de modo que, se mantivermos a escuta desse discurso do corpo na prostituição masculina, com certeza novas posições surgirão. Afinal, estamos lidando com o corpo e com o sujeito sob a perspectiva discursiva, através da qual a opacidade e heterogeneidade, a ruptura e a resistência, sempre se sobressairão em relação às imaginadas estabilização e transparência dos sentidos.

5 SAINDO DO LABIRINTO PARA NELE PERMANECER

Apresento de início, como uma espécie de síntese da interpretação empreendida nas análises, um quadro representativo das noções articuladas funcionando no discurso da prostituição masculina. Em seguida, tecerei alguns comentários a fim de explicá-lo, bem como a fim de produzir o efeito final de texto, organizando as principais considerações que surgem como resultado desse empreendimento pelo mundo *underground* do corpo sexuado.

Figura 2: Quadro Síntese: o funcionamento discursivo da prostituição masculina na divisão do sujeito



Fonte: elaborado pelo autor

Esse quadro ilustra o funcionamento produzido pelo discurso do garoto de programa a respeito de sua prática e de seu corpo, num sentido mais específico. Pude perceber que, por se tratar de uma posição ideológica inscrita numa formação discursiva que possibilita a transição dos saberes dominantes, entre o sexo e o mercado, o sujeito emerge como um lugar da contradição, que lhe é inerente, fragmentando-se em posições de sujeito que, apesar de resistirem e de aparentemente romperem, se distanciando dos saberes dominantes organizados

pela forma sujeito, e de os sentidos deslizarem, mantêm-se no interior da FD. Há um movimento de sentidos que coloca a ver o caráter dialético que é a base dos processos discursivos, onde a reprodução não ocorre sem que a transformação caminhe junto, e vice-versa, a cada vez que uma palavra é proferida pelo sujeito no discurso.

Por perceber o garoto de programa como um indivíduo que ocupa um lugar marginal na sociedade, acredito que tenha sido relevante um olhar sobre o modo como a ideologia cristaliza sentidos no imaginário social a respeito desse sujeito. A mudança de termo aqui ocorre justamente para explicitar que esse imaginário determinado ideologicamente, nos âmbitos da AD, só é possível de ser analisado quando consideramos o discurso como objeto, e com ele o sujeito e sua entrada no simbólico. Logo, de indivíduo, passamos, os analistas de discurso, a considerar o sujeito do discurso.

Considero, ainda, que uma temática que explore a constituição do sujeito na contemporaneidade em relação a sua condição social, ao seu corpo e ao seu lugar numa formação social capitalista, torna-se de extrema relevância quando circunscrita nos estudos da linguagem, já que, desse modo, é possível relacionar saberes teóricos de diferentes áreas na tentativa de compreender os processos ideológicos, culturais e sócio-históricos que subjazem os dizeres que circulam na atualidade. Nesse sentido, a AD, articulada com alguns saberes da Antropologia e da Psicanálise, permitiram um movimento de interpretação sobre o discurso da interpretação, através de um olhar ao corpo e à cultura, como elementos constituídos pelo social e pelo psíquico e capazes de desestabilizarem a ordem, desorganizando o “estável”, rompendo com os padrões e permitindo ver a contradição que fundamenta o sujeito e o discurso sob a perspectiva discursiva.

Busquei neste texto, portanto, fazer uma análise do modo como o sujeito do discurso materializa-se na língua e deixa ver seu caráter fragmentado e contraditório, do mesmo modo que a ideologia, que é falha, materializa-se nessa língua considerada sob a concepção discursiva, ou seja, como uma materialidade da ordem da incompletude, onde os sentidos podem sempre ser outros. E mais: o modo como essa língua, a qual se tem acesso, no interior de sua estrutura, ao que lhe é externo, como a história, a ideologia e o sujeito, porque é o lugar que comporta o

equívoco, resiste e leva à percepção da resistência da ideologia, evidenciando a desestabilização inerente ao discurso, que comporta em seu interior todo tipo de falha e de contradição.

Do mesmo modo, o corpo apresenta-se, na perspectiva discursiva utilizada, como uma materialidade significativa, como um lugar de falha, que resiste e permite vislumbrar os efeitos de sentido que estão em jogo no discurso de um sujeito. Um corpo do desejo e do gozo, ele aparece como um registro da ordem da contradição, onde o inconsciente intervém à revelia do sujeito, marcando falhas no ritual de interpelação. Resistente, ele transgride normas e disciplinarizações do domínio ideológico, configurando-se como um elemento passível de análise na AD, pois carrega características do materialismo dialético, já que reproduz e transforma as relações imaginárias que constituem os sujeitos na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

ALTHUSSER, L. A Propósito da Ideologia. In: **Sobre a Reprodução**. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1999.

BARBAI, M.A. “E suas palavras pousam”: sujeito, ideologia e inconsciente. In: RODRIGUES, E.A et al., (Orgs.). **Análise de Discurso no Brasil**: pensando o impensado sempre. Uma homenagem a Eni Orlandi. Campinas. RG, 2011, p.373-386.

BAUMAN, Z. **Ensaio Sobre o Conceito de Cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BIRMAN, J. O sujeito Desejante na Contemporaneidade. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria C. L. (Orgs.). **Análise do Discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007, p. 21-35.

CANALE, F. **Garotos de programa, Parte 2**: leia a entrevista com um GP. Disponível em: < <https://br.noticias.yahoo.com/blogs/para-curtir/garotos-programa-parte-2-leia-entrevista-com-um-111158701.html>>. Acesso em: 18 nov. 2012a.

CANALE, F. **Garotos de programa, Parte 3**: leia as experiências de quem os contrata. Disponível em: <<https://br.celebridades.yahoo.com/blogs/garatos-programa-parte-3-leia-experi%C3%AAsncias-quem-os-071721396/garatos-programa-parte-3-leia-experi%C3%AAsncias-quem-os-071721396.html>>. Acesso em: 18 nov. 2012b.

COURTINE, J-J. **Análise do Discurso Político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

_____. Introdução. In: CORBIN, A; COURTINE, J-J; VIGARELLO, G. (Dir.). **História do Corpo**: as mutações do olhar: o século XX. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 07-12.

DE NARDI, Fabiele S. Um Olhar Discursivo Sobre Língua, Cultura e Identidade. Reflexões sobre o livro didático para o ensino de espanhol como língua estrangeira. 2007. (202 pág.). Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2007.

DUFOUR, D-R. **A Arte de Reduzir as Cabeças**: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

ELIA, Luciano. **O Conceito de Sujeito**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ERNST, A. Corpo, discurso e subjetividade. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C. (Orgs.). **Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Claraluz, 2007, p. 135-44.

FERRARI, G. **Gabriel e sua Ferrari**. Disponível em: <<http://gabrielesuaFerrari.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 10 nov. 2012, 20h30.

FEU DE CARVALHO, F. Z. Michel Pêcheux e a escrita do sujeito desejante. In: TUFONI, Leda V. (org.). **Letramento, Escrita e Leitura**. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo, SP: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade III: o cuidado de si**. 12 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FREUD, S. **Um Caso de Histeria, Três Ensaio Sobre Sexualidade e Outros Trabalhos (1901-1905)**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FUKS, Betty. **Freud e a Cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

INDURSKY, F. O sujeito e as feridas narcísicas dos linguistas. In: **Gragoatá**, n.5. Niterói/RJ: EdUFF, 1998.

_____. Polêmica e Denegação: dois funcionamentos discursivos da negação. In: GERALDI & ORLANDI (orgs.) **Caderno de Estudos Lingüísticos 19 – O discurso e suas análises**. Campinas, 1990, p. 117-122.

_____. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise de Discurso. In: CAZARIN, E. A.; GRIGOLETTO, E; MITTMANN, S. **Práticas Discursivas Identitárias: sujeito e língua**. Porto Alegre: Nova Prova, 2008, p. 09-32.

JORGE, M.A.C. e FERREIRA, N.P. **Lacan, o grande freudiano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

KEHL, M. R. **O Sintoma no Laço Social Contemporâneo**. Transcrição de palestra proferida na UFRGS, 2001.

LEANDRO FERREIRA, M. C. A trama enfática do sujeito. In: INDURSKY, Freda. & FERREIRA, Maria C.L.(orgs.) **Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Claraluz, 2007, p. 101-107.

_____. O discurso do Corpo. In: SANSEVERINO & MITTMANN (orgs.). **Trilhas de investigação: A pesquisa no I.L. em sua diversidade constitutiva**. Porto Alegre, Instituto de Letras/UFRGS, 2011a, p. 89-102.

_____. O estatuto da equivocidade da língua. In: GUEDES & LIMA (orgs.) **Estudos da Linguagem**. Porto Alegre, CPG Letras/UFRGS. Col. Ensaio, 10, 1996, p. 39-5.

_____. O lugar do Social e da Cultura Numa Dimensão Discursiva. In: INDURSKY, Freda; MITTMAN, S.; FERREIRA, M. C.L. **Memória e História na/da Análise do Discurso**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

LIMA, E. S.; QUADRO, C. Prostituição, Masculinidades e Cidadania: a necessidade da construção de uma identidade. In: **GAPA. Prevenção à AIDS e direitos humanos, relato de experiências, conquistas e construção de espaços**. Vol. 1, Rede Gapa, São Paulo, 2005.

MAUSS, M. As técnicas do corpo. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 399-422.

MELMAN, Charles. A Questão do Corpo em Psicanálise. In: **Revista Psicanalizar Hoje**. Ano VI, número 6. Curitiba, PR: Associação psicanalítica de Curitiba (publicação interna), 2002.

MITTMANN, S. Discurso e texto: na pista de uma metodologia de análise. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C. (Orgs.). **Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Claraluz, 2007, p. 153-62.

ORLANDI, E.P. **A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso**. 6 ed. Campinas/SP: Pontes, 2011.

_____. **Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 10 ed. Campinas: Pontes Editores, 2012a.

_____. Processos de significação, corpo e sujeito. In: ORLANDI, E. P. **Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia**. 2 ed. Campinas: Pontes Editores, 2012b, p. 83-96.

_____. Quando a Falha Fala: materialidade, sujeito, sentido. In ORLANDI, E. P. **Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia**. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012c, p. 69-82.

PÊCHEUX, M; FUCHS C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 4. ed. Campinas: Unicamp, 2010. p. 159-249.

PÊCHEUX, M; GADET, F. Há uma via para a lingüística fora do logicismo e do sociologismo? In: ORLANDI, E. P. (Org.). **Análise de discurso: Michel Pêcheux**. 2. ed. Campinas: Pontes Editoras, 2011. p. 295-315.

PECHÊUX, M. (1969). Análise automática do discurso (AAD69). In: GADET & HAK (orgs.). **Por Uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de**

Michel Pêcheux. 4. ed. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas/SP: Unicamp, 2010, p.59-158.

_____. (1982). Delimitações, Inversões e Deslocamentos. Trad. José Horta Nunes. In: GERALDI & ORLANDI (orgs.) **Caderno de Estudos Lingüísticos 19 – O Discurso e suas Análises**. Campinas, 1990, p. 07-24.

_____. Só Há Causa Daquilo que Falha ou o Inverno Político Francês: início de uma retificação. In: PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4. ed. Campinas: Unicamp, 2009, p. 269-81.

_____. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 4ed. Campinas: Unicamp, 2009.

_____. Especificidade de Uma Disciplina de Interpretação (análise de discurso na França). In: ORLANDI, E. P. (Org.). **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. 2. ed. Campinas: Pontes Editoras, 2011, p. 227-30.

PERLONGHER, Nestor. **O Negócio do Michê: a prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

PLON, M. Lacan-Pêcheux, de um Discurso Outro, o Impossível Encontro. In: MARIANI, B., MEDEIROS, V.& ROMÃO, L.M.S.(orgs.) **Dois Campos em (dês)enlaces: discursos em Pêcheux e Lacan**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

ROLNIK, S. “Fale com ele” ou como tratar o corpo vibrátil em coma. In: FONSECA, T. M. G.; ENGELMAN, S. (Orgs.). **Corpo, Arte e Clínica**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SOHN, A-M. O Corpo Sexuado. In: CORBIN, A; COURTINE, J-J; VIGARELLO, G. (Dir.). **História do Corpo: as mutações do olhar: o século XX**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 109-54.